

# ILUSTRAÇÃO

N.º 264 — 11.º ano



A VIRGEM E O MENINO

(Quadro de Murillo)



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiêne — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

**A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!**

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . **Esc. 30\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**



ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

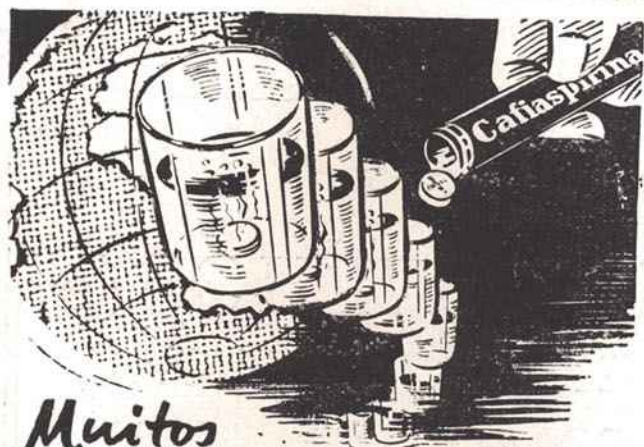
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00 32\$10	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Brasil (Registada).....	—	67\$00 91\$00	134\$00 182\$00
Outros países (Registada).....	—	75\$00 99\$00	150\$00 198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Muitos remédios num só tubo

São 15 os comprimidos de Cafiaspirina contidos na conhecida embalagem original.

Cada um deles actúa sobre muitas espécies de dores. A Cafiaspirina é o remédio mundialmente empregado contra dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc.. Milhões de pessoas a tomam no início dum mal-estar. Em milhões de lares existe na farmácia caseira, no lugar de honra. Siga êste exemplo adquirindo um tubo de Cafiaspirina.

Quanto mais depressa se reage contra o mal, menos êle **dura** e mais cêdo volta a boa disposição



# Cafiaspirina

## LIVROS

São os melhores brindes do Natal

ÚTEIS, VALIOSOS, DURADOIROS

Livros de tudo e para todos

Nacionais e estrangeiros

Colecções próprias para crianças

Obras de arte, de medicina,  
de literatura em magníficas encadernações

Livros de aventuras, de viagens, etc.

Façam os seus pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## PRODUTOS



Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M. me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik**, etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 21866

## AMBAS O QUERIAM



### Mas Só Uma Pôde Triunfar

Êle escolheu a mulher cuja pele era branca, macia e aveludada — o género de pele de que todos os homens gostam e admiram. Toda a mulher pode actualmente embranquecer, amaciar e embelezar a pele, fazendo o simples uso, todos os dias de Creme Tokalon, alimento para a pele, cor branca (não gorduroso). Êste creme contém presentemente creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes que embranquecem e tonificam. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas cutâneas, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira que desaparecem, embranquece e amacia a pele mais escura e seca. Mantém fresca e numa ligeira humidade, mas isenta de gordura, a epiderme mais ressequida. Convém igualmente a uma pele oleosa.

O Creme Tokalon, Alimento para a Pele (cor branca) dá, em 3 dias, à pele, uma beleza e frescura novas e indiscutíveis e isto dum forma impossível de obter doutro modo. Deveria usar-se todas as manhãs. Se a sua pele está cheia de rugas e envelhecida, V. Ex.ª deve também empregar o Creme Tokalon, Alimento para a Pele (cor de rosa), à noite, antes de se deitar, Alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono.

Os Cremes Tokalon encontram-se à venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à

AGENCIA TOKALON

88, Rua da Assunção - LISBOA

que atende na volta do correio.



GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.<sup>A</sup> EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA  
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL,  
DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado 12\$00  
Pelo correio, à cobrança 14\$00

Edição da **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

Obras de **ALEXANDRE HERCULANO**

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
<b>O monge de Cister</b> , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> — 284 páginas, brochado	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal</b> — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
<b>Composições várias</b> — 374 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Poesias</b> — 224 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

**Opúsculos:**

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00

**Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO **P. B.**  
FAMILIAR

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e de-pertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.**

*Volumes publicados:*

**M. MARYAN**

**Caminhos da vida**  
**Em volta dum testamento**  
**Pequena rainha**  
**Dívida de honra**  
**Casa de família**  
**Entre espinhos e flores**  
**A estátua velada**  
**O grito da consciência**  
**Romance duma herdeira**  
**Pedras vivas**  
**A pupila do coronel**  
**O segredo de um berço**  
**A vila das pombas**  
**O calvário de uma mulher**  
**O anjo do lar**  
**A força do Destino**  
**Batalhas do Amor**  
**Uma mulher ideal**

**SELMA LAGERLÖF**

**Os sete pecados mortais e outras histórias**  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTÍFICAS  
RESULTANTES DE PROFUNDAS  
INVESTIGAÇÕES**

## **Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia**

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ.

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da frente.  
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um romance formidável!

## **SEXO FORTE**

por SAMUEL MAIA

**3.<sup>a</sup> ed.** Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas.*

1 volume de 288 páginas, broch. . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## **MOSAICOS CERAMICOS**

Impermeáveis — duração eterna. Bonitos e variados padrões.

## **Azulejos Brancos e de Côr**

Devido à facilidade no asseio, o azulejo é o revestimento ideal para as paredes de casas de máquinas, corredores, escritórios, cozinhas, casas de banho, refeitórios, etc.

## **LOIÇAS SANITÁRIAS**

Faiança rija. Não estala o vidro.  
Modelos modernos.

## **LOIÇAS DOMÉSTICAS**

Fabrica-se tudo quanto é preciso numa casa: serviços de mesa para jantar, chá, lavatório, artigos de cozinha, etc., etc.



Não receiam confronto com o artigo estrangeiro os produtos da

## **Fábrica de Loiça de Sacavem, L.<sup>da</sup>**

FUNDADA EM 1850

LISBOA — Avenida da Liberdade, 49

PÓRTO — Rua das Carmelitas, 40

Séde: Rua da Prata, 126, 132

Por isso deve dar-se a preferência ao artigo da

**INDÚSTRIA NACIONAL**

## **O Bébé**

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## **DOCES E COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



## NOVIDADE LITERÁRIA

DENTRO DE POUCOS DIAS À VENDA

# VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a cores,  
ouro e prata . . . . **12\$00**

Pelo correio, à cobrança . . . . **14\$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

## Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPÉUTICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de água fermal,  
Banhos de água do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulver-  
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A PROSA ADMIRÁVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.<sup>a</sup> edição de

## Neves de Antanho

do CONDE DE SABUGOSA

*Ignês Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites  
de Lára. — Um romance na Corte de D. João III.  
Desculpa de uns amores. — A filha de Pedro  
Nunes. — Sôror Violante do Céu. — D. Francisco  
Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor  
aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão  
de Ano Bom no Paço da Ajuda.*

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12\$50**  
Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRAÇÃO:  
RUA ANCHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: —  
2 0535

N.º 264 — 11.º  
16-DEZEMBRO-1986

# ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

São decorridos dois mil anos sobre a vinda de Jesus a este Mundo misero e perverso. Nos salutarens ensinamentos do divino nazareno poderia a humanidade ter encontrado a tão suspirada redenção, e, no entanto, nada conseguiu até hoje!

Jesus surgiu numa época de despotismo feroz, e, não obstante ter aconselhado que «a César fôsse dado o que a César era devido», o seu verbo flamejou como um açoite de fogo contra o egoísmo, contra a perversidade e contra a tirania. Prêgou o bem, exortou as multidões à prática da caridade, derramou a fé e a esperança nos corações oprimidos e torturados, nimbou o Mundo num clarão de bondade infinita, chegando a perdoar a quem o matou.

Como se compreende que, na posse dum tal evangelho, a humanidade persista em ser cada vez mais perversa? O seu grau de civilização, de que tanto se ufana dar-lhe-á ainda o direito de ser perdoada por não saber o que faz?

Mais uma vez se comemora o Natal de Jesus. Neste momento, em que os vários credos se chocam numa fúria carniceira, bom seria que todos os homens pensassem que Jesus, ou Deus

## NATAL

ou Homem, foi o redentor da humanidade. Foi supliciado por ter prêgado a humildade e o bem, por ter amado os simples, por ter levado conforto aos lares desventurados, por ter afogado as criancinhas, por ter contraditado os escribas e os fariseus, por ter discutido com os doutores da lei, por ter interpretado, em suma, na sua candura de visionário, a letra das Escrituras.

Portanto, ou Messias, ou simples rabbi, descendente da nobre estirpe de David ou plebeu humilde, era bem aquele que, segundo as profecias, haveria de surgir, um dia, a trazer a redenção da humanidade com o seu verbo de luz, o seu exemplo e o seu martírio. Perante o sacrifício do Grande Mártir, desflagrou a reacção dos oprimidos. E assim se cumpriram as formosas bemaventuranças do sermão da Montanha:

«Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados...»

Cristo será, pois, para todos os mortais o Redentor da Humanidade, quer seja aureolado pelo clarão vivíssimo da Fé, quer seja observado à luz fria da Razão.

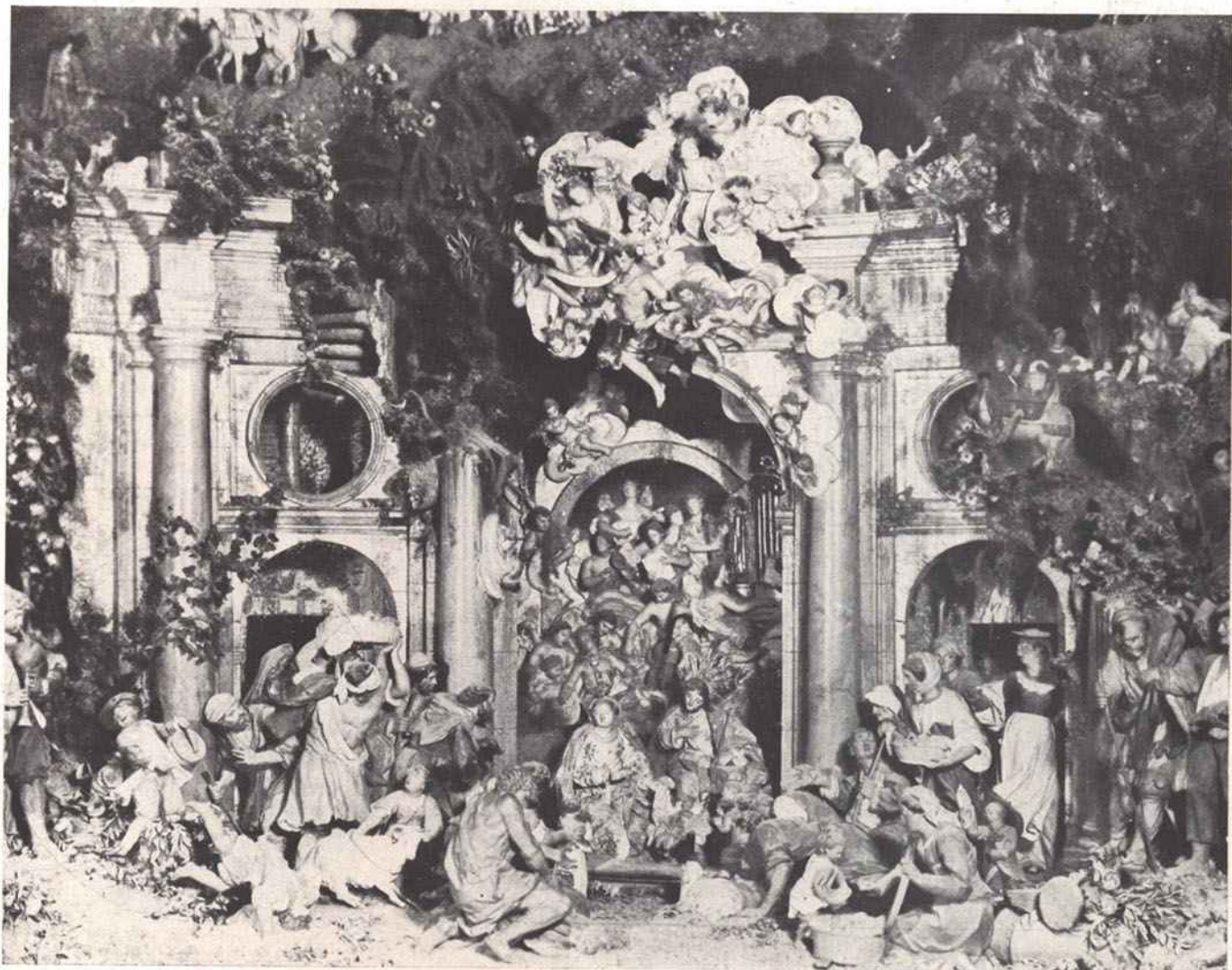
O seu verbo era cristalino como a água do poço de Sicar que a Samaritana lhe oferecera da sua ânfora de barro vermelho. E, assim, como todos os sedentos poderiam ir ali encher a concha da sua mão, todos os rudes poderiam compreender os ensinamentos singelos e encantadores que, no rebordo dêsse poço, fôram dados ao Mundo inteiro.

— É chegado o momento — dissera ele — de acabarem os ódios entre os homens!

Estava lançada a semente da Fraternidade. A grande seara ergueria, em breve, as suas messes fecundas, e entre o verde esperança da vegetação, brotariam as papoilas a que o sangue do Mártir daria cor mais viva.

Porque não o compreendeu ainda a Humanidade?

Porque festeja ainda o Natal de Jesus, do Redentor, cujos ensinamentos despreza?







O rei Eduardo VIII acompanhado por seu irmão, o duque de York, actual soberano da Inglaterra, no dia do Jantar de seu pai, Jorge V

Inglaterra, ainda há pouco enlutada pela morte do rei Jorge V, tem um novo soberano — Sua Majestade Imperial o rei Jorge VI. Desta vez, porém, a sucessão não foi provocada por crepes funerários, mas porque o rei Eduardo VIII, aliás adorado pelo seu povo, decidiu abdicar no seu irmão duque de York, e dar livre curso aos impulsos do seu coração amoroso.

Ao despedir-se do seu povo, o ex-rei Eduardo VIII proferiu um discurso que todo o Mundo ouviu e decorou.

O ex-soberano falou do Castelo de Windsor, tendo o locutor anunciado: «Vai falar Sua Alteza Real o Príncipe Eduardo.»

Eis o discurso do grande rei que «as-

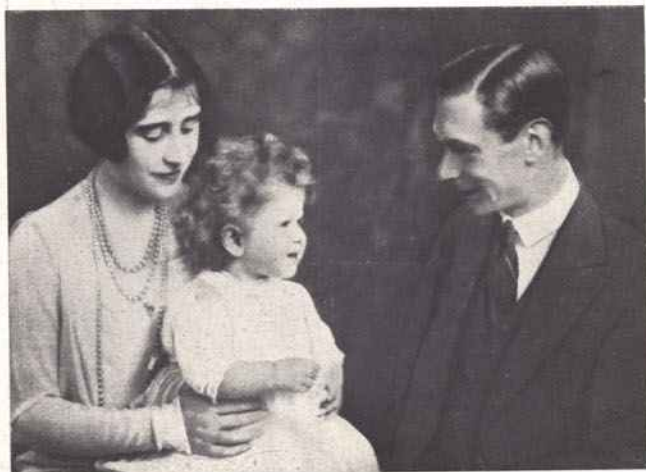
pirava à felicidade imensa de ter um lar feliz com mulher e filhos»:

«Depois dum longo silêncio posso agora, eu próprio, dizer algumas palavras. Nunca desejei ocultar nada, mas a Constituição não me permitia que fiasse. Há algumas horas deixei o cargo de rei e imperador. Sucede-me nesse cargo meu irmão, o duque de York, e



A princesa Isabel, herdeira do trono britânico

quero que as minhas primeiras palavras sirvam para declarar que o reconheço como meu rei. Digo isto com todo o meu coração. Todos vós conheceis as razões que me levaram a renunciar ao



O duque de York com sua esposa e a princesinha Isabel quando esta tinha apenas três anos de idade

## A ABDICAÇÃO DE

# Como um soberano se

tronou, mas desejo fazer-vos compreender a minha decisão e mostrar-vos que não esqueci nem o país nem o Império que, como príncipe de Gales e mais tarde como rei, procurei servir durante 25 anos. Deveis acreditar-me quando declaro que considerei impossível continuar a minha pesada responsabilidade e a cumprir, como queria, os meus deveres de rei sem o auxílio e o amparo da mulher que amo.

«Quero dizer-vos que a minha decisão foi tomada sozinho e assumo a sua responsabilidade. Só a mim competia julgar. A pessoa que, juntamente comigo, estava mais interessada tentou até ao último minuto persuadir-me a que mudasse de decisão. Tomei esta resolução — a mais séria da minha vida — porque se me afigurou melhor para todos. Foi ajudada pela convicção de que meu irmão, graças à sua longa experiência dos negócios públicos e às suas belas qualidades, seria capaz de me suceder no trono, sem prejuízo para a vida e o progresso do Império.

«A felicidade intensa que muitos dentre vós conheceis e que até este dia me não foi dada — ter um lar feliz, com mulher e filhos — é o que desejo.

«Durante estes dias difíceis fui confortado por Sua Majestade a Rainha, minha mãe, e pela minha família. Os ministros da Coroa e, particularmente, Baldwin tiveram para mim todas as deferências. Nunca houve litígio entre mim e eles acerca da Constituição, como não houve entre mim e o Parlamento. Educado por meu pai no respeito das



O duque de York, actual rei da Inglaterra

## EDUARDO VIII

# despede do seu povo

tradições constitucionais, nunca consentiria que surgisse semelhante litígio. Desde o dia em que fui príncipe de Gales e depois, enquanto fui rei, nunca deixei de ser tratado com a maior bondade por todas as classes do povo britânico. Em toda a parte onde vivi ou me levaram as minhas viagens — na Inglaterra, como no resto do Império —



Um belo retrato da princesa Isabel aos três anos de idade

sempre senti essa grande amizade e desejo agradecê-la.

«Abandono agora, para sempre, os negócios públicos e deponho o meu fardo. Poderá passar algum tempo antes que regresse ao meu país natal, mas a minha sorte permanecerá ligada à da raça britânica, à do Império, e se alguma vez no futuro, meu irmão, a título privado, apelar para o meu auxílio estarei pronto a responder a esse apelo.

«Agora temos um novo rei. Do fundo do meu coração desejo a êle e a vós

todos, que sois o seu povo, felicidade e prosperidade. Deus vos abençoe a todos e que Deus guarde o rei».

Que maior elevação poderia ser exigida a um rei do nosso tempo?

Falou-se num escândalo que afectava a rigidez maciça da tradição britânica, visto que o rei desejava casar-se com a senhora Simpson que não tinha nas veias o indispensável sangue real.

Que lhe importava esse requisito, se era ela a mulher que amava?

Poderia acaso admitir-se que os reis não fôsse de carne e osso, que não tivessem sangue e nervos como qualquer dos seus súditos mais humildes, e que, por isso, estivessem isentos duma



O ex-rei Eduardo VIII, actual duque de Windsor

não vacilou em cortar o nó górdio, e com tanto carácter e grandeza de alma, que ficaram, à mesma altura, êle a Pátria.

Póde dizer-se que nunca foi maior, mais humano, um Rei-Imperador e nunca foi maior a Inglaterra, que, pela impassível majestade da Lei, impõe sempre, como supremo, o interesse nacional.



alma que vibrasse, dum coração que sentisse e duma vontade que os conduzisse para o oasis das suas aspirações mais gratas?

Recordando agora as lindas histórias que, há muitos anos, a nossa avózinha nos contava acerca de príncipes encantados que se apaixonavam por pastorinhas humildes, temos a impressão de que a santa velhinha não era tão fantástica como, mais tarde, chegamos a calcular... Ainda há príncipes encantados neste Mundo!

Pois Eduardo VIII

A senhora Simpson



# A MORTE DO GUNGUNHANA

No dia 23 do corrente passa o 30.<sup>o</sup> aniversário da morte do Gungunhana que, dez anos antes, havia sido preso no Chaimite.

Embora se dissesse que o famoso soberano vátua era ambicioso e sanguinário, chegando a afirmar-se que, por morte de seu pai, o poderoso Muzila, mandara assassinar o irmão mais velho que lhe fazia sombra, e se proclamara rei, não nos parece que fôsse tão mau como para aí se espalhou.

É certo que, ao apoderar-se da soberania, trocou o nome de Mudungaz, que então usava, pelo de Gungunhana, com que eram designadas umas furnas das montanhas de Cherinda, em Mussurize, onde eram massacrados os condenados à morte.

E daí talvez tivesse escolhido êsse nome sinistro para se fazer respeitar.

Que matara o irmão para se apoderar do trôno?

Mesmo que assim fôsse, quem poderia censurar o régulo vátua que, dando largas aos instintos ferozes que a sua vida selvagem mais lhe excitava, quando tantos soberanos europeus não tiveram escrúpulo em sacrificar irmãos ou qualquer membro da família que lhe podessem servir de obstáculo?

O que fez o nosso D. Pedro II, que não só usurpou a corôa ao irmão, como fez o mesmo à mulher?

E' possível que o Mudungaz, ao tomar o nome de Gungunhana, tivesse mandado assassinar o seu irmão Mafemane que lhe disputava a soberania, mas, se assim procedeu, é porque não era tão selvagem como parecia.

A nosso vêr, o Gungunhana era leitor da História Universal, tendo aprendido nas suas páginas, salpicadas de crimes hediondos, a maneira mais prática de suceder a seu pai Muzila.

Depois, entregue aos carinhos das suas sete esposas, a Namatuco, a Fussi, a Patihina, a Muzamussi, a Maxaxa, a Xesipe

e a Dabondi, ia vivendo o melhor que podia e sabia, procurando deixar um bom futuro ao seu filho Godide.

Por sua vez, o tio Molungo que o criara de pequenino, e o Zichacha faziam todo o possível por lhe tornar a vida feliz.

Após a sua captura, o Gungunhana foi levado para Lourenço Marques, e de lá conduzido para a Europa. Quando chegou a Lisboa, todos o quizeram vêr, e, pelo rápido passeio que deu, de carruagem, através das principais ruas da Baixa, o desventurado régulo pôde convencer-se de que, se uma multidão enorme manifestava uma natural curiosidade em reconhecer êsse inimigo vencido, que tanto dinheiro e sangue custara aos portugueses, não encontrou a mais leve manifestação que magoasse a sua desgraça. Tôda aquela gente contemplava aquêl negro obeso, atarracado de olhos maliciosos e feições grosseiras que lhe era mostrado como se fôsse um animal curioso.

O receio, que o Gungunhana tantas vezes patentiou durante a viagem, de que chegando a Portugal lhe cortariam a cabeça, dissipou-se seguramente ante a atitude benévola e até sorridente que a população lisboeta mostrou ao presenciar o desfile.

Quando o mandaram para Angra do Heroísmo, o Gungunhana pretendeu exhibir as imunidades do pôsto de coronel que lhe fôra concedido por ocasião dos tratados que celebrou com Portugal, mas nada impediu que seguisse com a remuneração e comida de sargento.

Essa desventurada família até o nome perdeu: o Gungunhana passou a chamar-se Reinaldo, o Godide ficou sendo



Zichacha, Molungo, Godide e o Gungunhana quando chegaram a Lisboa em 1896

Fôra acometido dum ataque de paralisia. Conduzido ao hospital militar, ali faleceu oito horas depois.

Seu filho Godide, o tio Molungo e Zichacha choraram sôbre o cadáver durante largo tempo, não tendo tomado parte no funeral que levou apenas os condutores do caixão e um padre.

Por ocasião da morte do Gungunhana, os jornais de Lisboa traçaram-lhe uma larga e elogiosa biografia, chegando a censurar que o amesquinhassem.

O "Diário de Notícias", por exemplo, dizia, entre outras coisas, o seguinte:

"Exaltar o vencido, enaltece o vencedor, mas nós, olvidando que êsse homem concorreu com a sua derrota para gloriificar mais uma vez as bandeiras do nosso exército, amesquinhamo-lo e consentimos que morresse a fazer cestos para vender!

Depois, salientando o infortúnio do desventurado régulo, continuava no mesmo tom compassivo:

"Merecia um pouco mais o desventurado velho no derradeiro quartel da sua vida.

"Nunca se tornou cruel como os seus avoengos zulos e vátuas, e foi para nós um inimigo tão leal que até permitiu que os nossos oficiais do Estado Maior percorressem os seus domínios para melhor conceberem o plano da campanha que o havia de aniquilar, chegando a fornecer-lhes guias.

"Estando abertas as hostilidades, e tendo na sua mão o actual ministro da Marinha (Aires de Ornelas) um oficial de cavalaria e trinta soldados brancos, o que em tôda a parte civilizada constituiriam excelentes refens, não só os mandou em paz, como lhes proporcionou ainda mantimentos para o pessoal e gado.

"Não tornou a vêr a sua terra, e quem conhece a saúde infinita que o preto sente pela liberdade absoluta do mato e pelas extensas languas por onde jornada à solta, mesmo quando não dispõe do poder enorme e despótico de que o régulo estava investido, ha de compreender a aflitiva amargura da sua derradeira hora.

"Paz ao vencido que encheu na nossa História militar uma grande página!"

Já lá vão trinta anos! Parece que foi ontem!



Gungunhana, Godide, Molungo e Zichacha, em Angra do Heroísmo, em Janeiro de 1904



# O POETA RAMADA CURTO

**Q**UE o incontestável talento do dr. Ramada Curto pudesse dar ao seu feliz possuidor a fama de um festejado dramaturgo sem o afastar da monotonia da vida forense em que ocupa um dos mais altos lugares, toda a gente compreenderia, à força de o ouvir através dos grandes julgamentos e de o aplaudir durante o desempenho das suas peças teatrais. Mas que o dr. Ramada Curto fôsse um poeta da mais delicada sensibilidade, é que ninguém estaria disposto a acreditar nêstes prosaicos tempos que vão correndo. Não acreditaríamos se não tivéssemos a prova provada que, por um feliz acaso, veio cair-nos na mão,

*Pois é verdade! O aplaudido dramaturgo Ramada Curto, sendo um ilustre advogado, embora não aplaudido porque o ambiente severo dos tribunais não permite tais efusões, é também um poeta inspiradíssimo que se preparava, ao que supômos, para fazer uma surpresa aos seus admiradores, em obra póstuma.*

*Ora, como desejariamos saborear, quanto antes, um livro de versos de Ramada Curto, e como fazemos votos porque viva ainda muitos anos e bons, eis a razão de nos atrevermos a penetrar furtivamente na sua Torre de Marfim com a ideia preconcebida de lhe quebrarmos o encantamento,*



Dr. Ramada Curto

*Acusamos Ramada Curto de fazer versos deliciosos.*

*Eis o corpo de delicto:*

## A UMA CORTINA

Domingo. Manhã doirada.  
Entreaberta a janela,  
Vejo a cortina bordada,  
Decerto do quarto dela,  
Do ninho da minha fada.

Jesus! O que eu adivinho!  
De repente, vejo-a a Ela,  
Mas é só um bocadinho,  
Como o rasto duma estrela...  
E eu fico triste e sôsinho,  
Com a vista deslumbrada.  
Apagou-se a luz doirada,  
Já não ha sol no caminho...

Só a cortina bordada,  
Me encanta p'lo que adivinho.

A emoção dá-me cansaço...  
Mas eis que então o seu braço,  
Afasta nú a cortina  
— Jaspe rosado a brilhar —  
E a sua mão pequenina,  
Branca e rósea, linda e nú,  
Faz o gesto de deitar.  
Qualquer coisa para a rua.

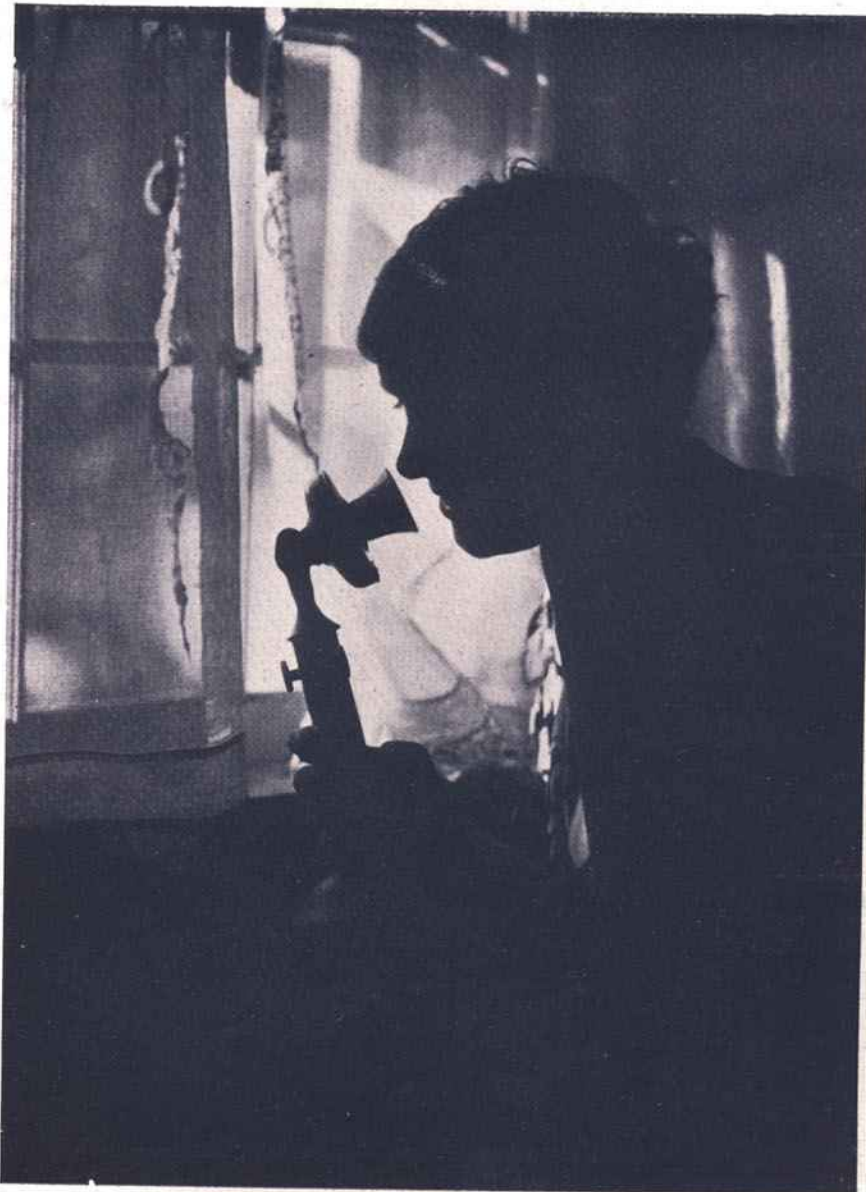
Eu nem posso respirar,  
E' um encanto, uma delícia!  
Que pena não ser polícia,  
Só para a poder multar!

Que isto é modo de falar  
Da minha loucura oculta...  
Quando eu a fôsse autuar,  
Rasgava o papel da multa,  
E punha-me a gaguejar.

A sério, ha só a alegria  
De ter visto a bem amada  
— Já hoje ganhei o dia,  
Já não preciso mais nada!

Que maravilha estaria,  
Por traz da branca harmonia  
Dessa cortina bordada?

Ramada Curto,







Ramalho Ortigão

Meu querido Amigo

Quer Você que eu lhe diga de Ramalho Ortigão?

Escrever de um tão grande homem, no seu centenário natalício, pede vagares; exige socôgo de ânimo que não tenho, e de certo modo, requer atitudes solenes e de convenção, que não são do meu gosto. Demais, oficiando nesta consagração, seria de lealdade notar que todos os louvores que eu tribute a Ramalho são suspeitos; sem haver sido nunca da sua roda, mal o tendo conhecido em carne e osso, sou-lhe, todavia, tão adicto como se fôsse meu avô, e posso dizer-me dos seus: não penso na sua vida e na sua obra sem me sentir da sua intimidade—tão amigo como admirador.

É tão estritamente dependente pelo espírito, e tão devotado pelo coração, qualquer juízo crítico sobre a sua personalidade não me será vedado?

Abreviando, para ser mais explícito: eu sou um fanático de Ramalho, e se tentasse um ensaio sobre o escritor, sair-me-ia uma composição apologética, coisa bem deplorável, onde se requer só equilíbrio de justiça, imparcialidade da impassível razão.

Não me será, então grato falar dele? Sim, mas em desataviadas palavras, desprecupado de qualquer veiledade literária, como quem, nestas noites de inverno, á lareira brandamente converse, e se console da velhice, recordando...

N'aquela tarde, Siciliani appareceu-me tão triste, tão perturbado!

Ha um mez que chegara a Mortágua uma companhia ambulante de teatro, constituida por seis figuras, que não se me apagarão mais da memória: éle e seu irmão Salvador, seu pai, sua mãe e duas irmãs, a mais nova de quinze anos...

Por circunstancias fortuitas, esta pobre gente, desde que acampara na villa, não pudera dar mais que uma récita: o Salva-

dor e o pai iam acudindo á familia com compostos espectáculos — ginásticas de clown, peloticas e prestidigitação — no Largo do Município: uma noite, a mãe de Siciliani tocou harpa, e cantou ao luar de Janeiro, com os seus longos cabelos soltos á açoitante nortada, como numa cena shakespeareana...

Entretanto, o meu amigo entretinha-se comigo, passeiando pelos campos e recitando Junqueiro: era um forte rapaz de 18 anos e a sua cultura literária atraira-me desde que nos conhecemos; e apesar da desigualdade de idade (eu era uma criança) ficámos dois camaradas, ligados logo por profunda simpatia.

A primeira récita derase na casa de aula — uma Escola Conde de Ferreira — onde um grupo de amadores da terra armara um palco, anos antes; haviam surgido, porém, graves apreensões:—poderia êle ser calçado por comediantes vagabundos, comprometendo a dignidade oficial dum estabelecimento de ensino?

A bondosa intervenção do meu velho professor Bernardo Jacinto, mestre-escola e antigo sargento de caçadores, fizera, emfim, baixar de Coimbra o placet da Inspectoria: as récitas iam proseguir. Era tempo: a *troupe* teatral morria, literalmente, de fome!

Agora, porém, Siciliani chorava: a sua irmã mais nova acabava de adoecer, ardia em febre, e estava tudo perdido; não havia quem a substituísse...

A piedade estrangulava-me: perante a catástrofe eu não encontrava palavras de consolação, e desatei tambem a chorar. Subitamente, relampagueou-me no espírito uma ideia:

— Querido amigo, todos os papeis de tua irmã são de rapaz?

— Sim, são todos de rapaz...

— Então, eu posso substitui-la!

Claro que eu nunca representara, mas viria já uma vez representar — não era coisa impossível.

As nossas lágrimas estancaram. Era a um sábado, pelas 3 horas da tarde; a récita estava annunciada para as 8. Eu tinha treze anos, mas era espigado como se tivesse quinze.

Iam duas comédias nessa noite, e outras duas na noite seguinte; numa delas eu seria o protagonista, um estudante — lembra-me que se chamava Carlos.

Siciliani correu a buscar-me os papeis — os papeis, não as peças...

As 8 horas subiu o pano; alguém, no palco, começou a falar, e, daí a pouco, Bernardo Jacinto, generoso contra-regra, empurrou-me para a cena. Eu era o noivo da filha do dr. Sovina...

E fui recitando o meu papel, que decorara maciçamente, sem suspellar sequer o assunto, enredo ou desenlace, sem a mais leve noção do diálogo, de inter-

# No centenário de Ramalho Ortigão

## UMA CARTA A GOMES MONTEIRO

rupção ou cesura. Mas como? Era o dr. Sovina, êle próprio, quem me ia indicando, por gestos combinados, a minha vez. Em certa volta, voltei com a minha noiva, que era a pequena mais crescida; nós linhamos enganado o velho, e vinhamos pedir-lhe perdão. Patéticamente, ajoelhámos: pois eu ajoelhei, de chapéu na cabeça!

Caiu o pano, e a casa não me caiu em cima, com pateada...

A piedade, que tocara tão fundo o meu coração, tocava agora o coração do público, e envolvia a infeliz *troupe* errante e a mim: cobriam-nos de aplausos.

Quando acabou a segunda comédia, em que fiz de valente marujo, batendo e praguejando, Bernardo Jacinto, a quem o coração adivinhava, se não sabia, que eu só estava ali por ajudar a pobre gente, disse, abraçando-me:—Has de ser um homem!

Ao outro dia, no papel de estudante, eu tinha de sobraçar um livro; ora, no momento, o livro faltou, mas supriu a falta certo espectador, que, por sorte, trazia um na algebeira. Acabado o espectáculo, quando todos se foram embora, eu tinha ainda o livro na mão... Levei-o para casa: era um dos volumes da 2.ª edição das *Farpas*, de Ramalho Ortigão. A madrugada rompeu, e eu lia ainda!

Depois desta noite em claro, eu era outro: não era mais uma criança... Não descansi enquanto não li toda a obra, e, ao acabar, senti — o que são ilusões do alvorecer da puberdade! — acreditei, firmemente, que com as lições do meu mestre Jacinto e as do meu mestre Ramalho, eu ia ser o que se chama verdadeiramente — um homem!

As *Farpas* são, além de uma obra de arte, do maior relêvo em muitas das suas páginas, um verdadeiro curso de educação e cultura; julgo que em nenhuma outra literatura se realizou esforço comparável para acordar, para desentorpecer o espírito dum povo.

A colaboração de Eça *n'As Farpas* (ainda que sejam, indubitavelmente, devidas á sua iniciativa) forma um corpo subalterno na grande construção; a campanha de ironia inicial, alarga-a-Ramalho a um sério combate; por fim é um apostolado. O génio de Eça só me foi dado conhecê-lo e amá-lo mais tarde...

Quando entramos na vida, o fundo da nossa natureza intellectual é duma grande simplicidade, tomamos tudo a sério: é de gravidade austera todo o nosso pensamento: a linguagem do sarcasmo, a troça, a irritação não nos agradam. Aprender e amar ocupam toda a nossa actividade psíquica: toda a alma bem formada se desprende, então, ao sair da infância, dirmos da animalidade, numa ascensão

religiosa, em que as emoções mais altas modelarão o ser social humano.

Momento augusto êste, de que depende, em todos nós, o futuro! Erguendo-se então os lineamentos gerais do carácter, toda a sugestão inferior, toda a influencia deprimente, mesmo qualquer anticipação da acção educativa, perturbará a eclosão espontânea da individualidade, quebrando o equilibrio da solidariedade afectiva, da equidade moral em que há de gerar-se, num ritmo mental autónomo e progressivo, o nosso destino no mundo.

A compreensão destas verdades deu á missão de Ramalho uma importância inesperada; ela atingiu, embora assente toda sobre realidades tangíveis, um alcance transcendente.

Nenhum outro escritor deveu tanto Portugal no novo ciclo histórico: a sua clara e vibrante linguagem, o seu luminoso estilo, a sua sinceridade, o seu fervor na propaganda, o seu empenho ardoroso de educar a mocidade, tornaram-no capaz de, sósinho, levar a cabo a mais vasta empresa de transformação pedagógica, dando á Grel a consciéncia das possibilidades da renovação das suas energias e da utilização das aptidões da raça no concerto da Civilização, da qual tantos e tão nefastos elementos de dissociação, paralisando-nos ou enervando-nos, nos tinham, há muito, separado.

Iconoclasta? Subversivo? Mas êle não abate, sem logo construir: no terreno da velha cidade que abalava, nada ficava em vasto; se produzia um terramoto de ideais e de crenças, era só por necessidade de implantar novos princípios, novas formas de idealidade. Assim, nenhum esmorecimento trazia, não infundia nenhuma desesperança, e um alento mais profundo para a acção, e uma fé mais viva, nos avigorava.

Não há, no século XIX, quem se avantege a este trabalhador das letras na missão de ensinar: Ciências, Artes, Política, Moral, reune-as num só feixe deslumbrador de luz, incidindo sobre a Vida, e transluzando-a; a alegria de viver; o sentimento da dignidade; a integração da actividade individual, só por si estéril, na fecunda solidariedade da familia, da pátria, da humanidade; a certeza duma finalidade superior dos nossos esforços, dos nossos sacrificios, dos nossos próprios anseios — tudo se concentra na sua obra, transcendendo do positivismo analítico á síntese filosófica por um pragmatismo intellectual, gerado numa assombrosa ordenação lógica da vida.

Sai-se da convivência de Ramalho, engrandecido; instinctivamente, aproximamos o nosso ombro do do bom gigante, e sente-se que subimos alguns palmos da rasura mesquinha dos egoísmos, em que o nosso ser tende a afundar-se na diuturna luta pela existência.

Toda a má acção nos repugnará depois de o ter lido: a franqueza, a lealdade, a coragem, e, mais que a coragem, a intrepidez, respiram-se nas páginas que nos deixou — são tanto do seu ambiente moral como o oxigénio e o azoto, da atmosfera.

É, por isso, que quem admira o Escritor, não poderá deixar de amar o Homem. E nenhum título de honra seria para mim mais subido do que ser considerado como um discípulo, um filho espiritual de Ramalho Ortigão.

Se a minha boa sorte me trouxe ás mãos *As Farpas*, no instante preciso em que a sua lição poderia ser-me mais salutar, ela não foi tão prodigiosa que me deparasse, naquella viloriasinha da Beira onde eu vivia, toda a obra do grande escritor. Lutei com a minha pobreza para possuir, mas em breve possuí, todos os livros, que até então publicara, sem excepção dos mais raros!

Foi primeiro o *John Bull*, cuja *ouverture* é uma maravilha, e onde o vigor da descrição do Museu de Kensington se acrescentava, em poder de observação e de técnica pictural, ás páginas que dedicara á galeria Daupias e ao inolvidável programa do cortejo rural, a quando da visita do Príncipe de Gales a Lisboa.

Um parente meu mandou-me do Brasil as *Notas de Viagem*, que são um friso de impressões vivas e pitorescas, *goutches*, apontamentos rápidos, liando-se, por vezes, a estudos mais vastos e a intenções profundas de reforma cultural do nosso atrazado país, sobretudo nos domínios da pintura, da escultura, da música, do teatro, bem como das ciéncias applicadas, das indústrias: visa a apresentar, a propósito da Exposição de Paris de 1878, o cosmorama do mundo progredindo, perante Portugal — imovel.

Depois *A Holanda*, assombro de composição — geografia, história, arte, política, costumes, paisagem — livro de filósofo e de turista, tão actante pelas idéias como pelos sentimentos, panejando em vastos quadros, nos quais a vida inteira dum povo, no seu presente e no seu passado, se desdobra, dinamicamente — desde a evocação da trágica luta contra os elementos da Natureza, disputando ao Mar o solo da pátria, criando a sua Terra, argamassando-a pela rijeza dos seus músculos e pela tenacidade da sua vontade, ao drama da sua constituição nacional, das empresas heroicas da guerra, da formação da sua arte, da sublime delêsa, conjuntamente, da sua religião e da sua liberdade. E, através das descrições mais impressivas, das narrações mais cheias de bonhomia, de reflexões singelas como dos mais lúcidos raciocínios; documentando, enumerando, classificando; enunciando, provando, concluindo; e tudo envolvendo na visão simpática da sua cordealidade, tudo passando da íntima luz do seu humorismo, tudo aproveitando como lição e como ensino, perpassam a vida das cidades, das aldeias, o labor dos campos e das fábricas, o tumultuar dos portos e a faina da pesca e da navegação de longo curso, e avultam a organização do comércio e da colonização e as bases largas, sólidas, quasi inamovíveis, das suas instituições



Ramalho O. Ortigão — acadêmico

políticas — definindo a originalidade, a força, a alma victoriosa duma grande Nação.

*A Holanda* é uma obra verdadeiramente clássica de viagens. Nela se encontram todas as qualidades relevantes de Ramalho: o equilibrio do pensamento e da linguagem, num estilo incomparável; o rigor e nitidez do desenho, com a pintura mais colorida e opulenta; a mais escrupulosa notação dos pormenores e a visão sintética empolgante, e, dominando tudo, a valorosa propulsão da energia vibrante para a realização formal: — pela força do cabouqueiro, aliada á perfição do architecto, êle lembra certos artistas da Renascença, que, como Miguel Angelo, podiam carregar aos seus ombros os blocos de pedra, talhar rudemente o mármore, e pelo desbaste, esquadria e lavôr de perfição suprema, arrancar, a cinzel e escopro, a vida e a própria immortalidade, da bruta inércia da matéria.

Li, por fim, as obras menores — *Histórias Cór de Rosa* e *Em Paris*, — em que, sem dúvida, há revoadas de idéias; sob a forma preciosista da *bluette*, sob a ligeireza do folhetim, transparece, aqui e além, o pensamento inquieto, que, um tanto constringido na prosa vernácula em que se educara, procura novos rumos, utilização mais larga e fecunda; e sente-se que alguma coisa poderá passar-se além da névoa indecisa daquelle delitantesimo de imaginação, alguma coisa de decisivo que se illumine e surja do limbo misterioso da intelligéncia, da actividade abscóndita da cerebração, a um choque inesperado, neste espírito todo em movimento, reagindo sobre um temperamento rico de energias másculas, e em que a impressionabilidade estética se adivinha alada, e a razão ensaia já a sua grande voz.

Mas todas estas possibilidades, entrevistas embora, não elevam êsses livros muito acima da mediocridade; e á critica êles só servirão para demonstrar a exactidão do paradoxo de Eça — que *As Farpas* são autoras de Ramalho Ortigão...





O famoso grupo de «Os Vencidos da Vida» — Sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Conde de Ficalho e Antonio Cândido. — Em pé: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Lobo de Avila, Oliveira Martins, Marquês do Soveral, Guerra Junqueiro e Conde de Arnoso

Seria para longos rodeios o interpretar-se este assêto: de facto, há dois Ramalhos, um antes e outro depois do seu encontro com Eça: e o ponto crucial do seu destino literário está precisamente, na íntima colaboração que produziu *O Mistério da Estrada de Sintra*.

Foi, na verdade, a sua Estrada de Damasco!

Ramalho tem 33 anos, e vem das fatigantes lides do professorado e do jornalismo profissional; Eça tem apenas 24, entregue ainda a uma formação precária de vagabundagem mental...

Ramalho é um homem forte e sereno; possui a língua e maneja a pena com a facilidade de quem a não larga nunca, como um cavador, que sob pena de morte, não pode abandonar a sua enxada.

Eça é um débil de corpo, um feixe de nervos: aos 20 anos trouxera à luz alguns folhetins, tão singulares, tão insólitos no nosso meio, que não é de extranhar o fizessem passar por doido. Os seus amigos sabiam que, depois, redigira em Évora, sósinho, um semanário político de opposição, durante meses; que tentara, vagamente, a advocacia em Lisboa; que fizera uma viagem ao Oriente com o Conde de Rezende; que, neste momento mesmo, se supunha administrando Leiria, a preparar-se para consul... Mas ninguém sabia se viria mais a escrever!

Pois bem: encontram-se um dia em S. Pedro de Alcântara, conversam num banco do Passeio Público, descem à Baixa, admiram juntos as mulheres elegantes do Chiado, riem ambos dos conselheiros do Terreiro do Paço, e ei-los tão transfigurados como se fôsem seres diferentes dos que haviam estado, há horas, em casa de Batalha Reis, fazendo alardes de discussão com Oliveira Martins e paciências de dialéctica com Antero!

Ramalho vai fazer de Eça um Escritor;

Eça vai fazer de Ramalho um Artista; e serão eles os maiores escritores-artistas do último quartel do século XIX, em Portugal.

Estudar, criticamente, este concerto de qualidades, esta transfusão espiritual, esta assunção vertiginosa de faculdades que tocam a genialidade, o assombroso prodígio que o Trabalho, o Talento e o Entusiasmo realizam magnificamente, não é para as minhas forças...

Evidentemente, e já o acentuei, que antes de 1870 Ramalho era — *alguem*: desde o seu opúsculo — *Literatura de Hoje* — publicado em 1866, a propósito da *Questão coimbrã*, se evidenciara prosador de mérito, com sagacidade de argumentação e vigor de polemista; mas creio bem que não seria quem foi, se a camaradagem do Cenáculo, e, principalmente, a fraterna aliança com Eça de Queiroz, não houvessem suscitado a eclosão de novas virtualidades no seu intenso labor e o apuramento estético das qualidades reveladas. E como foi sempre generosa a seiva da personalidade neste homem, são de corpo e alma — ao contacto do apostolado de Antero, do proselitismo de Manuel de Arriaga, e, mais tarde, do doutrinarismo batalhante de Teófilo, se desatou a sua ardente cordialidade, no combate pela justiça, em florações morais que trazem à sua obra, sempre trespassada de enternecida devoção pelos humildes, de dedicação pelos perseguidos, de amor pelos fracos e pelos pobres, um tal tumulto de revolta incontida, uma tal fremência de paixão reformadora, que a sulcam relâmpagos de cólera sagrada.

Opinarei, todavia, que tomar Ramalho como um ajuntamento revolucionário seria grande ilusão, e grave erro também julgá-lo pelo prisma político. Ainda que através d'*As Farpas* se fira um rijo prélio contra as instituições monárquicas

vigentes, êle não é travado a benefício de partido; ataca o mal onde o vê imperando, e não o inspira senão um indignado e profundo patriotismo.

O seu estudo sobre *Luís de Camões, a Renascença e os Lusíadas*, publicado em 1880, que encerra algumas das suas mais luminosas páginas, dará bem o quilate do seu acendrado amor da Grei.

Este amor, não raras vezes, tem a simplicidade de um sentimento de candura; torna-se quasi instintivo, de tangibilidade física, — é um amor todo ligado à terra, que estremece, no seu coração, filialmente.

Para o compreender, bastará folhear os seus *Banhos de Caldas e As Praias*, ajuntando-se-lhes o 1.º volume d'*As Farpas — A Vida Provincial*; os seus olhos contemplam montanhas, vales, planícies, costas do mar, searas, florestas e povoados, no mesmo embevecimento, como se não só plantas e animais, mas as próprias gentes, brotassem do solo, da mesma emanção telúrica: Portugal é bem, para êle, o materno torrão.

Por isso ouve, como um fragor de cataclismo, o desmoronar dos monumentos do passado: o dismantelamento dos velhos castelos, onde se pelejou a defesa heróica dos nossos lares; a destruição das muralhas, onde se alçou o pendão da nossa independência; a ruína das nossas catedrais, que ostentaram, por gerações e gerações, a signa da nossa fé. Todo o abandono das construções vetustas, onde se marcou, quotidianamente, no decorrer dos séculos, o ritmo da nossa existência, da nossa vida cívica e militar, da nossa vida religiosa e até da nossa vida doméstica, conturba o seu coração mais do que como um crime, como um pecado, pelo qual cairemos em perdição, se não nos penitenciamos pelo inteiro resgate do que nos resta — memória das liberdades, padrão das glórias da Pátria.

Este sentimento de solidariedade com o passado, cuja perspectiva alcança as mais fundas raízes da nacionalidade, torna-se para Ramalho, aos 60 anos, dominante; e, quando o consideramos, parece ter o carácter excessivo duma paixão absorvente.

As restaurações dos Jerónimos, da Madre de Deus e da Batalha, então tentadas pelo Estado, são-no de modo que a exaltação de Ramalho só encontra, para as definir, uma palavra — assassínio! Já não é o abandono, que degrada; é mais que aviltamento, porque se trata de sacrilégio...

A Ramalho, face a face com a afronta sem par — "de lesa magestade nacional", — não o abala só a indignação, constringe-o, asfixiante, a angústia!

Assim, o *Culto da Arte em Portugal*, publicado em 1896, é, simultaneamente, um veemente protesto, um grito de amor e um clamor desesperado de alarme.

Gomes Monteiro, eu não resisto a transcrever as belas palavras finais desse livro, que sintetizam o alto designio que o inspirou:

"...Se para cada povo a arte é a segurança da tradição, o refúgio das consciências, o mais puro reflexo da imagem benigna da pátria, a fonte mais caudal de



todos os progressos morais, económicos e até políticos — para cada homem, na tortura de tantas incertezas morais, na mágoa e na ruína de tantas crenças extintas, de tantos ideais desfeitos no melancólico decurso da nossa idade, a arte é ainda — como diz Schopenhauer — a *única flôr da vida*..

Desde 1896 até 1908 quasi mais nada escreve que não traga o selo desta cruzada em prol do nosso patrimonio artistico, e em que não avulte a sua defesa como o supremo interesse nacional.

É por este caminho, no qual o culto do passado se lhe afervora na contemplação da nossa remota grandeza imperial, que Ramalho vai tornar-se reacionário? A serena visão da sua vida e da sua obra não dá lugar a que se oponha um Ramalho monárquico da decadência a um Ramalho republicano, nimbado do esplendor da glória: nenhum desses Ramalhos é verdadeiro.

Ha, sem contestação, fases na sua vida e obra; mas nunca elle renegou *As Farpas*, nem rasgou, com execração, qualquer das páginas que houvesse escrito.

O pêso dos anos e a acção do novo meio em que veio a encontrar-se, a influencia de relações sociais, desde as convivências do Paço ás da própria família, contribuiriam para a alteração de certos conceitos sociais e políticos, como de quem olha prismáticamente o mundo, por diferentes facetas; mas a lucidez da sua razão não se alterou, nem a sua consciência sofreu em transacções deprimentes; a sua personalidade é a mesma. Em toda a sua vida não traçou uma linha que rebaixasse o seu carácter; a unidade moral da sua obra é perfeita, acrisolada sempre na sinceridade do homem a dignidade do escritor: acima dos interesses mesquinhos, transitórios, acha-se colocada a verdadeira magistratura de pensamento que entre nós exerceu.

Mas que tivesse mudado? A bondade é o traço mais saliente do carácter de Ramalho: a ironia mesmo é nêle toda impregnada de enternecimento. Aos seus desfalecimentos na luta, às suas variações accidentais de opinião, a bondade só bastaria a explicá-los, compreendendo como as suas atitudes não se desintegram da sua

personalidade, sob a pressão de factores morais que, longe de diminuir a veneração que lhe devemos como nosso educador, mais a engrandeceirão.

*D. Carlos, o Martirizado* e as *Ultimas Farpas* resultaram da sua emotividade inexaurível, e tanto da sua piedade como da intrepidez da sua alma.

Desde 1896 a 1908 não publica nenhum livro.

Todavia elle não cessou de escrever. Continuam as suas correspondências para a *Gazeta de Notícias*? Sabemos que abunda a sua colaboração nos jornais e revistas: no *Brasil-Portugal*, na *Tradição*, nos *Serões*, na *Ilustração Portuguesa*, o seu estilo continua flamejando. E ha muito, disperso: lembro *O Ocidente*, a revista de Saragga, e, sobretudo, o *António Maria*, que redigiu quasi dois anos.

A publicação integral da sua obra seria a condigna homenagem a prestar-lhe, no seu Centenário.

Não sei se na família de Ramalho Ortigão ha, como na de Eça de Queiroz, reservas a este respeito...

Acodem-me sempre um rôr de comentários acerbos, quando medito nas razões que a família do autor da *Reliquia* — a qual promoveu a publicação de obras que não lh'a mereceram nunca, algumas informes, outras incompletas, sem sequer o fazer em *edição critica* — encontra, especiosamente, para não consentir na publicação das *Cartas de Londres*, que saíram em 1877-78 na *Actualidade*, do Porto, quando elle já era um grande escritor.

Bem haja o Gomes Monteiro por ter trazido a lume, n' *A Ilustração*, três magníficas cartas dessas!

Oferecer-me-ia para coligir todos os esparços de Ramalho, sem outra paga que não fôsse o desvanecedor contentamento de tomar parte na sua glorificação.

É bizantinismo deplorável querer descarregar, dos ombros largos dos dois escritores, responsabilidades que tomaram e que nunca engeitaram, tratando-se de assuntos mais especialmente políticos, sociais ou religiosos; creiam que daqui a meio século será a todos indifferente o averiguar se foram monárquicos ou republicanos, católicos ou anti-católicos, socialistas ou não: já hoje mesmo quem se preocupa com isso?

O que todos procurarão na sua obra é aquella porção de beleza e de ideal que lhes cabe em partilha no nosso patrimonio espiritual; as suas opiniões não são dogmas nem inspiram proselitismo, e, se ligamos a sua vida à sua obra, o que nos interessa é somente a sinceri-



Página de Rafael Bordalo Pinheiro publicada nos Pontos nos 11 por ocasião do aparecimento de *A Holanda*

dade com que se manifestaram sobre os factos da sua época, o amor da verdade que os inspirou nas suas atitudes, quer a hajam ou não alcançado.

A admiração da posteridade pelos artistas e pelos pensadores é sempre livre do espirito de partido, sempre isenta de todo o entrave político ou confessional.

Porventura alguém pretende que Camões seja um democrata? Alguém inquire se comungava mais de uma vez cada ano? Desce elle no nosso conceito por ter sido, ao pôr o fecho aos *Lusíadas*, da intimidade dos dominicanos?

Gil Vicente deixaria de ser o fundador do Teatro Português, por supormos que a Inquisição o teria queimado vivo, se tivesse chegado alguns anos antes?

Herculano não é o grande historiadador, por ter morrido inconciliado com a Igreja?

Se eu fôsse ateu, deixaria para mim de ser Antero o altíssimo poeta, só por ter coroado a sua obra com o soneto — *Na mão de Deus, na sua mão direita...*?

Há aí quem desconheça o génio de Junqueiro, só porque foi republicano, e alguém baixou a sua admiração pelo autor da *Velhice do Padre Eterno*, por ter presidido ao seu funeral o Cardeal Patriarca?

Gomes Monteiro, sente Você quesília, por o maior prosador da nossa língua, António Vieira, ser da Companhia de Jesus?

Valha-os Nossa Senhora! Por Júpiter — que são coisas bem mesquinhas!...

Quanto a Ramalho, se é lícito, no



«Visto que o sr. D. Pedro, quando vem para a Europa, se dá ares de literato, justo é que o sr. Ramalho Ortigão, partindo para o Brasil, dê ares de imperador». Página dos Pontos nos 11, em 1887



ponto de vista restricto que estavam tratando, marcar três fases na evolução do seu espirito — até 1870, de 1870 a 1890, e de 1890 até à sua morte, em 1915, como pôr em dúvida que tódá a sua vida tenha unidade, pelo domínio do seu caracter, pela boa fé absoluta dos seus juizos, pela independência exemplar, que é o supremo apanágio das suas virtudes, e que, quer na vida social, quer na vida familiar, quer na sua prodigiosa actividade mental o tornam — uma grande figura literária, um homem íntegro e um nobilíssimo cidadão?

Ramalho é um grande escritor. É um pensador e um artista; como pensador, é um moralista; como artista, é um pintor. É o que nos interessa.

Assim o julgamos hoje; creio que, dentro d'este quadro, o julgarão os vindouros.

Como o julgaram os seus contemporâneos, os seus próprios camaradas?

Imagine agora, Gomes Monteiro, o que havia de responder-me Guerra Junqueiro, quando um dia, na sua casa de Vila do Conde (era em 1903) lhe perguntei, depois de o ter ouvido sobre outros *Vencidos da Vida*, o que pensava de Ramalho... Pelas barbas apostólicas do poeta de *Os Simples*, que acabava de recitar-me a *Oração à Luz*, ainda inédita, pairou um sorriso de ironia, e, pegando da cadeira mais próxima, e sustendo-a erguida, disse assim: — "Repare que o bom do Ramalho vê sempre esta cadeira com quatro pernas!..." Poi-sou em mim o seu olhar, de lucidez magnética... Mas logo, esmorecido o sorriso, inclinando a cabeça e abaixando a voz, acrescentou: — "É certo que também isso me acontece às vezes. Mas creia que me sinto, então, muito infeliz..."

Fiquei indignado: se um crente ouvisse silvar uma blasfémia monstruosa sobre o esplendor do orago da sua freguesia, não estremeceria mais do desacato!

E, nesse dia, ao terrível fundibulário, eu não perguntei mais nada...

Contudo, o que queria Junqueiro exprimir naquela irrespeitosa *charge*? Que Ramalho não era mais que um pintor; e não decerto da natureza dum Rembrandt, mas antes da exactidão minuciosa dum

Teniers. E, nem por sombras, que não fôsse um grande artista.

O processo de composição preferido por Junqueiro era, na verdade, bem diverso do do autor de *A Holanda*. Daí a pouco, dissertando, definia: — "Um grande quadro, um grande poema, uma grande partitura, veja, Lopes de Oliveira (e erguia o punho fechado) veja — uma grande obra... mas são sete punhaladas de luz!"

Em Novembro de 1910, no eléctrico, que subia a rampa de Santos, veio sentar-se a meu lado um homem forte, espaduado, alto e aprumado, de peito saliente e cabeça erguida, bigode farto e arqueado, de correcção britânica no vestuário, e um tal ar de saudável plenitude, que, se não fôssem os cabelos brancos, lhe daríamos pouco mais de cinqüenta anos. Mas já nos 75 o velho que se sentava a meu lado...

Logo o reconheci; quem houvesse visto uma das suas fotografias — qualquer, dos últimos trinta anos — não podia ter hesitações: era Ramalho Ortigão.

No dia seguinte, no mesmo lugar, e à mesma hora, Ramalho voltou a entrar no carro. Eu devia apear-me na rua de S. João da Mata, onde então morava, mas deixei-me ir até Buenos Aires, só para o ver mais à minha vontade, para o admirar melhor!

Notei, porém, que Ramalho, continuando nos dias seguintes, a olhá-lo, embora não voltasse a segui-lo além da minha paragem costumada, não aceitava como de homenagem a insistência contempladora, antes se inquietava, como se eu fôsse um policia secreta que espionasse talassas impenitentes...

Só em Janeiro, vindo-me descer e cair nos braços de Vicente Arnos, que estava à minha espera — o queridíssimo Vicente, que era muito da sua intimidade — se lhe desvaneceu o receio. Não é curioso que a um dos homens que eu mais amava, tivesse inspirado, durante meses, não só receio, mas, decerto, repugnância?

Vicente riu, a bom riser — porque conhecia de há muito, desde a nossa estreita camaradagem de Coimbra, o meu fanatismo pelo semi-deus — e quis logo levar-me a casa de Ramalho.

Eu estava um pouco amuado: como é que Ramalho não tinha adivinhado a minha admiração por êle, como me confundia com o mais abjecto ser da criação?!

— Não, Vicente, depois, depois...

Assim, só lhe fui apresentado

em 1914, em Setembro, no Buçaco pelo meu distincto colega e bom amigo dr. Alípio Camelo. Como me ocupasse então de várias averiguações acêrca das *Cartas de Eça*, publicadas na *Actualidade*, perguntei a Ramalho se se lembrava delas: que sim e que desejava vê-las. Fiquei de levar-lhas. Estava há uma semana no Grande Hotel, e esperava passar no Buçaco mais quinze dias.

Eram quatro e meia da tarde. O dr. Camelo e eu acompanhámo-lo num breve passeio pela Mata, e deixámo-lo na Fonte do Carregal, com um rancho de senhoras e alguns cavalheiros, que iam tomar o *chá das cinco*...

Já o sol esmorecia no poente: até á Cruz Alta era um esplendor de oiro ofuscante sobre a verdura marulhante da floresta!

Voltei no dia seguinte: o hospede do Grande Hotel tinha partido. Nunca mais vi Ramalho, que morria daí a um ano...

Concluamos. Êste Escritor-Artista, êste Mestre, é tão vigoroso e, ao mesmo tempo tão brando e terno, tão eloquente e tão sóbrio, simultaneamente grave e jucundo; inspira tão bom-humor, tanto optimismo; enche o nosso coração de sentimentos tão puros e o nosso cérebro de tão lúcidos pensamentos; acorda na nossa vontade tanta energia e confiança; infunde na nossa alma tanto entusiasmo e tanta fé, que eu, quando estou triste ou aborrecido, picado por uma pontasinha de desesperança ou de cólera, atacado por algum vago rumor de desalento ou de descrença na fraternidade dos meus irmãos em Cristo — côrro logo à estante, abro um livro de Ramalho, qualquer ao acaso, e um quarto de hora depois, estou confortado, equilibrado, restabelecido. Uso desta receita há mais de trinta anos: não há melhor terapêutica!

Para casos urgentes, quando o mal me surpreende longe de casa, tenho de cór alguns dos mais belos trechos das *Farpas* e d'*A Holanda*: — se estou só, recito-os em voz alta, e, se não posso livrar-me de companhia, recito-os mentalmente; mas há ocasiões em que, irrimivelmente, me vão acudindo aos lábios, e murmuro-os. Então não é raro que o observem circunstantes:

— Que está Você a rezar?

— Estou a rezar Ramalho, por mais profano que o julgueis...

Também recorro a Camões, ao Camões épico; mas êsse é para momentos de mais grave crise psíquica: para quando se está na cadeia ou no exílio...

Olhe que eu, Gomes Monteiro, estou falando a sério, ainda que não pareça.

Mas o que decerto lhe parecerá — e não se engana — é que nunca aturou maior maçador do que êste seu amigo, que, aliás, tão cordealmente lhe quer, e que mil perdões lhe está pedindo.

Lopes d'Oliveira.

Ramalho Ortigão - caricatura de Celso Herminio



Júlio Cesar Machado, Manuel Roussado e Ramalho Ortigão - caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro



# A CATÁSTROFE DE PORTO DE MOZ



A multidão em frente do edifício da escola de Porto de Moz, onde se deu o desastre, aguardando a hora do funeral das vítimas. A tremenda fatalidade que enlutou a formosa vila servirá, de futuro, para evitar outras desgraças, visto que as construções serão sujeitas a fiscalização rigorosa.



A vila de Porto de Moz acaba de ser ferida por uma espantosa catástrofe: abatendo a sala da escola quando se realizava ali uma conferência, morreram 44 pessoas, ficando feridas umas 300. A nossa gravura mostra os srs. ministros da Educação Nacional e o bispo de Leiria que foram ali manifestar o seu profundo pesar.



Um aspecto do cortejo fúnebre em que se incorporaram pessoas de todas as classes sociais, levadas ali pelo coração e pungindo com a tremenda desgraça que tão cruelmente feriu a formosíssima região — uma das mais risonhas deste Portugal que tanto amamos. Luto pesado nas vestes e nos corações.



A sala em que se deu a catástrofe, vendo-se ainda a frágil consistência das vigas em que o sobrado abatido se apoiava, em face do que o sr. ministro da Educação Nacional ordenou um rigoroso inquérito. — Em baixo: a saída de um dos féretros à porta da igreja da vila.



As famílias das vítimas, aguardam a hora do funeral. — Em baixo: a condução de um féretro para o cemitério. Dentro desse pequeno caixão vai o cadáver de uma criança que o povo, resguardado na sua fé, afirma ser mais um anjinho que Deus chamou para o céu. Resta essa consolação às pobres mães que viram acabar tão tristemente as suas mais ridentes esperanças neste mundo de tristezas e desenganos. Se assim não fosse, a vida seria árida como um deserto e triste como a alma de um escravo. Entre tantos prantos de dór, continua a florir a mais santa resignação que felizmente ainda tem as mais profundas raízes no coração do nosso povo. A existência desta gente simples resume-se em sofrer, amar e trabalhar, sol a sol. E assim se vive e morre nessas paragens abençoadas! Resta a essas pobres almas torturadas esse escudo contra as grandes fatalidades.



# ACTUALIDADES

DA

## QUINZENA

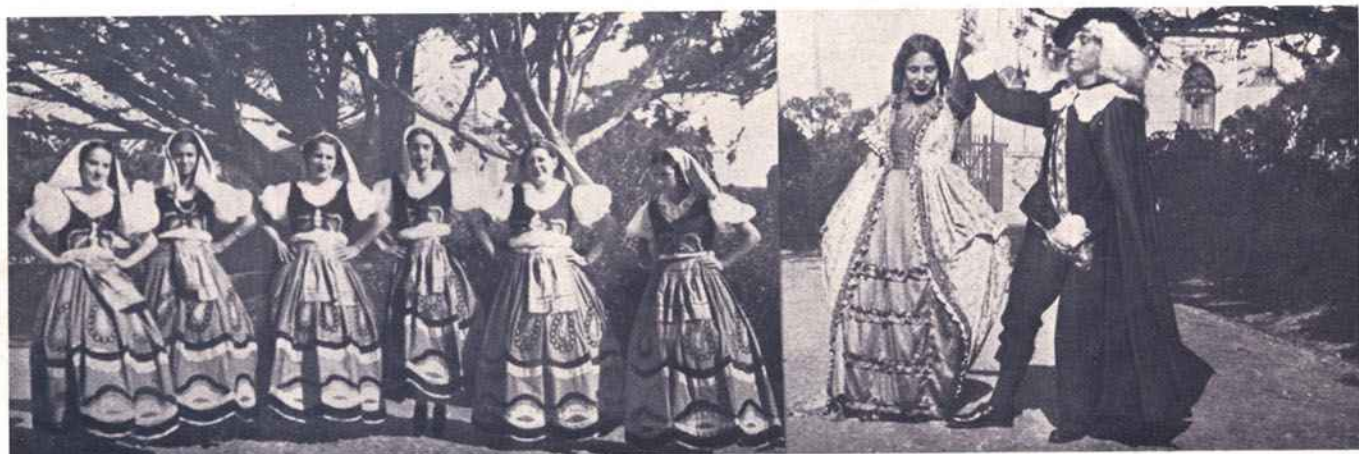


**Juventude Católica** — Inauguração do novo ano Sôcial Jecista, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, vendo-se em cima, o sr. Cardial Patriarca presidindo. EM BAIXO: um aspecto da assistência. No final da cerimónia, o sr. Cardial Patriarca foi muito ovacionado, sendo cantado em câo o hino de Cristo Rei.

■  
**Um chá na Embaixada do Brasil** — Em honra do sr. dr. Augusto de Lima Junior, delegado do Govêrno brasileiro, que veio a Portugal tratar da remoção de cinzas dos «inconfidentes» mi-



neiros, percursôres da independência da grande Nação Irmã, o sr. dr. Araujo Jorge, ilustre embaixador do Brasil ofereceu um chá que se realizou no palácio da Embaixada, a que assistiram numerosas famílias ligadas por laços de sangue e espiritualidade à gloriosa Pátria brasileira. Foi uma festa encantadora que decorreu num ambiente de grande distinção. O homenageado, que havia sido forçado a retardar a sua partida, aproveitou o momento para apresentar as suas despedidas à Terra Portuguesa, da qual levava tantas saudades que decerto o farão voltar muitas vezes mais. A gravura que acima publicamos dá um aspecto da selecta assistência.



**Récitas de caridade na Ericeira** — No Casino desta formosa estância realizaram-se duas récitas a favor da Sopa dos Pobres, que decorreram com verdadeiro entusiasmo e alegria, subindo á cena por um grupo de amadores uma revista escrita expressamente para êsse fim. Foram duas noites em que o Casino da Ericeira viveu horas dum extraordinário prazer espiritual que difficilmente se apagarão da memória daqueles que a elas assistiram.



**U**MA, todos a conhecem, é baixa, quasi loira, elegante. Duas peles de raposa acariciando-lhe o pescoço; entre os lábios, unidos, dois finos traços de *batton*, côr de tangerina, um sorriso malicioso, equívoco, um sorriso habituado ao convívio estroina dos *bars* noturnos. Tem vinte e dois anos esta garota. Aos dezoito, vão passados quatro anos, saiu de casa e nunca mais voltou. Habitada a coleccionar galanteios, sorriso malicioso estereotipado nos lábios, resolveu coleccionar galanteadores. No primeiro ano, dois: um oficial de marinha e um aspirante das alfândegas. Hoje, trepada a escala, duas raposas acariciando-lhe o pescoço, é amante de um banqueiro. Guia automóveis, joga nos clubes elegantes; entretém vários admiradores ao telefone; faz o Estoril na época indicada para os banhos de sol; é uma das mulheres mais elegantes de Lisboa. Todos a conhecem, é baixa, quasi loira, olhos gaiatos, expressivos, habituados a prometer e a enganar, dois olhos que esmagaram há muito o coração.

A outra, poucos a conhecem, raramente se exhibe em público. Não frequenta *bars* elegantes, nunca foi ao Estoril. É alta, bonita, linhas correctas, olhos tristes, macios, voltados para dentro, auscultando sempre a vida, o drama que a envolveu e esfarrapou. É muito simples a vestir. Tem só dois vestidos esta garota: um preto, e o outro cinzento, ambos saia e casaco. Conservou, a-pesar-da vida de Lisboa, da sua vida nocturna, o ar e a timidez provincianos. Poucos a conhecem. Tem quasi vinte anos e uma filha, uma linda garota de vinte e seis meses. Vivia tranqüila na provincia, agasalhada no canto de um lar burguês. A mãe é mestra de uma escola; o pai trabalha a soldo na quinta que pertenceu a um avô materno, o qual ficou pelo Brasil, roendo saudades, envergonhado da sua posição de emigrante que a sorte não fez triunfar.

Certo dia perdeu-se: encheram-lhe a cabeça tonta de sonhos lindos. Abandonou a casa, a aldeia distante, o pequeno jardim, a fonte, o castanheiro acolhedor que a viu nascer. Era numa tarde de outono fria, doente, cheia de febre, quasi sem luz, uma tarde amaldiçoada pelo feitiço! Dez meses depois, uma filha — uma garota de olhos azues, tranqüilos, felizes.

Quando deu por si, após um louco sofrimento, encontrou-se internada numa enfermaria da maternidade. A garota tinha oito dias. O pai um vago empregado habituado a uma vida crapulosa, abjecta, duas vezes preso por desfalque e duas vezes indultado, internada a mulher que tinha seduzido, desapareceu, esquecendo tôdas as promessas de amor, algumas contadas em noites de luar, num canto da provincia, junto dum pinheiro manso, sentinela de um ribeiro enfeitador e poético.

Fui um dia chamado, altas horas da noite, para ver esta criança. Ardia em febre.

Foi uma velhota, cabelos brancos, sorriso bondoso, quem me chamou e recebeu. Á porta segredou-me: a mãe está a chegar. Enquanto observava a garota, olhos azues que a febre tornara mais

## DUAS VIDAS IGUAIS — DUAS MULHERES DIFERENTES

expressivos, a velhota, bom tipo de velha portuguesa, oasis provinciano na vida cosmopolita da cidade, contou-me a história desta mulher.

Tagarelou durante meia hora, o tempo sufficiente para a mãe da garota chegar, os olhos negros rasos de lágrimas.

Foi uma visita que nunca mais esqueço, uma visita que se prolongou até manhã dentro.

A velhota faz-nos café. Era uma noite de inverno fria, pouco acolhedora, agreste,



vento norte a soprar impiedosamente de todos os lados. É difícil para mim soerguer o quadro: lembrar essa noite.

Esta mulher tem nome: — chama-se Maria de Lourdes. Lembro-me de que estava exageradamente pintada e vestia um fato de seda negro, sem peito e sem costas, uma saia suspensa por duas alças doiradas, um traje de noite. Tremia de frio. A velhota ofereceu-lhe um chaile e ela aceitou. Quando a tranqüilizei, quando lhe disse que a filha dentro de alguns dias estaria boa e que a doença não tinha gravidade alguma, serenou, parou de chorar. Enquanto dava um banho à garota, a Maria de Lourdes, foi ao toucador, lavou a cara, tirou as pinturas, desfez os vestígios que o seu rosto denunciava, envolveu-se no chaile, estendeu-se na cama a acariciar a filha, único presente que a vida lhe oferecera.

Enquanto a velha, falando sempre, me segurava habilmente, junto da criança, temendo novo ataque de convulsões, fitei involuntariamente a Maria de Lourdes, cuja vida o meu cérebro tinha composto com exactidão matemática.

Quando saí, manhã dentro, alguns raios de sol a acariciarem o dia, ouvi a Maria de Lourdes, gritar para a velha de cabelos brancos e sorriso bondoso: — Telefona para a governanta e diz que só volto quando a minha filha estiver boa. Telefona já, para a sossegar. Não volto...

Oito dias após o nosso encontro, naquela madrugada fria e agreste de inverno, despedi-me da Maria de Lourdes. Estava contente, radiante, olhos negros agradecidos, sem um vislumbre de pintura no rosto. Vestia saia cinzenta, casaco de lã apertado até ao pescoço, um casaco de lã verde, elegante, sóbrio, bem desenhado. Que diferença entre a Maria de Lourdes, apagada, vestida singelamente, e a do vestido de noite, uma saia negra pendurada por duas alças doiradas.

A garota, olhos azues, felizes, agarrou-se-me ao pescoço e beijou-me, salutando as nossas contas.

Nunca mais vi a Maria de Lourdes. Sei dela, da sua vida, pela velhota que acompanha todos os meses a garota ao meu consultório. Nunca me procurou, nunca mais a vi. Às vezes, em certo dia do mês, envia-me flores, recordando com uma grande sensibilidade a noite que perdi junto da filha. Que mãe extraordinária, a Maria de Lourdes! Uma tarde, enquanto brincava com a garota, a Maria Rosa, a tal velhota de cabelos brancos e sorriso bondoso, segredou-me: — Tem vergonha de lhe aparecer. Ela não queria que a visse com o vestido de noite. Ela fala muito de você. Gosta tanto de você como da filha... Tem sido tão bom para a garota!

Porque razão me apeteceu escrever sobre estas duas mulheres? Focar a um passo estas duas vidas, símbolos de tantas outras que Lisboa esconde, oculta e devora? Porque razão? A filha da Lourdes, uma garota que rapidamente conquistou a minha ternura, esteve hoje no meu consultório. Brinquei com ela, sentei-a no meu colo, conversamos, ouvi e respondi às suas perguntas inocentes, senti a carícia dos seus beijos.

Ontem, quando subia o Chiado, eram três horas, vi a outra, a dos cabelos quasi loiros, enroscada num lindo casaco de peles.

Institivamente, uni a vida destas duas mulheres, puz em confronto estas duas vidas despedaçadas, lápidas partidas; uma, símbolo do triunfo fácil, isenta de cuidados e de afectos; a outra, a pobre Maria de Lourdes, apegada à vida por um único traço de união — a filha.

Estes dois encontros, quasi simultâneos, fundiram no meu cérebro estas duas mulheres.

Muitas vezes, quando num dos *bars* de Lisboa encontro a dos cabelos loiros, a da vida mundana, elegante, boémia, penso no meu encontro com a Maria de Lourdes naquela noite fria de inverno. A-pesar-da distância que as separa, o meu cérebro uniu as duas, juntou as duas para sempre. A dos cabelos quasi loiros é o símbolo da amorável por cálculo, afável, sem ternura ou afeição; a Maria de Lourdes é a agonia sentimental, a mulher que o amor, por certa fática-inclinação, lançou na rua — fôlha que o vento atira ao acaso.

João d'Alpains.



# A GUERRA CIVIL EM ESPANHA



Cavalaria moira ao serviço do general Franco num posto de observação da frente norte de Madrid, enquanto aguarda ordens para a grande ofensiva que se desencadará no momento oportuno



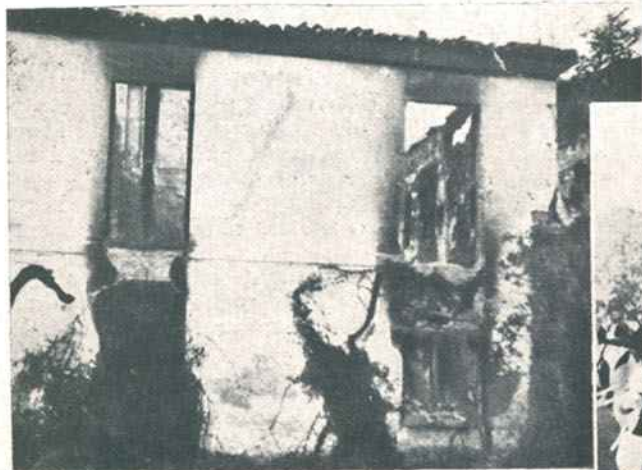
Posições abandonadas pelos marxistas, vendo-se ainda as munições que não tiveram tempo de levar consigo, na precipitação da fuga. As forças nacionalistas completamente na posse do campo procedem à construção de abrigos, desbravando o terreno como se fôsem fazer uma sementeira. Com efeito, esses bravos andam semeando a liberdade de Espanha com todo o afínco da sua alma, e prontos a regá-la com o seu sangue até o derradeiro alento



Um dos estafetas moiros que as tropas nacionalistas estão utilizando com vantagens, visto serem também ótimos esclarecedores



Tropas marroquinas avançando através duma floresta, a-fim-de darem caça a um posto marxista que se abrigava nas proximidades, espalhando o terror na região. Ao cabo de tanto tempo de luta, as forças do general Franco mantem o moral do primeiro dia



A residência do professor Taboado, após a passagem dos marxistas: após terem levado a cabo o saque, incendiaram-na para que não houvesse dúvidas acerca da fúria selvática que os anima. Com efeito o lastimoso aspecto da casa que a nossa gravatura apresenta é uma prova flagrante da selvajaria marxista que as tropas nacionalistas estão combatendo. A' direita: um destacamento avançando numa aldeia após terem expulsado os milicianos. É árdua a luta, mas chegará a bom termo porque quem se bate pela pátria ha de conseguir os triunfos a que legitimamente tem direito

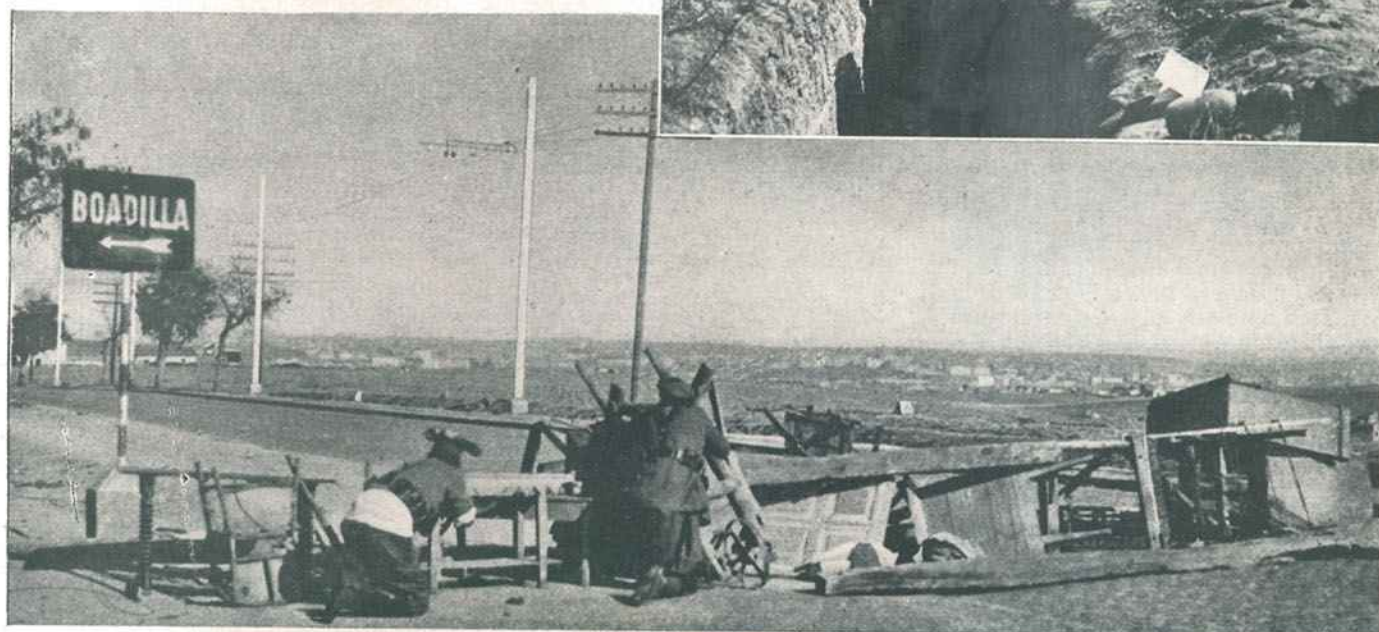




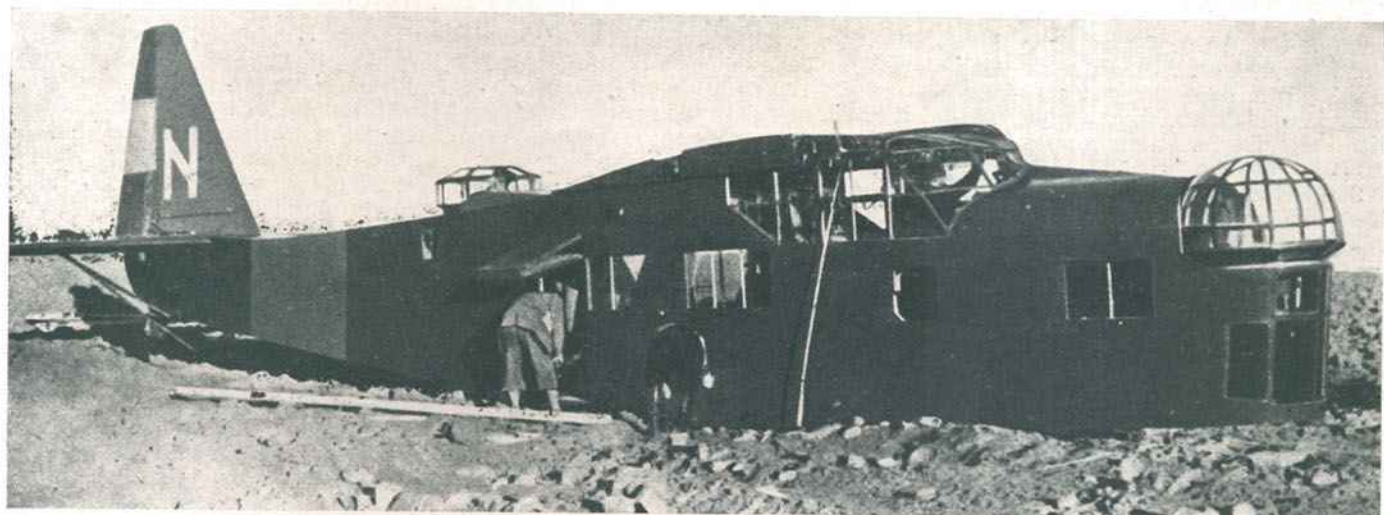
# A GUERRA CIVIL EM ESPANHA



As tropas nacionalistas avançando nas proximidades de Madrid com a certeza do próximo triunfo. Nada deste mundo as poderá deter na sua marcha libertadora. — *A' direita*: as tropas nacionalistas batendo-se heróicamente no parapeito da sua trincheira com a tenacidade que dá origem às grandes vitórias



As tropas nacionalistas construindo barricadas ligeiras às portas de Madrid que os vão protegendo no seu constante avanço. Nesta luta, quasi a descoberto é que se avalia a grande heroicidade daqueles que para redimir a pátria não vacilam em sacrificar a vida, e derramar o seu sangue até à derradeira gota



Após um violento ataque aéreo sobre Madrid, os aviões nacionalistas abateram uma aeronave marxista que se supõe ser construída em França. A nossa gravura apresenta o avantajado mastodonte, derribado como uma fera bravia, a bem da segurança do povo. Esta, pelo menos não voltará a descer ao povoado a espalhar vítimas e destruição



A janela, faceiramente toucada de rosas trepadeiras, tão perfumada e vistosa que chegava a parecer — a toleirona! — que abria as vidraças para sorrir num jeito ufano aos reduzidos — e muitos eram — da sua fresca gracilidade, não era mais bonita que a carinha formosa, infantil, cândida, que espreitava logo de manhã por entre a outra beldade, e chegava a confundir quem as via, sem bem saber se tudo eram rosinhas, botões, os rostos lindos!

Teria inveja da pequena a roseira? Não parecia, porquanto a sua folhagem tranqüila parecia afagá-la com ternura, se os reduzidos — que muitos eram — dividiam suas admirações entre a moldura e a emoldurada.

A dona da carinha... e da roseira, era a filha dos proprietários da residência, a travessa Julieta, dezasseis anos incompletos, onde se anunciavam já as deliciosas gentilezas da mulher, uma candura de virgem e pensar de bebê.

Era ela quem, logo de manhã, à janela da trepadeira, acordava a vizinhança com a sua vòzinha cristalina, qual alegre coto-via em requiebrós pelo espaço, e a via, mal desperta, sonolenta, chegada aos vidros, a contemplar a cantarina, que embalava nos braços uma bonéquinha de louça, cuidada em mil carinhos de mamã!

— A Julieta e a boneca! — dizia-se já com sorriso de gracejadora simpatia pela juvenil madrugadora, tão afastada das senhorinhas da sua idade.

— A Julieta e a boneca!...

— E já o pai dizia, a fingir-se zangado:

— Mas... não terás vergonha, Julieta? ... de boneca, ainda?

As irmãs, com sorrisos de desdem, comentavam:

— Hás de ser mulher... quando fôres velha!

Só a mamã, alma toda num sorriso semelhante à candura admirável do seu benjamim, intercedia, carinhosa:

— Deixai-a ser criança!... É tão pequena a infância... Deixai-a! Pobre filha! Tens tempo para cuidados, para pensar na troca dessa bonequita de louça por outra de carne! Deixai-a ser criança!

E feliz, imensamente feliz, a mamã via a sua Julieta descuidada, alegre, ditosa, deixando pulsar em cantos seu coraçãozinho afectuoso, a brincar com a boneca...

Se lhe falavam, as senhorinhas da sua idade, em amor e namôro coisas que não entendia, tão complicadas eram, ficava-se com os seus grandes olhos ingénuos muito abertos, sem curiosidade, e depois em segrêdo, beijando a boneca, confienciava: — Somos tão felizes!

As outras, — as senhorinhas — sorriam com superior desdem, e murmuravam: — Que palerminha!

Elas também não sabiam que ser criança é tão bom... tão bom... que passa depressa como os dias felizes passam...

E, no entanto, Julieta não temia os rapazes! Ria, brincava, como se tôdos fôsem uns excelentes camaradas de folguêdos, e se algum cuidava de lhe dizer por equí-

voco — pobre dêle! — dois olhos espantados o fitavam, uma gargalhada estrepitava e soava um — que dizes tu? — que o deixava desarmado e confuso.

Demais era já o pequeno gabado, discutiam-se os futuros encantos de tão lindo

## O FIM DA BONECA

mocinho, mas tudo era debalde ante tão singela inocência.

E os despeitados, diziam com sorriso escarninho:

— A Julieta não tem coração.

Mas isso... isso não!

Julieta tinha coração, e um coração adorável... Bastava vê-la a beijar apaixonadamente as faces gélidas da boneca — a sua querida boneca — para se compreender como era meiga e terna, e como seria capaz de amar!

Um dia, pela manhã, uma manhã subtil e doirada, deliciosamente enfeitada com



respigos de primavera, Julieta cantava como de costume, na janela das trepadeiras, afagando carinhosamente a boneca.

Os seus olhos azuis pareciam dois pedacinhos de céu, sua boca uma rosinha da trepadeira, seus cabelos, raios de sol que o astro-rei generosamente ofertasse... E a vòzinha pura ia-se perdendo no ar perfumado por estranhos aromas, em notas cristalinas de suavíssimo garganteio.

Pela rua, à hora matutina, passavam os primeiros transeuntes que o trabalho chamava, e iam rápidos, distraídos, tão afadigados já, que nem ouviam a canção que o vento levava e fazia perder ao longe. Ou — quem sabe? — talvez pensassem que se tratasse de mágico passarinho...

Julieta, debruçada na janela, embalando a boneca, cantava, olhava, e sorria...

Passou então um mancebo, alto, esbelto, olhar desiludido da vida, — tanto desconhecia o dia, por só viver de noite — boca escarnecente do amor — tanto amor recebera...

la distraído? Decerto! Anda sempre distraído o tresnoitado... Mas a canção

de Julieta fê-lo erguer curioso a cabeça pálida e o seu olhar desiludido e triste ergueu-se num relâmpago em os dois inocentes e cândidos bocadinhos de céu que espreitavam através da trepadeira.

Que disseram então? Que misteriosa linguagem trocaram que o mancebo se sentiu preso de desconhecida emoção que o remoçava e lhe fazia achar mil ve-

zes mais linda que as luzes cintilantes dos "dancings", modelos, a claridade rosada da manhã, e a pobre pequenita, empalidecendo e còrando, não terminou o garganteio da canção e a boneca, a sua querida boneca, soltou-se-lhe dos braços e veiu cair na rua, aos pés do extático admirador!

Quem o poderá explicar...

Enfim!

O jóvem, por momentos quedo e estupefacto, sem cuidar do que fizera, não sabia como proceder! Depois, inclinou se para o chão; juntou piedosamente no chapéu os restos da boneca, e subindo a escada, bateu à porta...

Surgiu um rostoziinho ruborizado e humedecido de lágrimas, a fitar com grandes olhos interrogadores a fisionomia alterada do mancebo, que titubiava como volvendo aos tempos infantis dos seus primeiros amores.

E finalmente, a medo, balbuciu, sem ousar encarar a criança que o rejuvenescecia: — A boneca... da menina!

Julieta estendeu as mãozinhas. Os seus dedos febris tomaram entre si os cacos, inconscientemente, e... uma lágrima rubra cingiu a brancura da pele.

Um gemido...

Alguma coisa de novo surgia para ela no horizonte da sua curta existência, tão pequena que cabia tôda na pequenina janela tão faceiramente toucada de rosas trepadeiras. Erguia-se um sol mais vivo que iluminava mais intensamente, fazendo-lhe vêr mais longe, muito mais longe... Por isso, é que lhe brotou aos lábios êsse murmúrio que nem ela própria sabia traduzir.

Num movimento impossível de repirmir, o mancebo deixou cair o chapéu, e pegando na mãozinha sofredora, levou-a aos lábios... e bebeu a gotinha vermelha num beijo ardente...

Julieta còrou, recuou, estremeceu... e não chorou mais!

Pegou cautelosa nos restos da boneca, sorriu, e fechou-se em casa!

E foi um formoso romance... Rui, o mancebo que julgava ter vivido da vida tudo quanto ela podia dar a um rapaz rico, formoso e inteligente, voltou quási a ser criança, tão ardentemente cria no amor e dele esperava as mais perturbadoras felicidades...

E Julieta... palpitava enfim, como mulher que era.

Casaram...

... e Julieta tem, já... uma boneca de carne, um amor, um querubim, que Rui declarou ser a paga dessa cujos restos Julieta guarda religiosamente, porque o fim dela, foi o nascimento da sua ventura.



# Simões de Almeida inédito

SE não tivesse existido Soares dos Reis — o génio que, em plena mocidade e pujança, se afastou da vida por não acreditar na sua eficácia — Simões de Almeida, tio, poderia ser considerado o primeiro escultor português.

Os seus trabalhos impregnados d'um classissismo sempre renovado e sempre atraente — quer sejam *O Saltimbanco*, ou a *Sapho*, *A Superstição* ou o *Jovem grego nas corridas olímpicas*; a imagem do Santo Cristo para o túmulo de Alexandre Herculano, ou a estátua do Duque de Terceira; as estátuas de Camões ou do Infante D. Henrique, de Vasco da Gama ou de Pedro Alvares Cabral que figuram no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, — continuam a impôr-se pela vitalidade surpreendente que o seu criador, à semelhança dum Prometeu sedento de beleza, soube dar-lhes em lampejos de inspiração genial.

È que em Simões de Almeida havia mais do que *isso* que para aí pôde ser considerado o talento de um bom canteiro. Criava — e daí os seus triunfos.

Quando, aos doze anos de idade, entrou para a Academia de Belas Artes, mereceu logo a simpatia dos seus mestres, que logo adivinharam nêsse rapazito tímido, ainda aferrado aos velhos usos da sua terra de Figueiró dos Vinhos, um artista que havia de ir longe.

E foi. Acabado o seu curso em 1865, sentiu a ânsia de correr mundo, numa peregrinação artística, pelos centros mais importantes da Europa. Em Paris tornou-se discípulo do escultor Jouffroy,

conquistando, a breve trecho, cinco medalhas de ouro e dois prêmios pecuniários em vários certames e exposições. Era alguma coisa já para quem, levando a alma povoada de sonhos e aspirações, vencía os tremendos obstáculos duma enorme concorrência.

Em Roma, enfileirando entre os discípulos dilectos do professor Monteverde, tornou-se querido e respeitado.

Dando por finda a sua digressão artística, Portugal recebeu-o indiferentemente, escolhendo-o para professor de desenho da Escola de Belas Artes.

Assim foi arrastando a vida que Soares dos Reis regeitara, e lutou, embora muitas vezes, tocado no seu amor próprio, manifestasse vontade de atirar com os cinzeis ao Tejo, e voltar à vida sossegada e anónima do seu querido torrão natal de Figueiró dos Vinhos.

Reagiu, apesar de tudo. Á sua sensibilidade de artista aliava-se a tenacidade dum lutador.

Tendo realizado a estátua do Duque da Terceira, quizeram condecorá-lo com o hábito de Santiago, calculando talvez que assim o compensariam das muitas injustiças sofridas. Não aceitou.

No entanto, enterneceu-o o gesto dos portugueses no Rio de Janeiro que, deslumbrados com a formosa estátua de *A Superstição*, enviaram ao artista insigne uma medalha de ouro como preito ao seu nome glorioso que tão altamente honrava o seu país.

Esta homenagem calou dentro da alma de Simões de Almeida pela sinceridade que a revestiu.

Bem lhe importavam a êle honrarias como um favor, senão uma esmola, quando levava o melhor da sua longa existência a distribuir prodigamente ensinamentos que não se pagariam nem



com ouro, e a criar maravilhas ao pé das quais uma comenda se tornaria ridícula.

Havia fel na sua alma, mas o seu orgulho nobilíssimo impediam-no de descer a catequizar ímpios e ingratos.

O seu valor deveria ser reconhecido espontaneamente por todos os que sinceramente amassem a verdadeira arte. Se não o reconheceram, por inveja ou incompetência, que competia fazer ao Mestre? O que fez. Esboçar um rictus de desprezo que, se não foi compreendido imediatamente, começa a mostrar-se agora em tôda a sua grandeza.

Assim viveu durante setenta e dois anos, até que, um dia — fez agora dez anos em 13 do corrente — se decidiu a deixar êste mundo que tanto asco causara a Soares dos Reis.

Os desenhos que ilustram esta página — inéditos até agora — vieram parar à nossa mão, por um feliz acaso. Que os artistas de hoje os admirem, e reconheçam que têm sido duma ingratidão imperdoável em esquecerem tão depressa o seu ilustre mestre.

Isto refere-se apenas, como se calcula, àqueles que, movidos não sabemos porque estranha irritação, se afoitam petulantemente a desdenhar da obra do grande escultor. Sim, porque alguns conhecemos nós que continuam a manter bem viva a chama da sua admiração por Simões de Almeida — o artista clássico sempre moderno e sempre grandioso.

Felizmente ainda há artistas em Portugal!

Sergio de Montemor.





A adoração dos Reis Magos, por Gregório Lopes

tronomia e folgança que ainda hoje conservam. Quinze dias antes do Natal começava a venda extraordinária das gulodices que eram peculiares a essa festa.

Pela ribeira adiante, fora da muralha, e no largo do Pelourinho, que ficava dentro da cerca, ao oriente, na convergência da Rua Nova dos Ferros e da Rua da Confeitaria, uma chusma de vendedeiras ambulantes, como as que habitualmente concorriam uma vez por semana à feira do Rossio, armavam, em renque, mesas cobertas de mantes muito alvos, sobre as quais expunham à tentação gulosa dos transeuntes vá-

A festa do Natal está tão profundamente radicada em todos os países do Mundo que, mesmo aqueles que não seguem o cristianismo, solenizam a data do nascimento de Jesus com o fervor dos primitivos cristãos no escondido refúgio das catacumbas romanas.

Em Portugal, quando foi proclamada a República, esta festa nimbada pela mais deliciosa tradição manteve-se no calendário e nos corações, tal como sempre foi, tomando a designação de Festa da Família. Ninguém ousou tocar-lhe, nem diminuir-lhe fôsse o que fosse da sua solenidade augusta que muitos séculos memoráveis tinham enraizado no coração do nosso povo.

Pois poderia surgir um iconoclasta tão repugnantemente boçal, tão estupidamente feroz e tão ridiculamente ignorante que se lembrasse de abater uma tradição tão bela que sempre se ergueu no horizonte da nossa ansiedade como um sol acariciante e aureolado de bondade?

O Natal subsistiu e há-de subsistir enquanto existir Portugal.

Vem a propósito citar a evocação que Alberto Pimentel faz do Natal popular e animado da Lisboa manuelina.

Onde isso vai, e como tudo se mantém! Eis o que o fecundo escritor nos conta:

As duas maiores solenidades do calendário eclesiástico, o Natal e a Páscoa, tiveram sempre, a par do seu carácter religioso, uma feição mundana, de gas-

rias conservas de doce e frutas de sequeiro, próprias da estação. Entre as raras conservas de doce quei-quei, próprias das mas de pinhões e de figos, entre os coscorões e a marmelada, entre o gergelim e os fartenes, entre as garrafas de cidra e vinhete, entre montões de boleima, que era uma lambarice barata e grosseira, de grande consumo, aparecia uma frescura, a que se dava o nome de verdes, feita com sangue de porco ou de boi e temperada com vários adubos gordurosos.

Logo por esse tempo abicavam à ribeira, em frente de Alfama, os barcos que vinham de Alcaçer do Sal, carregados de junco branco, porque era do estilo estearar com

Um aspecto da Rua Nova dos Ferros, no século XVI, desenho de Alberto Souza

## TRADIÇÕES PERENES A FESTA DO NATAL

há quatro séculos e há cinquenta anos

êle, festivamente, os pavimentos das casas por ocasião do Natal.

O poeta Chiado deixou-nos notícia deste tradicional costume num dos seus autos, em que a descrição da vida popular de Lisboa toma maior relevo:

*Homem no junco no cis  
era toda Portugal,  
e não parece Natal  
sem junco...*

A missa do galo era já, como hoje, um pretexto religioso para a folia mundana. Esperava-se pela meia noite, tangendo ou sapatiando, cantando e bailando, jogando jogos de prendas, alguns muito chistosos, como o das *Mentiras*, por exemplo, em que a pessoa menos inventiva em fabular sofria a pena de ser mascarada na face com uma palmatória.

Retiniam as gargalhadas quando os jogadores ficavam engraxados no rosto como se fossem pretos da Guiné, sobretudo se uma carinha de tauixa de bisboeta graciosa se metamorfofiava de repente num sol com manchas, semelhando uma negrinha linda de Manicongo.

E os esgares cómicos dos parceiros que procuravam furtar a mão aos golpes



O Natal, por Frei Carlos, pintor quincentista

Página do Livro de Horas de D. Manuel

mas, sentava-se o folgado rancho, e o tição acéo ia passando de mão em mão, soprando-lhe cada parceiro para reanimá-lo, e dizendo ao outro a quem o passava: «Dou-te-lo-vivo». E quando, por mais que lhe assoprassem, o tição se apagava, quando a chamasinha, já ténue, morria nas mãos de alguma pessoa, essa pessoa, no meio da alacridade geral, pagava a prenda.

Visitavam-se, pelo Natal adiante, uma às outras, as famílias conhecidas e amigas, costume que chegou até nós e em nós parece perder-se com a invenção recente das felicitações em comum pelos jornais.

*Há meio século, o grande escritor Ramalho Ortigão, ao traçar a sua página magistral sobre o Natal minhoto que ainda o encantava e atraía, quis dar uma ideia do que vinha a ser esta festa tradicional em plena Lisboa já pretensiosa e modernizada.*

*Eis o que êle diz:*

Ê dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das igrejas repicam festivamente. As salchicharias, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do tecto com a cabeça para baixo, as salchichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitela, de uma palidez linfática, rodiaadas de agriões; os perús gordos como ventres de cônegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as galantines marmoreadas; as louras perdizes postas em pirâmide; as costeletas; as geleias de reflexos cor de topázio; as verduras de salsa picada; os grossos molhos opulentos dos espargos; os bolos do Natal: os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, os *christmas-kacks*, os *paddingtons*, os *bombons glacés*.

E a profusão destas exposições dá às ruas o aspecto culinário da abundância, da plenitude.



Os ramalhetes de violetas com o seu colarinho feito de duas malvas, estendem-se de todos os lados para as casas dos *paletots*, e perfumam o ambiente com uma frescura orvalhada. Os cabazes das camélias cintilam como grandes esmaltes. As lojas de bijouterias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desabrocham em cartuchos de amêndoas, em cartonagens douradas, em animais de quasi todas as espécies recolhidas na Arca, em *cabriolets* de lata, em cavalos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos e em lindas bonecas vestidas de setim com os seus *puffs*, os seus *chignons* e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol. Os homens trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande *toilette*, frescas como lilazes, com os seus narizinhos rosados pelo nordeste, dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão de um teatro por uma associação de senhoras, em favor de um estabelecimento de beneficência.

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo — há bem tempo! — aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferença é que, nessa remota idade e no obscuro canto da província em que êle nasceu, a *Árvore do Natal* era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra bárbara aquela em que êste pai-avô veio à luz e que tantas vezes êle percorreu, já perclitante na imperial de trémulas e arrastadas diligências, já a cavalo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!





humilde deveria ser tóda a sua existência, ao passo que os pobres inocentes degolados tiveram o seu Calvário no próprio regaço materno.

Eis a razão de classificarmos Herodes o maior bárbaro de todos os tempos. Nem mesmo o desastrado exemplo do Faraó que, séculos antes, tivera idêntico assomo de selvajaria para esmagar à nascença o perigo de Moisés que o ameaçava, fez vacilar o sanguinário tetrarca galileu. Tolhido de entendimento, o perverso Herodes não sabia compreender que nem por se encerrar na mais escura masmorra do seu palácio, evitaria o nascer do sol à hora do costume.

A sua ambição cegava-o — e daí



Ao festejarmos o Natal de Jesus, não podemos deixar de recordar os pequeninos mártires que a sanha do rei Herodes arrebatou do colo das mães para os degolar.

Em cada uma dessas criancinhas encontramos um menino Jesus que, muito antes do verdadeiro, haveria de sofrer um suplicio atroz.

Cristo teve mãe a acompanhá-lo pela vida fóra até à idade em que julgou ser chegada a hora de pregar as suas doutrinas de redenção. Teve uma infância acarinhada, gosou as delícias do seu lar tão humilde como



o desenrolar das suas monstruosidades requintadas.

Já lá vão quasi dois mil anos, e a satânica proeza continua a manter-se em tóda a sua hediondez. Nem o rolar corrosivo do tempo conseguiu desvanecer esta inqualificável maldade.

Herodes ficará maldito por todos os séculos sem fim.

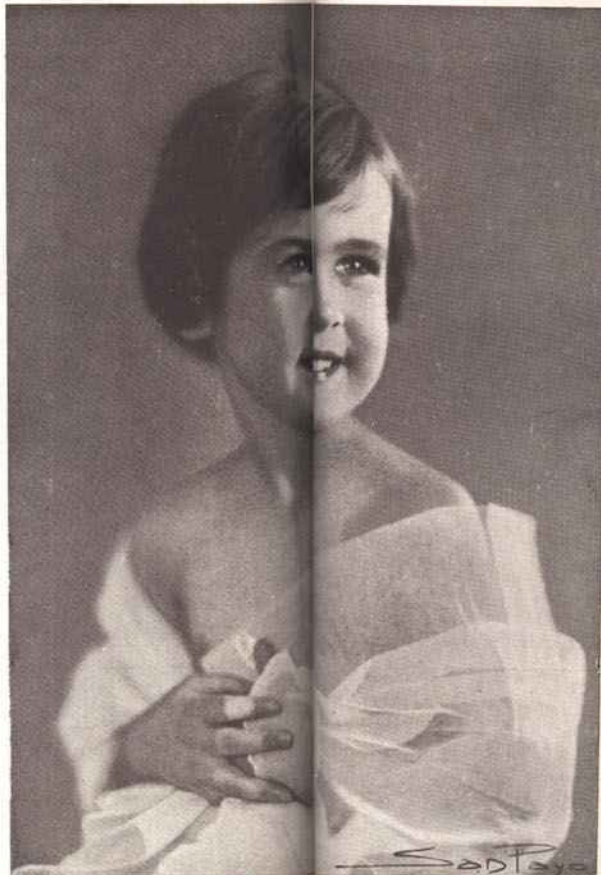
Se outros crimes não tivesse a pesar-lhe na consciência, bastaria a inconcebível degolação dos inocentes para o atirar sem remissão nem agravo à perpétua execração dos homens.

Que, cioso do seu poderio, movesse legiões contra os seus adver-

## OS NOSSOS AMORES

# As crianças — anjos da Terra

### que são irmãzinha do Menino Jesus



sários políticos, que perseguisse profetas e açoitasse visionários, que se revoltasse, em suma, contra o próprio Cesar romano, tudo encontraria talvez certa desculpa. Mas que, na ânsia de eliminar o Messias recém-nascido, mandasse matar tódas as crianças de tenra idade, conven-

cido de que, assim, aquele não poderia escapar-lhe, constitui um crime tão repugnante, tão nefando, tão monstruoso que nem Deus seria capaz de lhe conceder perdão, apesar da sua infinita misericórdia.

E, no entanto, esta figura sinistra do Novo Testamento dilui-se tão

vagamente que quasi se não dá por ela! Os ódios concentram-se todos em volta de Anás e Caifás que defendiam a lei mosaica, vigente durante séculos naquelas paragens, e visavam especialmente o Judas Iscariotes que, para cumprimento das Escrituras, fóra indicado pelo Destino para traír o seu Divino Mestre. Pilatos, apesar de ter feito tudo quanto ao seu alcance estava para salvar o Cristo condenado à morte, sofreu também os ódios das gerações futuras.

De Herodes é que mal se fala, e, todavia, é o piór de todos.

Pois que poderia justificar a hedionda crueldade de mandar degolar milhares de crianças? Nem mesmo



que dum tal sacrificio pudesse surgir a reconstrução de um império que um terramoto esfecelasse, não deixando pedra sobre pedra; nem mesmo que com uma tal monstruosidade pudesse tornar-se possível a ressurreição de milhares de herois que tivessem tombado no campo da batalha, batendo-se por um ideal sublime; nem mesmo que do sangue das criancinhas imoladas pudesse brotar a felicidade plena e completa deste Mundo mesquinho e mísero, se justificaria uma tão hedionda monstruosidade.

Se olharmos bem para dentro de nós, verificaremos que muitas e mui-



tas vezes temos visto fazer mal a um nosso semelhante sem que tal acção nos enervasse ou affigisse e só porque ao malfeitor nos ligavam quaisquer laços de parentesco ou amizade.

Mas vêr maltratar uma criancinha é que ninguém poderia tolerar, nem que ela fôsse filha do nosso piór inimigo.

Que culpa teria o pobre anginho de ter vindo a este Mundo miserável e mau?

Amai, pois, as crianças, que são irmãzinhas do Menino Jesus.

Gomes Monteiro.







# A FISIONOMIA DO MAR ALGARVIO

profundidade, na intimidade das águas. Por último, e indistintamente, o amarelo, o fulvo, o doirado, o verde carregado e as diferentes modalidades do azul.

Cortei o mar de toda a baía, no pequenino barco automóvel que, de longe, deveria parecer uma gaiivola, e surpreendi-me a verificar a sumptuosidade do colorido e o autêntico *travestismo* das diferentes paisagens luminosas. Ao verde sucedia-se o loiro, ao vermelho o azul e ao azul um outro azul diferente: série infinita de retalhos policromos, desbobiada numa perfeita toalha que nenhuma viração agitava.

A costa é constituída ou pelas rochas com feitiços extravagantes cujas sombras traçam figurinhas que a credence popular considera religiosas, ou por areias largas, doces, semelhantes às de todas as costas. Em Lagos, há sete ou oito praias, das quais a mais frequentada, e a que melhores condições possui, é a de D. Ana, medida entre paredes carcomidas de pedra, e para onde se vai atravessando um corredor de rochas. Vista do mar, a costa dá a impressão de uma dentadura de serra, tal a simetria das saliências e a agressividade das suas expressões.

A Praia da Rocha, a dois quilómetros de Portimão, é uma imagem dessa teoria marinha que consiste em mar voluptuoso e em umbelas de pedra trabalhadas pelo

desafiando, ante meus olhos, diversas e perfulgentes indumentárias. Primeiro, o anil esmaecido, medroso, que logo é sangue vermelho e dá ao mar a

*A Praia Formosa de Lagos*



tragédia dos incêndios. Depois o verde translúcido, espécie de luar condensado, pelo qual se pode penetrar até longa



*Vista parcial da Costa de Oiro*

O Algarve, cujo renome paisagístico corre mundo, é uma província ao mesmo tempo agrícola e marinheira. Os seus campos de rega, conhecidos geralmente por *hortas*, são extensas dimensões cultivadas, geometricamente divididas em canteiros onde as forragens e os legumes se instalam, e por onde, aritmicamente, amendoeiras a êsmo e figueiras derreadas se espalham. O mar algarvio, porém, é a melhor imagem da paisagem da província: águas mansas e verdes, tranquilamente adormecidas, onde a candura imaculada do céu se reflecte. Nunca senti, em minha vida, impressão de beleza maior que a que me deu a baía de Lagos, observada do caramanchão da Ponta da Piedade. Foi numa tarde de Outubro, de luz aperlada e doce, quando por sobre o lençol das águas voavam azas de gaiivotas. Ao longe, bem definida, a linha de Portimão, dava, ao espectáculo, um limite lógico e natural. Lembrei-me do mar violento que a costa nortenha tornara meu conhecido, e comparei a tranqüilla mansidão das águas da baía, silenciosas e verdes, com as ondas revoltas, cheias de espuma e de ódio, que são tão belo espectáculo fotográfico. O mar algarvio é já mediterrâneo: daí a razão porque, pelas manhãs, parece um topázio em seu noivado com o sol, e, pelas tardes, uma grande esmeralda liquefeita.

Muito largo, o horizonte que se disfruta da Ponte da Piedade e em que meus olhos marinheiros deliciosamente vogaram. O sol aproximava-se do seu ninho de lilazes crepuscular. Nem uma vela cortava a serenidade lírica: o mar parecia que desmaiara e só era verde e azul-safira, conforme as distâncias. Na manhã seguinte, fui surpreender, num gazolina, a madrugada colorida dêsse oceano que, se não fôra o voluptuoso murmúrio das suas mensagens à terra, eu julgaria de papel de sêda. As sete e meia da manhã, lembrado de Manuel Teixeira Gomes e da sua descrição dos *Regressos* e do *Agosto azul*, fiz-me peregrino lírico e fui de longada à descoberta do sol. Não tardou muito a laranja matinal. O mar recebeu os bons dias do astro-rei,

tempo e pelas águas. São doces as manhãs, observadas do alto da povoação, pelo seu tom translúcido e magnânimo, e as próprias tardes têm nostalgia doirada e meditativa. Já Sagres é uma excepção. O mar ruge, violento, e despedaça-se de encontro às rochas como gigante enraivecido. Um vento permanentemente fustiga as vegetações próximas e bem me recorde de ter regressado de lá, a primeira vez que visitei Sagres, com a impressão de que seria bem difícil, pelas suas condições mesológicas, transformar êsse histórico penedo da meditação do Infante, em Meca portuguesa de romarias tradicionalistas. A paisagem não parece algarvia: terreno sêco, escalavrado, montículos dispersos e quasi marroquinos, terra vermelha, congestionada e aflita. As figueiras, tombadas para o chão, não na santa maternidade dos seus frutos

imponente de espumas claras, indômitas e bravias sem esquecer, porém, a doce canção marinheira que dá perfume às flores da terra.

*Rochedos da Ponta da Piedade em Lagos*



É largo o espectáculo dêsse mar que ruge e que vai gritando sempre até desaparecer ao longe: e, ainda há pouco,

quando me decidi a ir lá, proposadamente, a presenciar um pôr de sol, fiquei maravilhado com a temperatura dramática das águas revoltas e murmulhantes onde o incêndio do sol agonizante espalhara ansiedades de fogo. Lembrei-me de outro poente a que assisti, em Sevilha, vai fazer dois anos. Sobre as águas líricas do Guadalquivir começara a cinematografia dos arrebois doirados e ígneos, mas foi, adiante, no oceano crivadinho de barcos e de vasos de guerra, que o astro em chamas se sumiu, deslumbante em seus setins de fogo como uma aparição de Melistófeles nesse revoltoso cenário de águas agitadas e coléricas.



*Outro aspecto das rochedos da Ponta da Piedade*

Mas Sagres é, afinal, uma excepção. Ferragudo é um recorte catalão nesta costa essencialmente andaluz. Terra de pescadores, como a Nazaré, há-de ser amanhã uma grande praia internacional, embora pequena e sem as dimensões de Monte Gordo. Mas há no seu ar tam perfulgentes claridades e tantas essências dispersas, e é tam pitoresca a sua enseada onde o mar é permanentemente azul como nos contos de fadas, que em breve, quando fôr descoberta pelos turistas ingleses e alemães, será digna de corpos perturbantes e do bulício sensual dos perfumes caros.

E quem poderia impedir que assim fôse? Em frente desta paisagem vivificante ficamos com a convicção de que o pecado original não atingiu a terra algarvia, embora a serpente nisso se empenhasse... Este Algarve é, afinal, um pedaço de terra florida e perfumada cuja conclusão lógica é o mar. Em Janeiro, quando troveja no Minho e o Porto é um permanente aguaceiro, esta costa enche-se de perfumes, vestem-se de noivas as amendoeiras e os medronheiros, o ar recolhe as colorações dos lilazes e espalha essências de jasmim, e os seus espectáculos marítimos são suntuosos de colorido e de emoção. Tudo isso se deve a um clima invulgarmente tépido, dizem-me que semelhante ao da Madeira, e à grande realização de beleza de uma paisagem sinfónica e policroma como não há igual no país e no mundo...

Manuel Anselmo



# NOTAS DA QUINZENA



**Aniversário do sr. Cardial Patriarca.** — Passando o seu aniversário natalício, o sr. Cardial Patriarca deu recepção aos fiéis, instituições católicas, seminaristas e clero do Patriarcado. Os visitantes aproveitaram o ensejo para o cumprimentar pelo 7.º aniversário da sua ascensão ao sólo patriarcal. A nossa gravura apresenta o sr. Cardial Patriarca com as crianças das escolas católicas que o foram saudar.



**1.º de Dezembro.** — O desfile militar na Praça dos Restauradores, comemorando a libertação da Pátria que durante sessenta anos estivera sob o domínio de Castela. Mais que nunca a nossa a'ima vibrou.



**Colégio Militar.** — Os actuais e antigos alunos confraternizaram numa grande festa a que assistiu o Chefe do Estado. A nossa gravura da esquerda apresenta o elemento oficial assistindo à missa celebrada na igreja de S. Domingos por alma dos alunos mortos. À direita, vê-se o Chefe do Estado, ladeado pelos srs. generais Vieira da Rocha, Craveiro Lopes e Ferreira Martins e almirantes Ivens Ferraz, Coutinho Garrido e Sales Henriques, presidindo à sessão. O director do Colégio Militar, brigadeiro Magalhães Correia proferiu um brilhante discurso referindo-se aos altos valores que d'este estabelecimento de ensino têm saído para honrar todos os sectores da vida portuguesa.



**Assembleia Nacional.** — Começando o terceiro período legislativo, a Assembleia Nacional manifestou por aclamação a sua inteira solidariedade com o Governo. A gravura que acima damos apresenta a mesa da presidência durante a contagem dos deputados presentes. À direita: O sr. Presidente da República com os membros do Governo que foram à Cidadela de Cascais apresentar-lhe cumprimentos pelo seu aniversário natalício. Além destas individualidades estiveram ali também o Corpo Diplomático, representantes das Juntas de Freguesia e muitas outras entidades que assim quiseram patentear ao Chefe de Estado a sua estima, o seu carinho e a sua alta consideração.



**A** cada ano que passa, a vida nos vai abrindo mais os olhos, para que possamos ver em toda a sua clareza, os nossos erros, que consistem muitas vezes na ingenuidade com que acreditamos nos charlatães do ideal, que com palavras mentirosas, mascaradas de entusiástica sinceridade, procuram impingir-nos os seus frasquinhos do elixir da felicidade e os sabões capazes de tirar completamente os vestígios de qualquer hesitação na nossa parte a tomar no cortejo que só pode levar-nos à morte de mais uma ilusão.

E' preciso boa vista espiritual e bom ouvido crítico, para sabermos distinguir o ouro do latão dourado, e as palavras sãs que conduzem a um porto abrigado e seguro, das falaciosas promessas que nos levam a um paraíso artificial, onde a serpente do desengano, a breve trecho, vem apertar-nos nos seus anéis.

A nossa felicidade reside em nós mesmos.

Trazemo-la connosco e, doídos, não a sentimos, e pomo-nos em sua procura, por caminhos tortuosos, guarnecidos de espinhos, onde vamos rasgando o corpo e a alma, nesse anciar constante por um bem que nunca chega, porque não é dêsse lado que êle está.

A ventura de cada um é a sua própria obra — obra simples e fácil, que consiste em contentar-se com a sua sorte.

A ambição de riquezas, para o usufruto de luxo, comodidades e extravagantes distrações, é a causa de todo o mal que afflige a humanidade.

Se toda a gente se limitasse a viver consoante os seus haveres, mas resignada e contente assim mesmo com o pouquinho que tivesse, só haveria felizes neste mundo.

Quem não pode ter na sua mesa acespes raros, tem o pãozinho que lhe pode dar o seu trabalho e um conduto barato, que comido de consciência tranqüila tomará o sabor do mais delicioso maná celestial.

E se para vestidos de sêda não há pecúnia que chegue, um vestidinho modesto e limpo, também faz uma linda vista.

E que nos importa o que os outros pensam da nossa modéstia?

O principal é a satisfação íntima do dever cumprido gostosamente, e a certeza de termos sabido aceitar a nossa parte de

felicidade — uma felicidade pobrezinha e simples, mas risonha e sem preocupações ambiciosas.

Para chegarmos a esta perfeição, precisamos de preparar a nossa alma, edu-

## DEUS SEJA CONNOSCO

cá-la nos bons princípios, e essa escola só é possível amparada pela Religião, pela crença em Deus.

é não conhecer a vida, é não saber viver.

Há-de haver sempre ricos e pobres, felizes e desgraçados.

O que consegue tornar o balanço de contas menos duro é a bondade dos que podem com a sua generosidade minorar males alheios, e é a fé dos humildes em melhores dias.

Êste resultado é ainda um produto da Religião, que é a base do bem estar de qualquer povo.

E a história está cheia de exemplos que não desmentem quem fizer esta afirmação.

A falta de crença em Deus gera a maldade e leva a todos os crimes.

Quem crê em Deus respeita os seus mandamentos e, para agradar-lhe e merecer a sua divina graça, procurará eliminar a parte ruim que por ventura atavis-mos cruéis tenham implantado na sua alma.

Vem aí o Natal, a festa tradicional da família, época propícia para um exame de consciência feito escrupulosamente, e com vontade forte de não continuar caindo nas mesmas faltas antigas.

Vem aí o dia da glorificação do Menino Jesus — essa criança a quem o destino reservava tão horribéis tormentos.

Quem diria à Virgem-Mãe, quando o aconchegava ao seu seio, que o seu filhinho havia de tombar-lhe nos braços, todo chagado, descido da cruz até ali suplício de assassinos e ladrões?!

E quando em Jerusalém tapetaram de palmas e flores o caminho

do Homem Deus, quem suporia que essa mesma gente o abandonaria à sua sorte de sacrificado inocente às torvas ambições e receios de vis magnates? Nem Pôncio Pilatos teve a coragem da sua opinião.

Vem aí o Natal. Que pais e fillhos, irmãos e irmãs se liguem com mais estreitos laços.

Que o ódio desapareça de cada peito, que os homens se dêem as mãos, numa tácita promessa de amizade e cooperação íleal, na sua luta pelas encruzilhadas da vida.

Mercedes Blasco.



Agnus Dei — Quadro de Murillo

Sem ter qualquer coisa que a alimente, que a socorra, em transe de dúvida, a nossa alma perde-se, estonteada por mil solicitações diabólicas, disfarçadas lindamente, mas que no fundo só escondem torpezas.

Da crença em Deus, vem o respeito e o amor da família, vem a resignação no sofrimento e na desgraça.

Pensarmos que esta vida só deve consistir em divertimento e riquezas, é um erro crasso, um erro que merece castigo.

Acreditar que tudo é para todos e que os nossos quinhões devem ser iguais





D. Sebastião

Acaba de aparecer um novo romance de Aquilino Ribeiro, o escritor insigne que em cada um dos seus numerosos leitores pôde contar com um admirador sincero e fervoroso.

Desta vez, o prosador inimitável, escolheu a tenda do Encoberto, esboço da trevoza as mais belas pignas que só um espirito cintilante como o seu saber-nia urdir.

Para que entrar em mais pormenores? A transcrição que abaixo damos dum trecho da nova obra do ex-celso escritor, dirá por si só muito mais do quanto pignas coibidos de adjectivos laudatórios, armados em lâmpadas murgas para alumiarmos o Sol em tôda a altura do seu esplendor.

Quem terra é esta? — perguntou Frei Salvador, erguendo a cabeça para as fantasmagoras que se debruçavam sobre elle.

Não lhe souberam responder e foi repetindo a pergunta nos idiomas que conhecia. Por cima dele, com timbre igual e intimativo de sineta, uma voz pusera-se a badalar:

— Hagion-Cras! Hagion-Cras!!!

Recolhendo-se um minuto, desceu o frade no poço dos seus conhecimentos. Hagion-Cras não era Atos, o monte sagrado, coberto de colmeias e já a praia, a sua volta, se povoava de vultos negros, todos mais negros do que a noite, com as suas cogulas de mangas em tulipa e barretes altos, telescópicos. E das bandas da terra acudiam mais e mais, silenciosos e despachados, os cabelos e as barbas de prata dando-lhes à luz do quarto minguinte um ar ao mesmo tempo lútesco e venerável. E, sombras enoveladas, iam orla do mar fora pesquisando.

Sim, ali, onde a galé, batida pela borrasca, acabara de se fazer em estilhaços com perda quasi total de vidas, era de-certo o promontório da Calcidica. Os lívicos do erépiculo tinham-se apagado de todo e terra e mar nossozavam na penumbra; apenas a baça claridade lunar accentuava as cristas das ondas, ao arremeter para a borda, fosforescências duma poalha mais tênue que as rodiciadas.

Dois monges, amparando cada um de sua banda, levaram D. Sebastião, iam a fazer-lhe o mesmo, mas recusou-se. Erguendo-se por esforço próprio, esticou os tendões a experimentá-los; os tendões accentuaram bem a architectura pesada do corpo. Esboçou, em seguida, dois jactos e, vacillantes de começo, os passos encontraram o ritmo locomotor. Sentia-se contuso como se tivesse sido apaleado, porém a máquina obedecia à vontade d' aquilino.

Não longe, D. Sebastião esperava por elle, encostado a um rochedo. E juntos, no exaustão dos vultos negros, se puseram a subir uma escada íngreme, levemente inflexa, talhada na rocha

viva, que nunca mais tinha fim. Diante deles acabaram por avultar na opacidade do céu perfis tórvos de torções e revelis com suas cortinas e suas ameias à volta, tal um burgo da Idade-Média. E na muralha maciça, de grossos pilares, abriu-se uma porta baixa, como de poterna, para eles entrarem. Seguiu-se um corredor de abóbada e de laje, cortado por successivas portas de ferro, e foram dar a um claustro com cedros altíssimos no meio, repuxos melopáicos e pequenas construções cobertas de coruchubs bizantinos lembrando uma colónia de cogumelos. E após claustro corredor, após corredor claustro, assim de seguida, quer em linha recta, quer em torção, tiveram a impressão de se achar num dédalo tão confuso como fantástico.

Sem dúvida estavam na cidade celeste do Monte Atos — *polin curanicus* — indifferente ao pume do tempo e à paixão dos homens. Só ali se podia conceber aquele vello, alto, magro e diáfano, que lhes saia ao caminho, precedido de dois monges com velas acesas a alumiar-lhe. Desciam-lhe pelos ombros, ossudos e erectos como se neles estivessem a crescer acesas, fartos cabelos de neve. Cobria-lhe o peito, semelhante a corsete de aço, uma barba hival, também alva e naturalidade que Frei Salvador um instante se supôs na presença do Padre Eterno que ao desfazido pregarimase pela terra.

Era o higomene, devia ser o higomene da comunidade o ancião solene, que em voz branca e baixa, todavia cheia de império, interrogava os monges. E, depois de os interrogar, voltando-se para Frei Salvador, disse-lhe a palavra em grego. E elle lhe respondeu também no grego usual, aprendido com a malta das galés, matizado aqui e além, com manifesta surpresa sua, do oiro puro de Homero e Xenofonte.

O superior acabou de ouvir de rosto compungido a narrativa de Frei Salvador. E, como a verdade verdadeira tramula nas suas palavras, deu instruções para que, além do socorro devido a pobres naufragos, fossem tratados como irmãos, dos mais dilectos, da familia crista.

Conduziram-nos para uma cela, pedra por baixo, pedra por cima, pedra por todos os lados, como podera ser alveolo cavado por bôlha de ar no cerne dum penedo. Mas pelo balcão abria-se a luz do nascente, luz, ao que estavam de alto, que as nuvens iam peneirando, ao mesmo tempo que deixavam por ameias e guaritas uma fimbria preguiçosa. E da culminância em que se achavam respondia ainda o mar que se ouvia bramar em baixo, em seu fundão, como fera em subterrâneo.

Os calóicos, que assim se chamam os religiosos destas comunidades, prepararam-lhes o *anediton* para dormir e trouxeram-lhes roupas para se mudar. Um deles, pratico em medicinas, lavou a ferida que D. Sebastião recebera ao dar à costa e applicou-lhe um unguento de virtude unguento. Havia-lhe de doer que gemia e chamava baixo a Nossa Senhora. E que tinha febre vinha-se ao saffregulido com que engolui a vitana que lhe apresentaram.

Os monges retiraram-se, dando as santas noites, chamados a matinas pelas matracas. Frei Salvador correu a palpar o cós das calças em que cosera os brilhantes que Lela Bianca lhe dera. Lá estavam, e sentiu grande refrigério, pois significava permitir-lhes Deus que em sua altura regressassem a Sítio do cativo de Babilônia. E de joelhos no catre deu graças.

D. Sebastião caiu logo no sono, prostrado pela fadiga e o abalo que sofrera. E, um migalho de corrido, pareceu a Frei Salvador, ainda enlaidado na oração, ouvir uma voz. Prestou o ouvido... Emmudecera. Mas breve recommecava:

— Portugal e Santiago!... Portugal!

Era elle que proferia em sonho as palavras que mais gratas lhe tinham sido: senha de guerra, invocação. E o arrabaldio foi ajoelhar-se-lhe à beira da cama, nem elle sabia se movido pela curiosidade, se interessado em perscrutar para lá da parede craniana a marcha errática e caprichosa do pensamento. Como sempre, divagava com a lucidez hipnótica que lhe era peculiar, accendendo a vela do seu estado febril:

«Oh meu Deus, que trágico destino fazer chorar! Choraram por mim antes de eu nascer; choraram depois; nunca mais houve olhos en-

# UMA JÓIA LITERARIA MARAVILHOSA DE D. SEBASTIÃO escritor Aquilino Ribeiro

xutos em Portugal!... Não chorem mais que me retalham o coração, não chorem mais!... Porque choram? Por eu ser o flagelo de Deus... Ah, e porque é que eu sou o flagelo de Deus...? Quero-o saber! Quer o saber! Lá porque os navegantes e os soldados da Índia e da África, desde o vizo-rei ao grumete, pecaram nas Cinco Chagas e atolaram as mãos na rapina e no sangue, não é razão. Não, senhor, não é razão! Disse ou não disse o Deus dos Escritos: *Celias, cellas in timore à fite targa, mullares, nubes e meanes, e não deixes pedra sobre pedra...*? Ou é porque a nação, como diz Frei Salvador, se converteu numa casa da malta, uma reles casa da malta, atulhada de ladrões, de devassos, de soberbos e arrogantes...? Ah, mas se é essa a causa porque o Senhor me arvorou em flagelo do meu povo, destes lábios não ouvirá elle: *seja feita a minha vontade!* Ah, não! Não!... *Isa e pra!* Lá vai, comite, lá vai! Eu mais alento não posso dar. Se me bates, as mãos te sequeim villo! Bates no unguido do Senhor... Lá vai, comite, lá vai!... Virgem Santa Maria, as lágrimas dos portugueses têm sido tantas, tantas, que se corresse para o Tejo, o Tejo saíria da madre! E não há de conjurar a mal sorte!... Heim, não a há de conjurar! Frade, explicam-me lá: como é que Deus é a infinita bondade?

— Senhor, por quem sois...? — gritou-lhe o arrabaldio, sacudindo o pelo braço

— O quê? E o comite? E o comite...? — regougou elle, abrindo os olhos, crispados de angústia.

— Não é o comite, sou eu, Frei Salvador da Torre, indigno filho de S. Francisco. Mas que horror de pesadelo! Vossa Alteza até blasfemava...

— Pode lá ser! Eu sou o rei ortodoxo... fidelissimo! Fi... de... líssi... mo...

Um instante e reatava o sono irregular e agitado. Outro instante e os lábios moviam-se e balbuciavam: primeiro, sons ininteligíveis; depois, palavras, embora inteiras, espalhadas. E começavam a agrupar-se e a mediar o pensamento:

«Carrasco... carrasco do meu povo... sinistro papel! *Rema enxuto!* Não sou eu que chapinho, comite, não sou eu. Olha bem, o meu velho, não trouxesse eu à perna este péso de quarenta libras e não vias mais terra! Oxalá que a azorragada que me deste cá em teus filhos até a sétima geração! Perro, raça de cão e lóbo!... Sou então bode esportado? Ah, deixar-me imolar as sete dores das mãos pretas, das mãos asiáticas, vá ainda! Mas se não sou mais que o látigo com que são punidos os netos dos conquistadores, fibusteiros nas horas vagas, maldito seja o dia em que nasci! Maldito seja, e já que esse dia não sendo ser riscado do tempo — se é certo que podendo a teologia nem Deus o poderia fazer — que fique pelos séculos a vir data negra, data cadavérica; diga-se: *vassal D. Sebastião* com horror e cuspidio para o lado»

E tão convulsivamente se debatia debaixo da garra do pesadelo que Frei Salvador, condoído, despertou-o de novo. D. Sebastião sentou-se na cama e, depois de limpar o suor que lhe escorria pela testa, respirou. E permaneceu quieto, o olhar em alvo. Mas não tardou que escorresse para a enxérgia; e voltava a melopeta:

«*Safa cabon, não é comite, eu sou apenas vovante...* Também ando a expiar os pecados de meu pai...? Estúpido fadário! E culpa minha que morresse a ranger os dentes, abrasado em sede e desejo, a pedir água e amor, seco como as palhas? Sim, a árvore combalida só mais frutos pode dar. Mas de quem é a culpa?...

*Guardiã-bavi, as ratazanas!*... Sinto uma a trejar por mim acima e outra a roer me um dedo do pé. U! que quantidade! A espreitar dos buzacos parecem freiras do Mocambo nos mirantes! *Guardiã-bavi!*!»

Tinha dado um salto na cama e, depois de atirar a roupa fora, bracejava com impetuosa fúria. O frade agarrou-o:

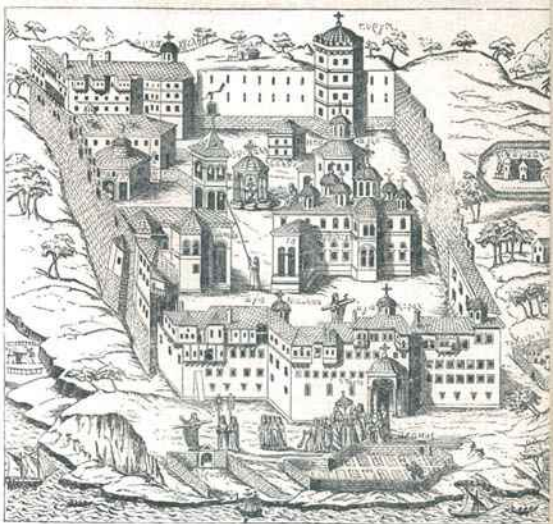
— Senhor, senhor, reparei que já não estamos em Argel... Estamos no Monte Atos e somos hóspedes dos religiosos de S. Basílio. Reze Vossa Alteza comigo para que Nossa Senhora lhe abraque a atilção... Ave-Maria...

— Pois sim, Frei Salvador, rezemos: *Ave-Maria, cheia de graça...*

Não foi até fim. A cabeça pendeu-lhe... esteve cabeceando, e tombou para o traveseiro. Assim quedou um bom pedaço, inerte, tão espasmo que Frei Salvador julgou ter a pobre alma inquieta encontrado finalmente a misericordiosíssima serenidade. O seu anélio era tão brando que mal se ouvia. De súbito, porém, tornou a oppressão. E mais uma vez a voz dolente encheu a cela:



O súldo Amurath III



Visão do mosteiro do Monte Atos

«O Senhor não teria meio menos cruel de fazer chorar os portugueses sem ser por minha mão? Sem ser eu o alçoi! Que falta cometi eu, Frei Salvador! Ah, sim, faltei ao meu voto, ao meu grande voto, tão secreto que só o soube o P. Luiz Gonçalves da Câmara, meu confessor. É verdade, andei cismático com a Joanhina de Castro — olhos lânguidos os dela! — e com a prima Isabel Clara — mais mans e rosa não havia — e com certa mulher dum galeote, picaente malagata! Ninguém percebeu o meu drama. Mas está bem, só este aspecto, faltei ao meu voto, sim, faltei! Mas em que mais prevariquei contra vós, Senhor? Em mais nada, em mais nada! Como o donato que me meteu médio em pequenino, posso garantir: *ibi vobis peccavi? Fiteja de remis!* Estou derrado! Abre-se-me o peito; desprende-me a alma. Soebro!»

A sua voz era como o trovão. O frade alancou-o com pressurosa ternura, exclamando:

— Jesus Senhor, como V. Alteza anda reloucado do entendimento! Desprete! Estamos muito longe de Argel... As galés acabou-se!...

— Acabou-se? Melhor; já tinha sola nas mãos. Com mar picado, a pirataria não deixa de ter a sua graça... Mas não era para todos. *Sallo de gáves!* — não é comigo. *Fiteja a vela!*

— Isso sim. Mas cuidado, comite, quando jogares o azorrage a alguém... Fugiu-te o golpe e fizeste-me um vergão no ombro. Outra vez, matote à dentada, já que não tenho outro meio de te matar. Mas tu açoutas-me...? Excomungado!...

De novo o vacuidiu Frei Salvador. Tinha os olhos fora das órbitas e cada cabelo lhe suava como fonte. Ardia em febre. Frei Salvador acalmou-o, acariciou-o e, compoêdo lhe a roupa, só lhe faltou cantar por cima uma dèle uma cantiga de embalar. E com alma atribulada velou e rezou por elle. Sobre a alva viu o sossegado a dormir um pouco reparado. Fechou então as janelas e também elle dormiu. Quando

acordou, chegaram-lhe aos ouvidos cânticos vagos, quasi emorecentes, filtrados pela distância e o labirinto architectural. Deviam ser os monges a rezar as laudes diante da *Panachia, no catholicon*, e as vozes, acompanhadas de órgão, rebobavam plangentes e tão suaves que o silêncio parecia impregnar-se de respeito e escutar. Depois, quando a toada cessou, esse mesmo silêncio pareceu ficar em levitação, mais substancial que o próprio ar, com mística personalidade. E Frei Salvador na paz que se succedeu adivinhou, mais do que sentiu, o rumor da colmeia monacal a distribuir-se pelos diferentes alçados. Entretanto, o tempo foi discorrendo mais impudicamente do que asas de alçoi. O frade ouviu o mar, o seu próprio pulso, a consciencia. Com mão de veludo abriu um calceiro a porta da cela, espreitou... e ante a quietude imperturbável retirou com a mesma discreta cortesia.

O Sebastião mexeu-se, a-final, na enxérgia, bocejou e após um suspiro proferiu a médio:

— Meu senhor... e, em simultaneidade, o frade correu a abrir as portas da varanda.

O sol irrompeu bulhento e ruidoso como fanfarras e o rei disse, depois de vencer a ofuscação que lhe causava a luz:

— Estamos então no Monte Atos...! Fartei-me de sonhar, de andar em bolandas por perigos e maus lugares... e...

— Sim, Vossa Alteza passou grande parte da noite em agitação, mas a manhaninha já a dormiu dum sópro. Um pouco de febre... a eterna luta, dentro de nós, de Jacó e do anjo. E olhai, meu Senhor, à parte o que de molesto há nos pesadelos, consolai-me de assim a luta. A consciencia de Vossa Alteza trabalhava a descoberto como um relógio. E notei que Vossa Alteza acutila tão bem nos inimigos da alma como nos mouriscos. Grande reformação se está operando nela!

Ele dobrou a cabeça para o chão em jeito de modestia para de enferiu, e erguendo os olhos repentinamente a enferiu:

— Quando acabarão as provas?

— É a Divina Providencia que no-lo há de dizer, Senhor. Por agora, afasta-nos da nossa querida pátria.

Acabou Frei Salvador de encanear a porta que deixava para o balcão, suspenso como ninho centenas de metros acima do mar. A água cintilava na mais irrisada e mansa das tremulinas. Nem uma vela no seu verde glauco emalucado. Ao longe, como menfures à flor dumaa laguna, lobrigavam-se Lemnos, a ilha voluptuosa de Afrodita, e Sametracia, berço de Arsinóe. E eram tão pacificadores os longes, tão encantados os siléios, consoli-me de assim a luta. A consciencia de Vossa Alteza trabalhava a descoberto como um relógio. E notei que Vossa Alteza acutila tão bem nos inimigos da alma como nos mouriscos. Grande reformação se está operando nela!

Aquilino Ribeiro.





Dr. Samuel Maia

A semelhança das mais famosas fábulas de Esopo que Fedro e La Fontaine vulgarizaram como suas para ensinamentos das futuras gerações, surgiu o romance «Dona sem Dono» do dr. Samuel Maia, que pôde ser considerado, não só belo e atraente, mas profundamente moral.

Houve quem o combatesse, talvez por inveja e despeito, visto que uma obra de tal realce viria aumentar a glória já conquistada pelo feliz autor da «Luz perpetua», da «Mudança de ares», e outras obras primas.

Mas que importava? O dr. Samuel Maia, sendo o autor do «Sexo forte», o romance em que pontifica a alma vigorosa dum apóstolo da verdade; do «Braz Cadunha», a mais bela peça regional, deveria ser o criador da «Dona sem Dono» que, constituindo o perfeito e profundo estudo dum grande psicólogo, é também o mais apreciado romance dos últimos tempos.

Sempre assim o pensamos, e, finalmente, a Academia das Ciências veio dar-nos razão, concedendo à «Dona sem Dono», o prêmio Ricardo Malheiro.

Ainda bem, não pelo autor que não carece de consagrações nem réclamos, mas por todos os admiradores do escritor ilustre que não poderiam aspirar a mais sólido apoio. Por isso, a justíssima deliberação da douta colectividade mereceu os gerais aplausos de todos os meios literários, não só porque sendo o último romance do dr. Samuel Maia escrito naquela prosa sugestiva e atraente de que só o seu autor conhece o segredo, é ainda um livro que consegue atingir, como nenhum outro, uma grande finalidade moral.

Deu-nos razão, portanto, a Academia das Ciências.



Dr. João de Barros

DA visita triunfal que o dr. João de Barros acaba de realizar ao Brasil quis o grande jornal brasileiro «A Noite» deixar imperecível memória, reunindo em livro os discursos que o ilustre embaixador da intelectualidade portuguesa proferiu nessas paragens de sonho e encantamento. Enfeixando um elegante volume de cento e tantas páginas, que tem por título «Palavras ao Brasil», a redacção de «A Noite» prefacia-o com louvores às altíssimas faculdades do grande escritor português e à sua valorosa acção em prol da aproximação luso-brasileira, e termina assim:

«Durante a sua visita ao nosso país, agora, por convite honroso das mais vivas expressões da intelligencia brasileira,

o escritor também sentiu a delicadeza com que entre nós se entendeu aquela sua constancia afectuosa. O reconhecimento dessa sensibilidade está em seus discursos — hinos de entusiasmo e de ternura, poemas em que a lingua portuguesa, ferida no intimo da sua fonte, excele em sabor e claridade...»

Eis como o Brasil considera o nosso querido dr. João de Barros.

# FIGURAS E FACTOS

## Luigi Pirandello

COM a morte deste notável escritor italiano, ocorrida no dia 10 do corrente, a Itália perdeu um dos mais discutidos e representativos obreiros do seu teatro contemporâneo.

O nome de Luigi Pirandello ecoou no Mundo inteiro, graças à originalidade



bizarra que se decidiu pôr nas suas peças teatraes, desprezando as velhas fórmulas, a lógica e a verdade.

A nosso vêr, Luigi Pirandello, tendo gasto o melhor da sua vida a escrever novelas que ninguém soube apreciar, decidiu tornar-se autor dramático, mas de maneira que irritasse as plateias, que enfurecesse a critica, e que desse, em suma, que falar de si.

E, assim, transpôs as fronteiras do seu país com a fama de renovador do teatro. Pelo seu engenho, pela sua tenacidade, bem mereceu o Prémio Nobel com que foi galardoado há dois anos.

Mas renovador?! Se hoje em dia nem os mais espirituosos revisteiros, tão engraçados e originaes, conseguem sair dos moldes que há 25 séculos Aristófanos lhes marcou com a representação das *Navens!*

Portanto, «a Cesar o que é de Cesar». Com a morte do notável escritor Luigi Pirandello, a Itália perde um dos seus mais discutidos e representativos obreiros do seu teatro contemporâneo.



## O GRANDIOSO COMICIO DE COIMBRA



COIMBRA acaba de dar mais uma prova do seu acendrado patriotismo, realizando um grandioso cortejo cívico e um eloqüente comício em que se consagrou a independência nacional sendo combatidas as doutrinas marxistas. Muitos milhares de pessoas de todo o districto acorreram a manifestar a sua confiança nos destinos da Pátria. — Em cima: vê-se um aspecto da concentração na Avenida Navarro. — Em baixo: Um aspecto da assistência na Praça da República, vendo-se á frente a esperançosa mocidade das escolas donde sairão os grandes homens de amanhã.









UMA rapariga a quem os pais preparam um casamento de conveniência, reage com tôdas as veras da sua alma apaixonada por outro.

— Bem sei que o noivo é estúpido — diz-lhe a mãe — que é feio, que é uma nulidade... mas, enfim, não são motivos para o recusar... Bem vêes que também casei com teu pai!

Um examinador, interrogando um aluno do curso comercial:

— Queira dizer-me o que vem a ser uma raiz quadrada.

— Peço licença para lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> — replica o aluno — que o meu exame é sobre comércio, e não sobre agricultura.

Num restaurante, o cliente que tomou lugar na mesa mais próxima do balcão, mete conversa com o dono da casa, elogiando o vinho que lhe foi servido.

Quando o cliente se retirou, o dono do



— Há já três semanas que não fumo.  
— Isso é que é ter força de vontade.  
— Aqui a força de vontade é de minha mulher. Ela é que não quer que eu fume.

restaurante, que conhece bem a peste do vinho que põe na mesa, resmungava desconfiado:

— Das duas, uma: ou é um pateta, que nada entende de vinhos, ou então é o maroto que mos fornece...

Uma mulher acusada de tentar envenenar o marido, comparece perante os juizes, mostrando grande serenidade. O marido, restabelecido completamente, assiste ao julgamento, ansioso pela condenação.

Em dado momento, o juiz pergunta à ré:

— Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

— Tenho, sim, senhor juiz. Requeiro a autópsia do meu marido.

Um rapaz tímido como uma gazela apresenta-se em casa da mãe da noiva, na disposição de formular o seu pedido.



A futura sogra tem todo o aspecto duma megera capaz de espatifar o rapaz enquanto o diabo esfrega um ôlho.

— Então o cavalheiro deseja ser meu genro, não é assim? — pergunta ela ao assustado pretendente.

— Não é isso precisamente... — gagueja êle, deitando o olhar para a porta salvadora.

— Não é isso?!... — rouqueja a fúria assanhada como um cão *bull-dog*.

— Eu explico-me, se V. Ex.<sup>a</sup> me dá licença — titubia o rapaz cada vez mais atrapalhado — não é bem isso precisamente... Em todo o caso, já se vê que não poderei evitar ser seu genro, uma vez que tenha a honra de casar com a filha de V. Ex.<sup>a</sup>.

O dono da casa a um convidado:

— Então que tal lhe parece a minha casa de jantar?

— O jantar o ha-de dizer — respondeu o convidado com a maior naturalidade.

Entre advogados:

— Aquele meu cliente de Évora é o tipo mais teimoso que tenho encontrado. Como aquilo nunca vi outro.

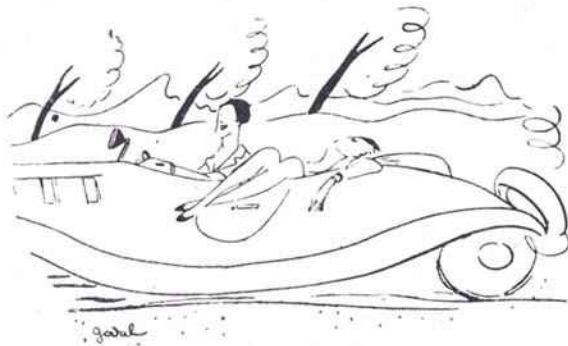
— Então que faz êle?

— Calcula que não é capaz de seguir um conselho meu, nem mesmo depois de mo pagar!

Duas porteiras esmiuçam, como de costume, as suas vidas e as alheias.

— E quem foi o médico que tratou o seu pobre marido?

— Não foi preciso médico. O pobrezinho morreu por si mesmo.



— Não me sinto bem, Alfredo. Abre a janela, fazes favor.

No Coliseu, um petiz para o avô que ri a bandeiras despregadas:

— Não ria dêsse modo, avô. Olhe que são capazes de imaginar que é esta a primeira vez que o trazem aos cavalinhos.

Num exame:

— O que vem a ser património?

— A herança que recebemos por parte do nosso pai.

— E matrimónio?

— A que recebemos por parte da nossa mãe.

Um indivíduo que nunca primara pelo aceio, decidiu-se a tomar um banho. Nessa intenção dirigiu-se a um estabelecimento que lhe indicaram e perguntou:

— Quanto custa um banho?

— Cinco escudos.

— Não faz abatimento?

— Para um banho só, não, senhor. Mas



— Chegamos! O símbolo da Liberdade espera-nos!  
— Não a mim. Tenho minha mulher à espera no cais.

se tomar uma assinatura para doze banhos, posso fazer-lhe 20 por cento.

— Doze banhos?! E como é que o senhor sabe que eu posso viver ainda doze anos?

— Bons dias, Artur. Então como passas? E tua mulher?

— Eu bem, como vêes. Minha mulher é que está passando muito e não vejo jeito de melhorar.

— Mas o que tem ela? Nevralgias?

— Não. Diz que precisa absolutamente dum vestido novo.

A senhora para a criada:

— O seu namorado esteve ontem à noite, outra vez, consigo na cozinha, até às 10 horas da noite. Isto assim não pode continuar.

— Eu já me lembrei duma solução — alvitra a criada — talvez se pudesse jantar um bocadinho mais cedo.



**M**AIS um Natal se aproxima e mais uma vez a humanidade festeja o nascimento, há 19 séculos, de Jesus Cristo em Belém.

Crentes e ateus todos os festejam. Uns vendo nesta data bendita a nasção do Filho de Deus, que se fez homem para salvar os homens, que nasceu numa gruta, numa manjedoura de animais, sobre humildes palhas, na condição de homem tão humilhante para Deus, para nos ensinar a viver, a sofrer, a morrer. Para nos ensinar a amar-nos com caridade e a amar e servir a Deus.

Outros vendo apenas a data que desde crianças estão habituados a festejar, divertindo-se, na inconsciência da sua ignorância ou no ódio da sua perseguição, mas que quer num ou noutro caso prestando-lhe apesar de tudo, o culto da tradição, tão arraigado no espírito dos habitantes da Europa e até do mundo.

Mesmo aqueles que o não amam prestam a Jesus Cristo, o Galileu, nascido em Belém, o preito da sua homenagem, festejando segundo as normas da sua vida e data do seu nascimento.

É hoje mais do que nunca devemos festejar o Natal de Jesus, que é sinónimo do Natal da Bondade, da Caridade, do Amor, que veio inundar o mundo com o seu facho de luz sobrenatural. Hoje que nós vemos e bem perto de nós, o que são os homens que não crêem em Deus, quantos louvores não devemos a quem trouxe à terra o bem!

Agora mais do que nunca nos devemos refugiar no amor de Deus e compreender quanto é grande a maldade humana, quando lhe falta a centelha divina do amor de Deus, da Fé redentora.

Os homens que negam Deus, que o não amam mostram-se horrendos na vizinha Espanha. Incendeiam igrejas, praticam desaceitos. Matam torturando os homens, violam e desgraçam mulheres que depois matam. Massacram crianças. Nada respeitam e nada amam. Dizem que querem fazer a felicidade dos proletários, mas quando apanham o mando são verdadeiros tiranos.

A par disto nós mesmos os cristãos, os católicos, esses padres que odeiam e querem desacreditar perante a humanidade, fazem missionários, partem para os climas mais inhospitos e para quê? Para salvar as almas dos indígenas, que são nossos irmãos e a quem eles querem levar o conhecimento da religião, para que eles possam ser cristãos e filhos de Deus, gozar da felicidade eterna.

Vemos as irmãs de caridade, as freiras, aquelas que vivem para o amor de Deus e do próximo tratar os doentes, as mais repugnantes e contagiosas doenças, sem inquirir quais os sentimentos religiosos daqueles por quem se sacrificam.

Não sabem se eles as odeiam, elas amam-nos, porque são seus irmãos, como Jesus o doce Jesus lhes ensinou, que o fizemos. Amam-nos por caridade cristã com ternura e afecto.

O amor a caridade, o perdão das ofensas e por fim o perdão dos pecados e a vida eterna, foi o que Jesus ao nascer nas tóscas palhas da gruta de Belém numa fria noite de Dezembro, veio trazer aos homens, que viviam na ignorância das virtudes divinas.

O tumulo estava debaixo da dominação romana. Cruel e pesada, a caridade era completamente desconhecida daqueles que governavam, o amor e o respeito eram desconhecidos aos que eram governados. Ao desprezo e à indiferença dos de cima correspondiam com o ódio e a traição.

A crueldade expandia-se ás claras; como distração os jogos mais brutais, os combates ferozes, num desprezo absoluto da vida humana que nenhum valor tinha, eram a distração dos povos.

O luxo dos de cima era feito da tortura dos de baixo. Os senhores tinham direito de vida ou de morte sobre os escravos.

O escravo não era gente, era uma arma para engrandecer o senhor, era um animal que não contava e pelo qual ninguém se interessava.

O homem era mais forte, quanto mais cruel se mostrava, se era justo era inflexível, o bem não existia. Um escravo que adoeceia, que se aleijava, deixava-se morrer. Era um ente inútil, que já nada produzia e que não valia o menor gesto de interesse.

Numa fria noite de Dezembro, numa gruta da Palestina à meia noite, nasceu uma criança. Fi-

## O NATAL DE JESUS

lho duma virgem e de Deus. Trazia nas suas suas pequeninas mãos a redenção do mundo, e, a felicidade dos homens.

A resignação e a conformação ao sofrimento,



A Virgem e o Menino — Quadro de Baldovinetti

condição da humanidade a que ninguém pôde fugir.

Essa criança que os profetas anunciaram, o Messias esperado, trazia ao mundo as mais lindas idéas, que iluminam desde então o mundo como cintilantes estrelas de singular beleza.

Jesus trouxe ao mundo a Bondade, a Caridade. Instituiu a lei do Amor, a lei da Caridade. «Amai-vos uns aos outros como a nós mesmos».

Que linda lei esta, que abolindo escravos e senhores, tornou a humanidade melhor e consciente.

Com Jesus nasceu o cristianismo. Os senhores deixaram de ser tiranos, os escravos não foram mais inimigos, os homens eram todos irmãos.

Não há maior beleza do que esta.

A fraternidade por amor de Deus. Os homens filhos do mesmo Pae, irmãos pela ternura e pela caridade.

E' esta a verdadeira igualdade, aquela que nenhuma outra poderá modificar. A igualdade não dos bens, porque essa é impossível, mas sim das almas. Nós vemos os filhos dos mesmos paes, que nunca têm os mesmos bens. Se não os bens de fortuna, pelo menos os outros bens, que fazem a felicidade da humanidade. A saúde, a inteligência, a alegria e a bondade.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, os convertidos de ha pouco, observantes como nunca outros houve das leis de Deus, tinham a máxima caridade uns para os outros. Essa caridade que nasceu com Jesus e que é necessária a todos os homens essa linda caridade, que não é só dar esmolas aos pobres.

Pobres, remediados, ricos, todos precisamos da caridade do próximo, todos precisamos uns dos outros. E' uma lágrima, que acompanha a nossa dor, uma alegria, que se une a aquela que sentimos, um tratamento que nos minore uma dor física, tudo isso é caridade tudo isso é amor de Deus.

Esses pequenos actos de piedade, que até os pobres podem ter com os ricos é a fraternidade humana, que nasceu ha desanove séculos com o Natal de Jesus.

Nunca poderão ser sinceras as teorias de fraternidade, que se querem impôr pela violência e pela brutalidade. Não é assassinando, torturando, destruindo que se mostra amor e a fraternidade tem de ser amor.

Esse amor que nos trouxe a creança Deus, esse amor feito de perdão e de indulgência, tanto mais para admirar, que veio com Aquele que logo á nasção foi perseguido pelo odio; que inspirou a Herodes, a matança dos inocentes, esse Amor de essência Divina, que tudo santifica e purifica. Para que procurem os homens outros ideais de beleza e de elevação moral, de Caridade e de Fraternidade?

Porque estes não são bons? Não; é porque o espírito do mal, que hoje sopra do Oriente, como do Oriente nos veio o bem, quer destruir o bem que ha e em vez de o tornar mais extensivo a todos, quer esmagá-lo.

E a culpa não é só daqueles que possuem do espírito do mal em nada creem, é também dos que se dizem cristãos e esquecem a lei de Cristo. E' de aqueles que dizem amar a Jesus e não querem compreender o que Ele veio trazer ao mundo, é daqueles que esquecem que a Caridade é uma lei Divina e que não basta atirar com uma esmola a um pobre, é preciso dar-lha com amor com ternura, com espírito cristão.

E a esmola não é só de bem materiais é também a de ensinar aos ignorantes a palavra de Christo, os seus ensinamentos. E todos temos de o glorificar exercendo com amor esse apostolado do bem, que é feito do amor ao próximo.

E todos devemos em união festejar o Natal de Jesus, o maior acontecimento do Mundo, e por qualquer forma o reverenciar. Já que não podemos como esses pintores primitivos e da Renascença, como Baldovinetti, de cujo belo quadro fazemos em gravura uma reprodução; homenagem ao Natal de Jesus representando-o e a Sua Santíssima Mãe com ingénuo espírito cristão, dediquemo-nos nesta época a fazer o bem, a melhor homenagem Aquele que veio á terra, trazê-lo aos homens.

Que o bem seja feito em reparação do mal, que ao ódio e ao exterminio se corresponda com a Caridade e o bem e que o Natal de Jesus seja o Natal da Caridade, da Bondade.

Acabemos com o ódio que aterrorisa e não prende e tenhamos uns aos outros o amor que enleia e eleva almas e corações.

Foi Jesus que nos deixou a máxima sublime do: «Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei!» No seu cumprimento integral estaria solucionado o terrível problema que afflige a humanidade desde que o mundo é mundo.

Adentro do principio cristão, seguindo o que o Evangelho nos ensina, devemos tornar-nos dignos, tanto quanto possível, do Redentor que se deixou sacrificar para nos dar o exemplo.

Ponhamos de parte os ódios mesquinhos, e, se não podemos ser tão perfeitos como anjos, atendendo à nossa mísera condição humana, façamos o que estiver ao nosso alcance para nos aproximarmos da Imitação de Cristo.

Maria de Eça.





A verdadeira festa do Natal é aquela que reúne uma numerosa família em volta da mesa coberta por fina toalha de linho, herdada de seus maiores, e, que tem visto reunidas em festas lúbricas, gerações sucessivas da mesma família.

É o apetite com que se come o gordo porê recheado e se fazem saúdes alegres, entre aquelas que verdadeiramente se estimam, tendo por música as gargalhadas das crianças.

Não é a ceia interrompida pela dança ao som repugnante de desolados «jazz-bands», que crispam os nervos delicados. Esses hábitos que pouco a pouco se infiltraram na vida moderna, docemente e a pouco e pouco têm sido a causa dessa dissolução das famílias, desse anarquismo do sentimento, que tão bem prepara o terreno às sangrentas reivindicações, daqueles que não hesitam em destruir um país inteiro pelo fogo, apojando-o em sangue e lama infecta.

Que a festa da família volte a ser entre nós o que era e que na proclamação conservadora continua a ser, a reunião daqueles que se estimam e que vivem na união dos laços de parentesco e que comemoram com alegria simples a vinda ao mundo do Salvador dos homens, que lhes não trazem as mais belas leis de fraternidade e união fazendo desabrochar a deslumbrante flor da caridade, até o desconhecida, e que nesta festa tão bela nos deve estar sempre presente, fazendo com que não esqueçamos os desprotegidos da sorte.

Maria de Eça.

### A moda

ESTAMOS na época das festas. O Natal o dia de Ano Bom, oferecem nos ensejo para mostrar as lindas «toilettes» de inverno, quer nas festas particulares e de família, quer nos «reveillons» e ceias dos restaurantes elegantes, dos casinos e de outros pontos de reunião.

É a época de começar a frequentar chás e diversões. Depois da chegada a azafama de modistas, chapelieiros, sapateiros e agora é a ocasião de mais socegradamente escolher uma «toilette» para uma festa, em que se deseja brilhar, para um chá em que a vaidade tão natural na mulher, que deseja agradar e impor a sua elegância, lhe sugira a ideia de se mostrar em todo o seu canto de mulher «chic».

É também a época em que se fazem muitos casamentos e as noivas esperam ansiosas o modelo que as tornará mais belas nesse dia em que, mais que nunca, desejam agradar.

O cortejo de casamento é também ocasião para «toilettes» e desfile de elegâncias.

Como modelo de vestido de noiva damos a interessantíssima «toilette» usada pela simpática «estrela» do cinema Maureen O'Sullivan a mais recente noiva do cinema que contraiu matrimônio com John Villiers Farrow.

No clássico setim branco o vestido da encantadora artista da Metro-Goldwyn-Mayer, mantem-se na sua cor-reção, nos limites do clássico vestido de noiva, o que só prova o seu bom gosto. O ramo que leva guarnecido, por-fizes de setim branco, é lindíssimo e com a sua frescura e arte, faz realçar a beleza da artista e a sua resplandecente mocidade.

Para vestido de tarde temos um lindo «veux pièces» em pano setim verde amândoa do mais elegante e lindo corte.

De feito princesa a parte superior do corpo é em setim do mesmo tom, marca o decote um lindo «clip» em metal dourado. O casaco curto tem a moderna forma da aba «pockets» e a gola que o enfeita é em «caracul» verdadeiro. O casaco é forrado do mesmo setim que forma

As ideias bolchevistas e comunistas com que os soviéticos russos tentam, gastando rios de dinheiro numa maldita propaganda, submergir a família, no seu ódio a tudo o que há de sã e de bom na sociedade, é o perigo que ameaça o mundo.

A família é em especial o alvo dos ódios dessas hordas infames, que a querem destruir espezinhando a honra das mulheres, desunindo as crianças daqueles que são o seu natural apoio e fazendo cair todos os belos sentimentos, que elevam a sociedade humana acima dos animais irracionais.

A família perseguida pelo ódio comunista, tem de se defender, na união cada vez mais profunda daqueles que a compõem, a união da família é a barreira para entabalar e não deixar germinar e produzir a semelhança de que elevam a sociedade humana acima dos animais irracionais.

Acabemos com esses costumes dissolutos de festejar o Natal por hotéis e «cabarets», que nos dão a impressão que o lar familiar é uma coisa que já não existe.

# PÁGINAS FEMININAS

a parte superior do corpo do vestido. É um conjunto da maior elegância e que realça a beleza de uma Merkel a galante «estrela» da Metro-Goldwyn-Mayer.

Como casaco de abafio, um dos mais recentes modelos da Casa Patou. Em pano preto do melhor, ajustado ao corpo que modela com a maior elegância, o seu corte «à godets» dá-lhe em baixo bastante corte, que larga tira de raposa preta sublinha, sublinho na frente rodando o pescoço, como a mais bela gola.

É um gracioso modelo, que é completado pelo pequeno chapéu em feltro, de forma original e que é guarnecido por um penacho de penas de galo que faz lembrar as que usam os «bersagliers» soldados italianos. «toilette» chic e do melhor gosto.

Como abafio para a noite, uma linda capa em raposa branca. Forrada de setim branco é do melhor gosto e dum luxo que nem todas podem atingir, porque é caríssima a raposa branca.

Como guarnição de vestidos de noite, veem-se muito este ano as plumas. A nossa gravura mostra como a linda e elegantíssima marquesa de Dufferin and Ava, guarnece uma das suas «toilettes» que muito faz realçar a sua delicada beleza de loira.

É para notar a elegância com que usa as suas pulseiras de brilhantes. A marquesa é célebre na sociedade inglesa pela beleza e quantidade das suas jóias e pela arte com que as escolhe «assorties» ao vestido.

### Escola de pais

UMA das mais úteis e interessantes associações é a de escola de pais. Madame Cerine, a sua presidente, diz-nos o que ela é:

«A profissão de educador, não requer só ternura, mas também a arte de observar e compreender os pequeninos. Intuição de higienistas e de psicólogos, sem sentido nato ou adquirido da sugestão e da autoridade.

A escola de pais, é composta de pais e de mães conscientes das suas responsabilidades familiares, sociais e nacionais, decididas a usar e a propagar os métodos, que a experiência demonstra mais eficazes, para amar a juventude em vista do futuro. A ciência da moral e da autoridade são as mais importantes de todas. Delas dependem a grandeza e a vitalidade dos povos.

A criança nasce boa, mas com tendências para o mal e eis porque é preciso preparar a

conduzir a criança com toda a doçura e alegria para o esforço da vida e para a luta que é uma verdadeira lei vital.»

As teorias de madame Cerine que na prática têm dado o melhor resultado, inspiram-se nos célebres métodos de educação desde o de Jean Jacques Rousseau e Froebel até ao de Maria Montessori e de M.<sup>lle</sup> Malot a fundadora do sistema francês educativo.

Esta escola pertence a todos os pais franceses. É uma cooperativa de ideias e de boa vontade. É para todas as Ids, está acima de todos os partidos, querendo realizar a união sagrada em volta da família.

Éra muito interessante que se fizesse em Portugal uma obra semelhante, porque entre nós a educação da criança sente-se muito do excesso de ternura dos pais, que se ocupam mais em amar os filhos e estraga-os com mimo, do que propriamente de se educar.

É aproveitando o esplêndido método João de Deus, que linda obra nacional, não seria essa escola de pais, que saberiam educar filhos bem portugueses e úteis cidadãos.

### As mulheres no romantismo

As mulheres do romantismo sofreram aos grandes homens da época muitas traições e egoísmos. Os poetas que escreviam chorando eram tão egoístas como os desportivos de hoje.

Chateaubriand, Alfred de Vigny, Alfred de Musset, nas páginas em que desalojavam a alma falavam de amor eterno, derramavam lágrimas sobre o sentimento, o que os não impedia de serem egoístas na vida prática.

Chateaubriand aproveitou para o seu «Génio do Cristianismo» a documentação trabalhosa aumentada em Roma por M.<sup>me</sup> de Beaumont, que quando morreu já não tinha ilusões sobre o seu apaixonado.

Alfred de Vigny dedicou todo um poema a Delphine Gay, o que o não impediu de casar com uma inglesa rica, para satisfazer a sua mãe e o seu

egoísmo. Alfred de Musset foi o mais infiel possível a George Sand e fez um barulho terrível, quando descobriu que ela o atraíra com um médico italiano.

Marceline Desbordes Valmore expande em verso a dor da traição do seu poeta.

Só M.<sup>me</sup> de Staël escapou a essas torturas, porque o seu cérebro de homem dava-lhe um senso lógico, que a defendia. Os românticos como os positivistas tinham qualidades e defeitos inerentes à humanidade.

### Higiene e beleza

**Manchas vermelhas:** — As manchas vermelhas na pele são muito frequentes nas mulheres louras, devem-se a um desarranjo da pigmentação, accentuado pelo ar quente e os raios solares.

Há quem trate de as combater com as loções de lírios tão preconizadas como inúteis. Os únicos produtos que dão resultado são os ácidos, medicamentos irritantes que renovam a epiderme.

Uma loção que as peles delicadas toleram a seguinte: Clorato de soda, três grammas, borato



Pode fazer-se este prato substituindo o rim por crêpe de camarão.

**Sonhos de camarão:** Tomam-se cerca de seiscentos grammas de farinha e põe-se em suspensão em seis decilitros de água; deitando a farinha a poucos e poucos, tempera-se com sal e leva-se ao lume a cozer numa çacarola.

Depois de cozida tira-se o caldo ou massa do lume e deixa-se arrefecer. Estando fria, junta-se-lhe um bocado de manteiga, uns trinta grammas, pimenta, salsa picada, sal e uma porção de camarão reduzido a polme.

Mistura-se tudo muito bem, em seguida vão-se deitando na massa ovos, um a um, uns cinco ou seis, e batendo-a bem, não a deixando ficar rala.

Põe-se ao lume numa çacarola azeite bom, e quando elle ferve requeima-se-lhe dentro com uma colher, pedações da massa, que devem enfiar ao cair no azeite, conservando-se dentro d'elle até que estejam bem loiros, formando os sonhos.

Pode usar-se o mesmo processo para peixe cozido em vez de camarão e assim aproveitar algum peixe que tenha ficado.

### De mulher para mulher

**Aida** — É um costume encantador esse de dar uma pequena lembrança pelo Natal aos que nos são queridos.

É uma gentileza que é sempre muito apreciada. A seu marido ofereça-lhe um livro visto dizer-me que é o que elle verdadeiramente gosta. A sua filha um brinquedo é o que as crianças mais apreciam. Isto de dar coisas úteis é muito prático, mas não sempre causa prazer.

**Julietta** — É segundo o sitio e os costumes. No Norte usa-se ceiar antes da missa do galo. Em geral á hora a que agora jantamos e por esse motivo a ceia é de peixe, visto a vespêra de Natal ser dia de abstinência, mas para o Sul aqui em Lisboa ceia-se no fim da missa e portanto é já dia de Natal e festa, pôde comemorar-se de tudo.

**Carlota** — É segundo o género de «Reveillon» a que vai assistir. Se é em família com umas simples e elegante «toilette» estará muito bem. Se é uma dessas ceias em Casinos ou hotéis é em vestido de baile que se deve apresentar.

**Alice** — O vestido preto é sempre elegante e usasse sempre. Faça o vestido de saia e casaco com uma blusa em «lamé» de prata ou em renda branca ou crua. Fica uma linda «toilette» para casamento e que depois poderá usar como «toilette» de cerimónia em chás e festas.

**Belita** — Dedique-se às línguas e aproveite esse predisposição, nada há mais pífico. Leia muito, nada melhor para construir. Aconselho-lhe os livros de Antero de Figueiredo, espirito gentilíssimo, que cultiva a Arte com carinho e que pelo que vejo da sua carta há de compreender e apreciar. Não faça o que me diz no fim da carta, arrependendo-se lá sempre.



de soda, 2 grammas, glicerina, 30 grammas, água de rosas, 170 grammas, álcool 10 grammas, essência de rosas 10 grammas.

Para as peles que suportam coisas mais fortes pôde empregar-se esta outra receita: Sublimado 0,30, salol 0,10, essência de gerânio 10 gotas, álcool a 90°, 10 grammas, água de rosas, 100 grammas.

Se qualquer destas receitas não dá resultado, não há meio senão recorrer à electricidade. Este tratamento é radical e dá sempre resultado, o único defeito é ser caro. Mas, para ser bonita gasta-se dinheiro e sofre-se tudo.

### Receitas de cozinha

**Podim de arroz com rim:** — Coze-se primeiro o arroz em água e sal e uma cebola pequena na qual se espetam cravos de cabecinha. Quando estiver quasi cozido e enxuto, acabe-se de cozer com um pouco de leite e deita-se-lhe a manteiga bastante, para a temperar.

Corta-se o rim às rodas, depois de lavado e tirado o véu que lhe pôde dar mau sabor. Salteia-se rapidamente em manteiga, tendo-o previamente passado por farinha de trigo.

Quando está quasi pronto, deita-se um copinho de vinho Madeira, sal, pimenta, salsa picada e tapa-se a frigideira, para ferver um pouco.

Desenforma-se o arroz, pondo o podim numa travessa ou prato redondo. Deita-se o rim no buraco do podim, pois a forma deve ser das de buraco.

Em volta do podim e por cima deita-se o molho grosso.





## Festas de caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Com uma enorme e selecta concorrência realizou-se na tarde do dia 3 do corrente nos magníficos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção desta elegante agremiação, a primeira festa de caridade deste inverno, que constou de «Chá Mah-jong», havendo também mesas de «Bridge» e «Bluff», cujo produto se destinava a favor da Obra de Auxílio a Pobres Doentes e foi levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Berta Ortigão Ramos, D. Carmen Burnay de Vilhena, Condessa da Ponte, D. Gabriela Anjos de Vilhena, D. Isabel Brazão de Somer, D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Júlia Cardoso Castilho Santos Silva, D. Luisa Ulrich Pinto Basto, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria Burnay de Lancastrre, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Emília de Bivar, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Pilar Soto Maior Pinto Basto e Viscondessa de Almeida Garrett.

O aspecto dos vastos salões do Club Tauromáquico, nessa tarde era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade que ali deram ponto de reunião.

Essa data é sem dúvida alguma feliz por que já o ano passado nesse mesmo dia se efectuou nesses mesmos salões uma festa idêntica, que também foi concorridíssima, devendo portanto a comissão organizadora ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

## Casamentos

Celebrou-se na paróquia de Santa Catarina, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ermelinda Ornelas Gomes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Ermelinda Natália Ornelas Gomes e do sr. Francisco Paulo Gomes, já falecidos, com o sr. Abtínio Capelo de Carvalho Boavida, agente técnico de engenharia no Districto de Viana do Castelo, filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana Luísa Capelo de Carvalho Boavida e do sr. António Marques Boavida, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Gabriela Jervis Pereira e D. Carmo Capelo de Carvalho Boavida Lopes, irmã do noivo e de padrinhos os srs. António Jervis Pereira e dr. Guilherme Antunes Lopes, cunhado do noivo, presidindo ao acto o prior da freguesia, reverendo Bento Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do irmão da noiva, empregado superior da Companhia de Seguros Nacional, sr. Fernando Ornelas Gomes, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Viana do Castelo, onde foram fixar residência.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Melo da Silva Lelo, viúva do sr. José Pinto de Sousa Lelo, e por seu filho José, foi pedida em casamento para seu filho e irmão Edgar, a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Maria de Azevedo Mendes Pereira Campos, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Izolina Mendes Pereira Campos e do sr. Ezequiel de Campos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo mês de Janeiro.

— Em Estarreja, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Natália Marques Figueira, com o sr. Vasco Rodrigues Pais, chefe da Agência da Caixa Geral dos Depósitos, em Estarreja, servindo de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Alzira da Costa Pais e D. Miquelina da Costa Pais, tias do noivo, e de padrinhos os srs. Manuel Marques Figueira, pai da noiva e dr. António da Costa Pais, tio do noivo.

Terminada a cerimónia, os noivos, a quem

## VIDA ELEGANTE

foram oferecidas grande número de valiosas prendas partiram para a capital, onde vieram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide de Meireles Teixeira Coelho, para seu sobrinho o sr. dr. Alberto Ribeiro de Meireles, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Alvares Ribeiro de Meireles, já falecida e do sr. António Maria de Meireles, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza de Meneses Pita e Castro Vieira Peixoto de Vilas Boas (Guilhomil), gentil filha dos srs. viscondes de Guilhomil, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na igreja de S. José, em Coimbra, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Alice Manuela Barbosa Leitão, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Alice



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ermelinda Ornelas Gomes, com o sr. Abtínio Capelo de Carvalho Boavida, celebrado na paróquia de Santa Catarina. Os noivos com os caudatários

Barbosa Leitão e do distinto advogado sr. dr. António Leitão, com o sr. dr. João Correia Vilares, filho da sr.<sup>a</sup> D. Sofia de Vale Correia Vilares, já falecida e do sr. João Vilares, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.<sup>a</sup> D. Arminda da Vale Correia Vilares, e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Para seu filho e enteado sr. dr. Eduardo de Brito e Cunha, foi pedida em casamento, pela sr.<sup>a</sup> D. Eliza da Rocha Leão de Freitas, esposa do sr. António Domingues de Freitas, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Izabel Vilardebó Chaves, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Inácia Braamcamp de Matos Vilardebó Chaves e do distinto engenheiro sr. Henrique Chaves, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

## Nascimentos

Na praia da Granja, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Rebelo Valente Olazabal, esposa do sr. D. Jaime de Olazabal y Mendoza. Mãe e filha estão bem de saúde.

— A sr.<sup>a</sup> D. Lídia da Conceição Paiva Simões, esposa do sr. Lino Simões, teve o seu bom sucesso, em Famacão. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Luíza de Barros Vidal, esposa do sr. dr. Carlos Vidal. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.<sup>a</sup> D. Ivone Carvalho Santorum, esposa do sr. Rafael Santorum Júnior, teve o seu bom sucesso, tendo sido assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Joaquim Shearman de Macedo, interno da Maternidade Alfredo Costa, coadjuvado pela diplomada sr.<sup>a</sup> D. Carmen Ferreira. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Maria Genoveva Feio de Azevedo de Almeida d'Eça, esposa do sr. dr. Luiz de Moura Coutinho de Almeida d'Eça. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Na sua casa da Foz do Douro, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Sofia da Mota Marques de Sousa Pinto, esposa do segundo tenente da armada sr. Basílio de Sousa Pinto. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.<sup>a</sup> D. Inês Maria de Carvalho Pereira Cabral Viterbo Ferreira, esposa do sr. Jorge Viterbo Ferreira, teve, na praia da Granja, o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Num quarto particular da Maternidade Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Ernestina Miniz da Silva Botinos, esposa do distinto advogado sr. dr. João Botinos, sendo assistida pelo ilustre professor sr. dr. Costa Sacadura. Mãe e filha encontram-se felizmente de saúde.

## Baptizados

Em Cascais, celebrou-se na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, o baptizado da menina Luíza Maria, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Olimpia de Barros e Vasconcelos de Araujo Miranda e do sr. D. Eduardo de Castro e Távora de Araujo Miranda, tendo servido de madrinha sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina de Barros e Vasconcelos de Araujo Miranda e de padrinho o sr. João Formosinho Sanches Simões, presidindo ao acto o prior de Turcifal, reverendo Joaquim Lopes Seisal.

— No Porto, celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o baptizado do filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana dos Santos Gomes e do sr. Cândido Augusto Gomes, tendo servido de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Alexandrina Marques Pinto e de padrinho o sr. Alípio Teixeira Pinto.

— Celebrou-se na capela da Casa de Portas, o baptizado do menino Manuel Henrique, gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena da Costa Soares Vilas Boas e do sr. Abílio Cabral Peixoto de Vilas Boas, servindo de madrinha sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Noémia Lídia da Costa Soares e de padrinho seu primo o sr. João Rodrigues da Costa (Aldão), presidindo ao acto o reverendo abade de Vila Fria.

— Em S. João de Lobrigos, celebrou-se o baptizado da menina Maria Luciana interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Lúcia Leopoldina de Sousa Ferreira e do sr. Cândido de Sousa Ferreira, tendo servido de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Olívia Gonçalves Vaz de Carvalho e de padrinho o sr. Gil Alberto Vaz de Carvalho.

— Celebrou-se em Afife, na capela da Casa de Cabanas, o baptizado do gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena de Pamplona Homem de Melo, e do sr. dr. Pedro da Cunha Pimentel Homem de Melo, servindo de madrinha a avó paterna sr.<sup>a</sup> D. Maria de Pilar da Cunha Pimentel Homem de Melo e de padrinho o avô materno sr. José Rangel Pamplona.

— Na capela da Quinta das Sete Fontes, celebrou-se o baptizado da menina Maria José, interessante filha dos srs. Viscondes de Fijó, tendo servido de padrinhos seus avós, os srs. Condes de Fijó, presidindo ao acto Sua Reverendíssima o sr. Bispo Conde D. António Antunes, que foi acolitado pelo reverendo Estréla Ferraz, prior de Santo António dos Olivais.

D. Nuno.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; e Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebelo Espanha.

IMPRESA

Publicações recebidas

*Deca* — do Rio de Janeiro. — Por intermédio da *Tertúlia Edípica* recebemos o n.º 13 desta revista litero-pansofista, órgão e propriedade do *Deca*, sociedade de propaganda e cultura charadística brasileira.

Do sumário desta interessante e bem elaborada publicação de confrades de além-mar consta: Secção literária; Pensamentos; Boato Falso; Secção de Palavras Cruzadas; Secção Charadística; Logogrifo a prêmio; Honra ao Mérito; (secção-extra, de homenagem aos fortes); Noções sobre charadismo; Xadrez e Salto de Cavalo.

*O Charadista* — de Lisboa. — Foi dado à estampa o n.º 68 desta esplêndida revista charadística, a mais antiga do género em Portugal, órgão e propriedade da *Tertúlia Edípica*, sociedade charadística para a difusão e propaganda da Arte.

Sumário:

Pelo Charadismo: O 1.º Congresso Português; Resultados de 1935; Carta de Lisboa, de *Jofralo*; Breves noções de poética, secção a cargo de *Ordisi*; Secção Charadística; Album de *O Charadista*; Notícias várias; Palavras Cruzadas, enigmáticas e Xadrez.

Agradecemos.

APURAMENTOS

N.º 63

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILVA LIMA

N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 1, Mad Ira

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 13 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.<sup>ª</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, Rei Mora, Ti-Beado, X 505.

SECÇÃO CHARADÍSTICA  
**Desporto mental**  
NÚMERO 72

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 10. — Salustiano, 10. — Rei Luso, 10. — Só-Na-Fer, 10. — Só Lemos, 10. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 10. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9. — Lamas & Silva, 8. — Salustiano, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 6. — D. Dina, 5. — Lisbon Syl, 5. — Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Fasto-tosa-fastosa. 2 — Ora-ração-oração. 3 — Ducado-imperial. 4 — Coitada. 5 — Veleiro-vero. 6 — Farelo-falo. 7 — Cifa (C (100) I (um) fá). 8 — *Atrofia*. 9 — Abra-braco-abraco. 10 — *Artemágico*. 11 — Largada. 12 — Cãveira-cara. 13 — Lóbo não mata lóbo.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) O demónio do homem brinca sempre na paragem do eléctrico... (2-2) 3.

Lisboa Laura Ensa

2) Aquele que fala entre dentes tem por fim conseguir algum descrédito para os outros. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

3) Persisto em que uma pessoa débil não deve comer galinha da Índia. 2-2.

Lisboa S. Irene

4) Eram dois porcos ou um porco que descia a ladeira? 2-1.

Lisboa Sepol

5) Quem apanha uma pilota fica sempre com pena de ser castigado. 2-1.

Luanda Ti-Beado

SINCOPADAS

6) A arte de nadar é muito cultivada na nossa pátria. 3-2.

Luanda Ti-Beado

7) És por mim tão ternamente amado, que — quando longe — meu coração não está tranquilo. 3-2.

Lisboa Yzinha

8) Uma mulher feia não é digna de alimentação. 3-2.

Lisboa Zé da Barra

TRABALHOS EM VERSO

MEFISTOFÉLICA

9) Temo as noites de inverno, De tão tenebroso manto, Em que a Lua branca e fria Morre e perde o seu encanto!

Tremo quando principia  
Horroroso trovejar...  
Se é noite desejo o dia,  
Se é dia fico a rezar.

Se de trovejar não cessa  
E principia a chover,  
Eu então perco a cabeça  
E só desejo morrer! — (2-2) 3

Lisboa X 505

NOVISSIMAS

10) O Zêquinhas Malaquias,  
Um cábula e mandrião,  
Causa zangas e arrelias  
Ao professor na lição.

«Ora diga, meu rapaz,  
Mas pense nisso primeiro,  
Como se chama quem faz  
Cestos?» — Chama-se cesteiro!

«Por resposta tão bem dada — 1  
Nesta lição, sem favor,  
Vou dar-lhe nota elevada  
Lindo rapaz, sim senhor!» — 1

«Veja agora se me explica,  
Responda, porém, certo,  
O nome de quem fabrica  
Cordas?» — Deve ser cordeiro!

Lisboa Dama Negra

SINCOPADAS

11) Es ingrata e fementida!  
Tantas juras me fazias!  
«Que era a luz da tua vida»...  
Quando, afinal, só mentias!

Ésse nobre sentimento,  
Que te atrevesse a matar  
Com a dor e o desalento,  
Não soubeste apreciar!

Coração de pedra dura,  
Olha o meu sonho onde vai!  
Balão que vive na altura,  
Mas que morre quando cai!

Tanta generosidade  
Que dizias possuir!  
Mas generosa, em verdade,  
Tu só eras no mentir!

Simple alma assim ferida,  
Não mais crê na boa sorte...  
Há sómente um bem na vida:  
Ésse bem chama-se MORTE! — 3-2.

Lisboa Calaveras

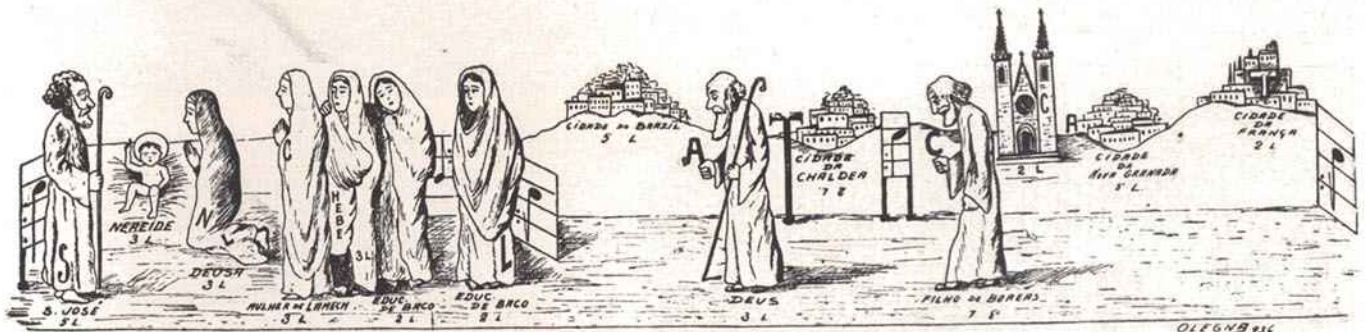
TRABALHOS DESENHADOS

12) ENIGMA FIGURADO

(Com os meus agradecimentos ao Ex.<sup>mo</sup> Directo e a todos os confrades)

Biscaia — Alb.-a-Velha

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.





# ASPECTOS

DA

# REVOLUÇÃO

## NACIONALISTA EM ESPANHA



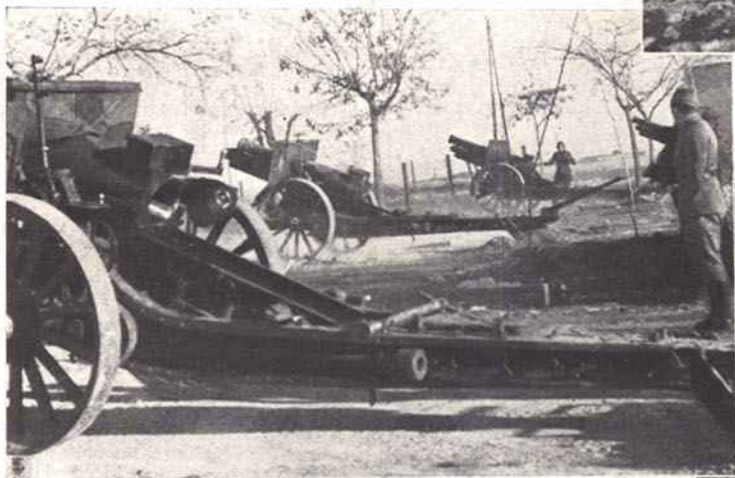
O coronel Rada, chefe dos Requetés, ostentando a sua boina vermelha que simboliza o tradicionalismo carlista, pelo qual combate com a sua fé inquebrantável de paladino. Segundo as suas últimas declarações, a luta há-de prosseguir até completa libertação da Espanha que seus avós lhe ensinaram a ver una e indivisível



Os requetés de Salamanca prontos a marchar para a frente, hasteando o seu tradicional pendão que tem por legenda: «Deus, Pátria e Rei». Neste momento grave, não os preocupa o problema dinástico, mas a expulsão completa e imediata das hordas bárbaras que se empenham em despedaçar tudo o que de bom existe na Espanha



O lastimoso estado de uma rua de Madrid após um bombardeamento da aviação nacionalista. As próprias árvores não foram poupadas. Assim se explica que os libertadores da Espanha se tenham absteído de ataques mais violentos, visto ser-lhes penoso entrar em Madrid por entre montões de ruínas. Entrarão, mas entre as palmas festivas do triunfo



Uma bateria de 15 fazendo fogo sobre a Cidade Universitária. Por aqui se vê o encarniçamento duma luta que terá a sua justa finalidade apesar-das ajudas moscovitas. E' duro o transe, corre muito sangue, são necessários sacrificios... Mas que valer poderia ter a vitória sem tudo isso?



Esta gravura mostra a abnegação da benemérita Cruz Vermelha que, sob um fogo intenso, faz a condução dos feridos. É encantador verificar que, entre tanta ferocidade, ainda há almas nobres e puras, cheias de bondade e amor do seu semelhante, que sob todos os riscos e através de todos os sacrificios, arrancam vidas a uma morte certa. No final, quando os heróis vitoriosos derem largas ao seu entusiasmo, quando lhes junquem a passagem de flores, quando os corêem de louros, numa homenagem aliás merecida, não se esqueçam dos pioneiros da Cruz Vermelha que tantas e tantas vezes sacrificaram a vida para salvar a do pobre ferido em pleno campo de batalha. Lembrem-se deles, que, na sua modestia entenedora, há de ser difícil encontrá-los. — À esquerda: uma barricada em Madrid, vendo-se indivíduos de várias nacionalidades que os seus trajos bizarros denunciam. Quando um perigo terrível, ameaçava subverter um país com todas as suas tradições gloriosas, não seria para admirar que os verdadeiros patriotas se erguessem a defender o torrão em que nasceram, sacrificando vida e haveres com a maior abnegação. Em volta do estandarte libertador da Espanha apertam-se, cada vez mais, milhares de corações valorosos.







*Cupe os seus olhos  
os dos seus filhos*

#### Empregando a nova lâmpada de trabalho

#### Os vinhos do Porto «Sandeman»

Na quadra alegre e festiva que vamos iniciar não haverá mesa particular ou pública em que não figure, no lugar que legitimamente lhe compete, o vinho do Porto, o melhor vinho do mundo.

E quem fale ou pense no vinho do Porto ocorre-lhe imediatamente a afamada marca «Sandeman» que tem levado aos quatro cantos do mundo os seus apreciados vinhos que conseguiram conquistar, e bem justificadamente, um lugar de honroso destaque.

Porque constitue hoje «Sandeman» uma absoluta garantia, inspirando a maior confiança nos mais exigentes mercados do mundo inteiro?

Porque é ele o preferido pelos apreciadores do delicioso nectar?

Porque os tipos dos seus vinhos são uniformes, conservando permanentemente as suas excelentes qualidades.

Porque a sua preparação obedece á mesma rígida orientação que a tem caracterizado através os largos anos da sua existência e ainda porque, desejando manter a sua preponderância, só produz vinhos de primeira qualidade sem se preocupar com as vantagens comerciais dos vinhos inferiores.

A casa «Sandeman» possui as mais perfeitas e completas instalações, dispõe do mais importante «stock» de vinhos, em quantidade e qualidade, e cuida da sua preparação com o mais disvelado carinho.

Vamos passar o Natal, o Ano Novo e a Festa dos Reis e em todas as boas mesas tem de figurar o vinho do Porto. Escolhe-se o vinho «Sandeman» porque é incontestavelmente o melhor de entre os melhores. Dirijam, portanto os seus pedidos ao seu agente em Lisboa, Alvaro de Lacerda — Rua do Alecrim, 21, telefone 26 086.

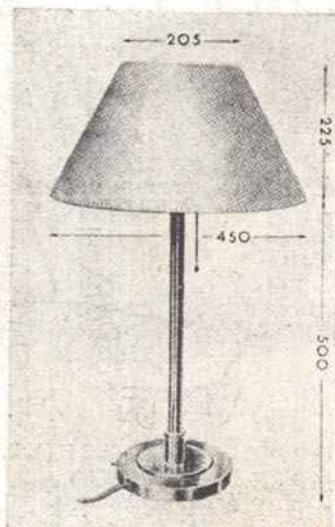
SABE tóda a gente que uma fraca iluminação pode gerar a miopia e que, quando os nossos filhos lêem a uma distancia menor de 0,30 cm. dos olhos estragam a vista. Para obviar a este grave inconveniente só se conhecem dois meios, melhorar a iluminação ou utilizar oculos, não devendo oferecer a mais pequena dúvida a preferencia do primeiro.

O diâmetro da pupila diminue com a idade, portanto quanto mais esta se adianta de mais luz se necessita, de melhor iluminação, que constitue um maior alívio para quem vê com dificuldade do que para quem vê com regularidade.

Para se lêr o tipo vulgar dum jornal necessita-se de uma luz três vezes superior á de que se carece para a leitura de um livro impresso. A costura é ainda mais prejudicial á vista do que a leitura e também para remediar este inconveniente se deve aumentar a luz, deve ter-se ainda presente que a leitura de uma página interessante iluminada num quarto escuro fatiga a vista, aconselhando-se, portanto, a utilização do candieiro de trabalho que ilumina uniformemente todo o compartimento.

E apesar das numerosas vantagens desta racional iluminação torna-se tão pouco dispendiosa que o seu custo não ultrapassa o de meio maço de cigarros. Por isso para poupar os nossos olhos e o dos nossos filhos devemos empregar a nova lâmpada de trabalho que as Companhias Reünidas do Gaz e Electricidade em boa hora lançaram no mercado.

Este Candieiro de trabalho é composto de um pé de latão cromado ou niquelado, de um suporte de lâmpada com interruptor de corrente, dum reflector em vidro opalino e de um quebra-luz de papel crême. É equipado com 2,50 de fio electrico maliaavel e com uma tomada de corrente. A resistencia da sua fabricaçáo e o



seu sóbrio estilo fazem com que êle seja adotado em todos os trabalhos em que se torne necessária uma iluminação intensa e uniforme, como, por exemplo, lêr, escrever, costurar, bordar, etc. É este o Candieiro de trabalho que se pode vêr e apreciar nos Armazens de Exposição das Companhias Reünidas de Gaz e Electricidade, da Rua da Boa Vista 35, no seu Stand á Rua 1.º de Dezembro 138. (Av. Palace Hotel) e em muitas casas da especialidade.

## “VINHOS ESPUMANTES NATURAES,,

# RAPOSEIRA



Na quadra que estamos atravessando, como nas demais festas de todo o ano, é do bom tom apresentar nas mesas escolhidas um bom vinho espumante. E quando dizemos espumante referimo-nos ao espumante natural, do tipo do clássico Champagne, que a lei, pelo decreto de 7 de Fevereiro de 1933, muito justamente distingue dos espumosos carregados do gaz artificial, com todos os defeitos que tecnicamente lhes são reconhecidos até mesmo sob o ponto de vista higiênico e sanitário.

De entre os espumantes naturais, que bem poucos são entre nós, destacam-se os das Caves da Raposeira, de Lamego, que datam de 1898 e que têm vindo aperfeiçoando de ano para ano a cultura das suas privilegiadas uvas.

Há portanto 38 anos trabalham os seus espumantes e nem uma vez só tentaram gasificar os seus vinhos o que lhes dá o prestigio de que sempre têm gosado. Para se fazer uma ideia da importância destas Caves basta saber que a média anual dos seus vinhos em stock é de 350.000 garrafas e que as suas caves e armazens ocupam cerca de 5.500 metros quadrados.

No Natal  
No Ano Novo  
Nos Reis  
Em todas as festas  
Nos Casinos  
Nos Restaurantes  
Nos Bars  
Nos Hotéis  
Em nossas casas  
O primeiro logar  
é sempre das Caves da Raposeira.



# PIM DE PESTA

## Xadrez

(Solução)

- |                |                      |
|----------------|----------------------|
| 1. D - 3 B D   | R - 3 C R (A, B, C)  |
| 2. D - 6 B R + | R ad lib.            |
| 3. D ..... +   | Mate                 |
| (A)            |                      |
| 1. ....        | R - 5 C R            |
| 2. D - 5 R     | R ad lib.            |
| 3. D ..... +   | Mate                 |
| (B)            |                      |
| 1. ....        | R - 5 R              |
| 2. D - 2 B D + | R + C ou R - 6 R (a) |
| 3. D - 2 R +   | Mate                 |
| (a)            |                      |
| 2. ....        | R - 4 D              |
| 3. C - 4 B R + | Mate                 |
| (C)            |                      |
| 1. ....        | R - 3 R              |
| 2. D - 8 B D + | R - 2 B R (b)        |
| 3. C - 5 R +   | Mate                 |
| (b)            |                      |
| 2. ....        | R - 4 D              |
| 3. C - 6 B R + | Mate                 |

## Bridge

(Problema)

Espadas - D. 4, 3.  
Copas - 7, 6, 5, 4, 3, 2.  
Ouros - D. 5.  
Paus - R. 2.

Espadas - 8, 7, 6, 5, 2. N Espadas - V. 10, 9.  
Copas - 8. O Copas - V. 10.  
Ouros - ---. E Ouros - R. 10, 9, 8, 7.  
Paus - 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3. S Paus - D. V. 10.

Espadas - A. R.  
Copas - A. R. D. 9.  
Ouros - A. V. 6, 4, 3, 2.  
Paus - A.

Sem trunfo. O joga 9 de paus. N e S dão meio chelem.

(Solução do número anterior)

S joga Rei de copas, N balda-se a 10 de ouros. S joga 8 de ouros, O balda-se a paus ou espadas, N balda-se a 2 de paus. E ou entra do 9 de ouros ou cede.

Se entra do 9 de ouros e joga copas abona 3 vasas a S, - Às de copas, Valeta de copas e 7 de ouros - que obriga a 3 baldas de O. N conjugará as suas baldas com as de O, fazendo N e S todas as vasas.

Se joga ouros, S faz o 7 de ouros e joga o Às de copas, obrigando O a baldar-se duas vezes, e joga depois o 6 de espadas, se O conservar carta de paus, aliás joga o Rei de paus e joga depois o 6 de espadas. N conjugará as suas baldas com as de O e fazem N e S todas as vasas.

Se E não entra do 9 de ouros: S joga o Às

de copas, O tem de perder a defeza em paus ou espadas, N balda-se a espadas ou paus.

S joga o 6 de espadas se O conservar carta de paus, aliás tira primeiro 9 de paus, fazendo N e S todas as vasas menos uma.

## Divórcios curiosos

As estatísticas, na América do Norte, demonstram que, em 1934, houve ali 4.042 divórcios, o número mais alto de que há memória!

Os motivos de alguns deles são extravagantes. Um marido americano fez ondulação permanente ao seu cabelo; a mulher não aprovou semelhante coisa, requereu o divórcio, em S. Francisco da Califórnia, e alcançou-o.

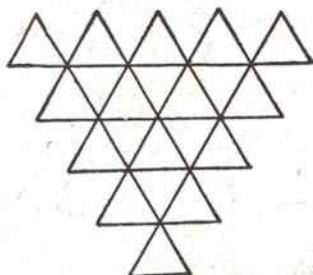
Outra esposa americana conseguiu o divórcio, porque o marido ressonava.

Outro caso interessante é o de um homem de Chicago, que depois de vinte sete anos de felicidade conjugal, se referia a sua mulher sempre como «a senhora fulana» em vez de lhe dar um nome mais íntimo. Ela ofendeu-se, requereu o divórcio baseando-se em ser vítima de «crueldade moral» e adquiriu a sua liberdade.

Inspira, porém, mais simpatia dum honrado cidadão que obteve o divórcio pelo facto de sua mulher, habitualmente lhe deitar por cima, enquanto ele dormia, óleo de fígado de bacalhau e «embrocation».

## Desenho a traço contínuo

(Passatempo)



Desenho a executar sem levantar o lápis do papel e sem passar duas vezes pelo mesmo traço.

## A maçã de Adão

Não há nada na Bíblia que indique ter sido uma macieira a «árvore no meio do paraíso terrestre», na qual Adão e Eva estavam proibidos de tocar. A tradicional maçã pertence a muitos mitologistas, entre os quais gregos e escandinavos. Mr. Lloyd Stark, uma autoridade na questão das origens dos frutos, julga que a tentadora fruta de Eden pode, muito bem, ter sido o pécego, que está evidentemente associado às civilizações chinesas, romanas, gregas e persas. O pecegueiro era a «Árvore da sabedoria» para os chineses e é significativo ter sido o pécego, primitivamente, a maçã persa. Em todo o caso, as versões da sagrada Escritura são um tanto vagas na identificação de aves e de animais mencionados no original e idêntica incerteza se estende até aos frutos.

## Os ratos e o queijo

(Passatempo)



Qual destes quatro ratos apanhará o queijo? Seguindo as linhas facilmente se desborira.

## Origem das pias de água-benta

Nos primeiros séculos da Igreja Cristã, os fieis tinham uma tão grande preocupação da pureza com que se deviam apresentar aos olhos de Deus que, gostando de exteriorizar os seus pensamentos por meio de símbolos, estabeleceram o uso de colocar no exterior dos templos recipientes com água, nos quaes lavavam as mãos antes de penetrarem no recinto sagrado. Depois desses recipientes foram sendo reduzidos de tamanho. Mais tarde, a fim de impedir profanações dos irreverentes, recolheram-os aos pórticos e depois ao interior dos templos, mas sempre bem junto da porta de entrada, para que os fieis executassem ao menos, o gesto simbólico de molhar as pontas dos dedos.

O maior pedaço de ouro natural que se tem extraído da Terra pesava 80 quilos e foi encontrado embutido nas rochas, no Donnelly, Estado de Vitoria (Austrália), no ano de 1869. Em 1859, na região mineira Ménesota, próxima do Lago Superior, foi também encontrado um bloco de cobre natural, com o peso de 420 toneladas, com 16 metros de comprimento por 4 metros e 1<sup>m</sup>,30, em média, de largura e espessura.

Os tribunais ingleses são muito severos para com quem trata mal os animais. Ainda o ano passado, um operário de Londres foi condenado numa multa 1.500\$00 por levar um pombo numa caixa demasiado estreita, e um caseiro de Middlesex foi condenado a três meses de trabalhos forçados por ter deixado morrer de fome alguns leitões cuja mãe era má criadeira.



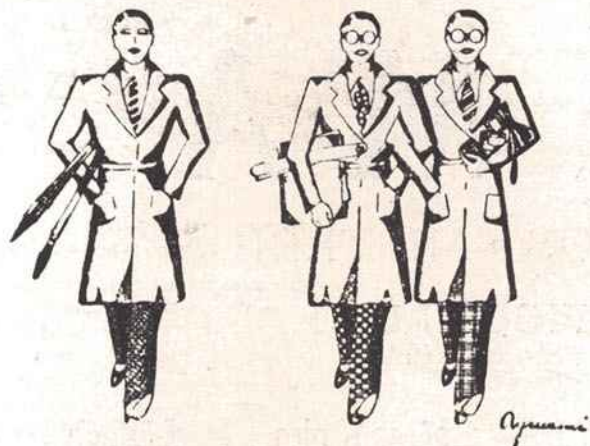
A herdeira rica: — Mas que maçã esta? Agora é outro idiota que se me está declarando pelo telefone.

(De «London Opinion»)



**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE **BERTRAND**  
2 1308 **IRMÃOS, L.** DA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA**

**Telefone 2 2074**



*Uma chavena d'*  
**'OVOMALTINE'**

*pela manhã  
dá energias para um  
dia de trabalho  
ao deitar  
assegura um sono  
tranquilo e natural.*

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercenarias em 1, 1/2 e 1/4 de lata  
DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

**GOTOSOS E REUMATICOS**

*Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o*

**ESPECIFICO BÉJEAN**



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades  
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**  
os **REUMATISMOS**

**Agudos ou Crónicos**

e todas as dores de origem artritica  
1.º unico frasco bastará para vos convencer da rapidez  
da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias  
**Produits BÉJEAN - Paris**



# UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 6.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . . **12\$00**  
Pelo correio à cobrança . . . . . **13\$50**

**Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## À VENDA

a 3.<sup>a</sup> edição, corrigida, de

# O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15\$00**  
Pelo correio, à cobrança ..... **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.<sup>a</sup> edição

# BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. **24\$00**  
Pelo correio à cobrança Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## À VENDA

o 5.<sup>o</sup> volume

# CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra *Camões Lírico*, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ESTÁ À VENDA A

7.<sup>a</sup> EDIÇÃO — 11.<sup>o</sup> milhar

# LEONOR TELES

“FLOR DE ALTURA”

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . Esc. **12\$00**  
Pelo correio à cobrança . . . Esc. **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

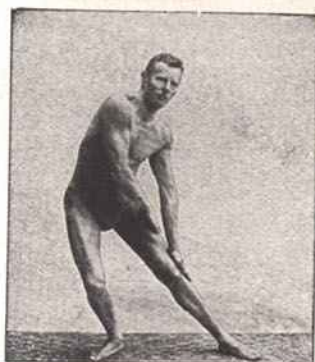
# DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a cores, broch. Esc. 12\$00;  
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



## A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio  
por dia

## O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido  
para melhorar fisicamente o homem  
e conservar-lhe a saúdeO tratado mais simples, mais ra-  
zoavel, mais pratico e útil que até  
hoje tem aparecido de cultura física

## Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem  
estar físicos e morais1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com  
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**  
pelo correio à cobrança **9\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA





# OBRAS DE JÚLIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>mo</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO BLAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

### Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

## ILUSTRADA

publicada sob a direcção  
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impercíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ...	10\$00
Cada vol., brochado. ....	120\$00
„ „ encadernado em percalina ...	160\$00
„ „ „ „ carneira ...	190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA





# O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**À VENDA**

a 2.<sup>a</sup> edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,  
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,  
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa





*O calorifero Vacuum 99 assegura o conforto de toda a familia, nesta quadra do ano.*



Só são Fogoreiros Vacuum aqueles que tem gravado a marca VACUUM

# Calorifero Vacuum 99